

**Bruno Beloli Milioli**

**A RELAÇÃO DA MERCADORIA ESPETÁCULO ESPORTIVO  
COM O PROCESSO DE FETICHE**

Dissertação submetida ao Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Patricia Laura Torriglia.

Coorientador: Dr. Vidalcir Ortigara.

**Florianópolis  
2018**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do  
Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Milioli, Bruno Beloli A relação da mercadoria espetáculo esportivo com o processo de fetiche / Bruno Beloli Milioli ; orientador, Patricia Laura Torriglia, coorientador, Vidalcir Ortigara, 2018.  
149 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Educação. 2. Espetáculo esportivo. 3. Estranhamento. 4. Ideologia. 5. Fetichismo da mercadoria. I. Torriglia, Patricia Laura. II. Ortigara, Vidalcir. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação.  
IV. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

“A RELAÇÃO DA MERCADORIA ESPETÁCULO ESPORTIVO  
COM O PROCESSO DE FETICHE”

Dissertação submetida ao Colegiado do Curso  
de Pós-Graduação em Educação do Centro de  
Ciências da Educação em cumprimento parcial  
para a obtenção do título de Mestre em Educa-  
ção.

APROVADO PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 27/08/2018

Dr<sup>a</sup> Patricia Laura Torriglia (PPGE/CED/UFSC - Orientadora)  
Dr Vidalcir Ortigara (UNESC/SC - Co-Orientador)  
Dr Maurício José Siewerdt (UFFS/SC - Examinador)  
Dr<sup>a</sup> Luciana Pedrosa Marcassa (PPGE/CED/UFSC - Examinadora)  
Dr Carlos Augusto Euzébio (UFPR/PR - Examinador)  
Dr<sup>a</sup> Astrid Baecker Avila (PPGE/CED/UFSC - Suplente)

Bruno Beloli Milioli  
FLORIANÓPOLIS/SANTA CATARINA/AGOSTO/2018

Prof. Elison Antonio Paim  
Coordenador do PPGE/CED/UFSC  
Portaria nº 1934



Aos trabalhadores de todo o mundo,  
representados na figura de minha  
mãe. (in memoriam).



## AGRADECIMENTOS

A minha querida mãe, Sandra Beloli (in memoriam), que mesmo ausente me reflete sua alegria, seu amor e sua bondade. *Mãe, A nossa luta é por uma pátria sem dúvidas nem dívidas, é por um país sem donos nem danos. Tá pensando que é mole, Mãe? (Damário Dacruz).*

A minha companheira Aline, pelo amor incondicional. Agradeço pelo incentivo e pelo acalento nos momentos mais difíceis. Obrigado por mostrar o lado bom da vida e ajudar a enfrentar os problemas do cotidiano.

Aos meus familiares – pai, irmã e tia – pelo encorajamento que me forneceram e pelo qual, de alguma forma, auxiliaram a suportar as eventualidades e superar as dificuldades da vida.

Aos professores Ana e Kabuki, pelos ensinamentos e pela confiança. Agradeço pelos conselhos e dedicação à construção de um mundo melhor.

Ao Amigo Bruno Colombo, pelas inúmeras idas e vindas à UFSC. Agradeço pelos diálogos frutíferos e pelas risadas.

Ao Carlos Augusto Euzébio Júnior, por abrir o espaço de sua casa. Agradeço pela solidariedade e pelas longas conversas amigáveis.

À Ângela Beirith, pela revisão desta dissertação.

Aos professores do Curso de Educação Física da UNESC, os quais foram essenciais em minha formação acadêmica: Ana Lúcia Cardoso, Anelise Arns, Bruno Dandolini Colombo, Carlos Augusto Euzébio (Kabuki), João Somariva, Luís Afonso dos Santos, Vânia Vitório e Vidalcir Ortigara. Agradeço por mudarem os rumos da minha vida e permitir enxergar o que a priori não avistava.

Aos amigos do Grupo de Estudos de Educação Física e Escola (GEPEFE), pelos aprendizados, pelo apoio e, sobretudo, pelo compromisso com a educação escolar.

Aos integrantes de Grupo de Estudos e Pesquisa em Ontologia Crítica (GEPOC).

Aos membros da banca de qualificação e defesa: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciana Marcassa, Prof. Dr. Maurício Siewerdt, Prof. Dr. Carlos Augusto Euzébio e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Astrid Baecker Avila. Suas contribuições foram determinantes para o desenvolvimento desta dissertação.

Ao meu coorientador Prof. Dr. Vidalcir Ortigara, pelo que significa em minha formação. Agradeço com enorme carinho e admiração pelos aprendizados, pelos diálogos, pela disponibilidade e, em especial, pela amizade.

À minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Laura Torriglia, pela disponibilidade e pela dedicação. Agradeço as orientações, os incentivos, os ensinamentos que, sem dúvida, levarei para toda vida.



“O homem não é nada em si mesmo.  
Não passa de uma probabilidade  
infinita. Mas ele é o responsável  
infinito dessa probabilidade.”

*(Albert Camus)*



## RESUMO

A presente pesquisa investiga a mercadorização do esporte espetáculo, tendo como fundamento o método materialismo histórico dialético. O objetivo geral desta pesquisa foi compreender a possível relação entre o esporte – como esporte espetacularizado – e o processo de fetiche. Trata-se de uma análise teórico-bibliográfica da estrutura da troca de mercadorias e suas inter-relações com o sistema esportivo espetacularizado. Nesse tocante, as categorias analíticas que serviram de apoio ao processo de conhecimento de nosso objeto são: alienação, estranhamento, ideologia, valor de troca, mais-valia, trabalho abstrato, mercadoria e fetiche. Com efeito, no desenvolvimento do texto abordam-se categorias que possibilitam compreender o processo de apaziguamento dos conflitos sociais implicados no espetáculo esportivo que se articulam com o processo de fetiche. Para isso, organizou-se exposição em três capítulos, dos quais o primeiro apresenta a contextualização do objeto desta pesquisa, assim como a relevância teórica de se compreender o fenômeno esportivo inserido sob os ditames do modo de produção capitalista. O segundo capítulo aborda a constituição do ser social mediante a categoria trabalho como fundamento do desenvolvimento do ser social, dando ênfase ao processo histórico elaborado pelo homem para produzir sua existência. Em seguida, adentra-se no processo de produção do espetáculo esportivo e na reflexão em relação às categorias objetivação, alienação e estranhamento, concomitantemente ao esporte e suas implicações no processo ideológico. O terceiro capítulo, por sua vez, trata do desenvolvimento das práticas corporais e articula o processo de mercadorização esportiva com o conceito de fetiche da mercadoria. O espetáculo esportivo apresenta-se como mercadoria que se vincula ao sistema de relações fetichizadas em torno do trabalhador do espetáculo, do espectador do espetáculo e do capitalista, elementos constituintes do espetáculo esportivo. Os resultados sinalizam que o esporte, subsumido à lógica capitalista, conduz os produtores do espetáculo esportivo ao movimento de estranhamento, reificação e fetiche.

**Palavras-chave:** Espetáculo Esportivo. Estranhamento. Ideologia. Fetichismo da Mercadoria.



## ABSTRACT

The present research investigates the commodification of the spectacle sport, based on the dialectical historical materialism method. The general objective of this research was to understand the possible relation between sport – as a spectacular sport – and the fetish process. It is a theoretical-bibliographic analysis of the structure of the merchandise exchange and its interrelations with the spectacularized sports system. In this respect, the analytical categories that served as support for the process of knowledge of our object are: alienation, strangeness, ideology, exchange value, added value, abstract labor, commodity and fetish. Indeed, in the development of the text, we approach categories that makes it possible to understand the process of appeasement of the social conflicts involved in the sporting spectacle that are articulated with the fetish process. To this end, the exhibition was organized in three chapters, of which the first presents the contextualization of the object of this research, as well as the theoretical relevance of understanding the sports phenomena inserted under the dictates of the capitalist mode of production. The second chapter deals with the constitution of the social being through the category of work as the foundation of the development of the social being, emphasizing the historical process elaborated by man to produce his existence. Then, it enters the process of production of the spectacle sport and the reflection in relation to the categories objectivation, alienation and strangeness, concomitantly to the sport and its implications in the ideological process. The third chapter, in turn, deals with the development of corporal practices and articulates the process of sports commodification with the concept of commodity fetish. The sporting spectacle presents itself as a commodity that is linked to the system of fetish relations around the worker of the spectacle, spectator of spectacle and capitalist, constituent elements of the spectacle sport. The results signal that the sport subsumed to the capitalist logic leads the producers of the spectacle sport to the movement of estrangement, reification and fetish.

**Keywords:** Sports Show. Strangeness. Ideology. Merchandise Fetishism.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: APROXIMAÇÕES DA ONTOLOGIA CRÍTICA PARA O OBJETO DE PESQUISA</b> .....	21
2.2 Contextualizações do objeto .....	21
2.2 Ontologia Crítica e o Conhecimento: questões teórico-metodológicas .....	41
<b>3 ESPORTE E OS TRAÇOS ONTOLÓGICOS GERAIS DO ESTRANHAMENTO</b> .....	59
3.1 Constituição do ser social: o processo do trabalho, o espetáculo esportivo enquanto uma atividade e trabalho na forma capital .....	60
3.2 Espetáculo esportivo, objetivação, alienação e ideologia .....	83
<b>4 A MERCADORIZAÇÃO DO ESPORTE</b> .....	103
4.1 Gênese da comercialização capitalista do espetáculo esportivo....	104
4.2 A mercadoria da forma espetáculo esportivo na sociabilidade do capital.....	114
4.3 A fetichização do espetáculo esportivo.....	125
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	138
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	143





## 1 INTRODUÇÃO

“O apelo para que eles [os homens] deixem as ilusões a respeito da sua situação é o apelo para abandonarem uma situação que precisa de ilusões”

(Karl Marx).

A presente pesquisa dirige-se ao tema da possível relação do esporte, no contexto atual compreendido como esporte espetacularizado, com o processo de fetiche. A proposta surgiu de alguns questionamentos e inquietações proporcionados no decorrer do Curso de Graduação de Licenciatura em Educação Física, concomitantemente à Iniciação Científica<sup>1</sup>, e para tal foi de suma importância o processo de refinamento e aprofundamento teórico realizado, sobretudo, nas reuniões do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ontologia Crítica (GEPOC)<sup>2</sup> e do Grupo De Estudos E Pesquisa Em Educação Física E Escola: Conhecimento E Intervenção (GEPEFE)<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UNESC), no período de 2013 a 2014, com o tema: Sentido E Significado Da Cultura Corporal Na Sociologia Crítica Do Esporte. Participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UNESC), no período de 2014 a 2015, com o tema: O essencial-Geral da Educação Física. Ambas as pesquisas foram coordenadas pelo Prof. Dr. Vidalcir Ortigara.

<sup>2</sup> Grupo de Estudos e Pesquisas em Ontologia Crítica – realiza estudos sobre as obras de G. Lukács, em especial, a obra *Para uma Ontologia do ser social*. Além de realizar discussões e estudos referentes à ontologia, o Grupo debate sobre a produção do conhecimento, ceticismo epistemológico, relativismo ontológico pós-moderno, problemas de teoria e método na pesquisa educacional, entre outros. Ademais, também são realizados estudos de autores da teoria Histórico Cultural, entre eles: Vigotski, Leontiev, Rubinstein, Davidov, etc.

<sup>3</sup> Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física e Escola: Conhecimento e intervenção – dedica-se ao estudo e à compreensão da Educação Física em uma perspectiva crítica, buscando avançar nos debates da área e superar as abordagens empíricas que prevalecem no trato de seus conceitos. Além de realizar pesquisas para a elaboração de conceitos para a área, o Grupo busca realizar trabalhos de intervenção no âmbito escolar.

É recorrente a ideia de que o esporte promove benefícios à saúde e à qualidade de vida, influencia no comportamento da sociedade modificando seus hábitos e costumes. O esporte pode servir como simples passatempo como também atrai e fascina apreciadores e torcedores fanáticos, sendo que a mercadorização do *esporte espetáculo* midiaticizada possibilitou torná-lo um fenômeno global que *unifica e influencia* a vida cotidiana dos sujeitos.

Mediante o fanatismo exacerbado o espetáculo ganha caráter positivo, que a mídia consecutivamente faz emergir, reforçando a mercadorização espetacular do esporte. Nesse sentido, o que pode representar desenvolvimento da humanidade enquanto produção cultural, no capital é visto como uma manifestação que afasta os homens da possibilidade de elevação da consciência.

O espetáculo em geral, como inversão concreta da vida, é o movimento autônomo não vivo que produz uma visão inversa do real, repercutindo na imobilidade dos indivíduos ante os conflitos sociais, na desmobilização política e na união dos laços humanos reduzidos à exaltação das mercadorias e do direito à propriedade privada.

Nesse ponto de vista, defendemos o argumento que o espetáculo esportivo pode caracterizar um processo de estranhamento como *degradação da vida cotidiana* entre o “ter” e o “ser”, refletindo no empobrecimento da vida, na fragmentação e separação dos sujeitos, bem como na perda do aspecto unitário da sociedade. Desse modo, o espetáculo esportivo consiste na ilusão da recomposição da totalidade em formas de imagens.

Sobre a função do espetáculo, Jappe (2008, p.19, grifo do autor) adverte que este necessita

falsificar a realidade a tal ponto que (...), no mundo *realmente invertido*, o verdadeiro é um momento do falso. Todo poder precisa da mentira para governar, mas o espetáculo, sendo poder mais desenvolvido que já existiu, é também o mais mentiroso. Até porque é também o mais supérfluo, e conseqüentemente o menos justificável.

Reconhecer o espetáculo esportivo na sociedade significa reconhecer seu poder na dinâmica da luta de classes e sua participação no reino das mercadorias, uma vez que sua imediatividade como núcleo isolado potencializa a esfera econômica em que “O valor de troca, *condottiere* do valor de uso” (DEBORD, 1997, p. 33).

Assim sendo, nossa intenção é expressar a relação entre a espetacularização e o fetichismo do esporte. Para isso, no decorrer da reflexão lançamos mão de comentadores das obras marxianas e lukacianas que nos auxiliam na compreensão do objeto de estudo. Em momentos pontuais lançaremos mão de alguns críticos que fazem referência ao esporte, sendo estes mais especificamente caracterizados como autores da sociologia crítica do esporte. O que não significa dizer que se situam no campo da crítica marxista ou que quando se utilizam do marxismo possuam uma compreensão consistente do fenômeno. Em síntese, as exposições desses autores auxiliam em nossa análise, porém não se constituem como elemento central.

Partindo dessa premissa, buscamos compreender alguns nexos e conexões do capital, isto é, compreender a estrutura da sociedade capitalista pautada na produção e na troca de mercadorias e suas inter-relações com o sistema esportivo espetacular. Por isso, a pergunta que se coloca é se há relação entre o esporte espetáculo no seu processo de mercadorização e o fetiche do esporte não mais tomado em si.

Além disso, as relações econômicas estabelecem relações sociais que se aprofundam na vida cotidiana do sistema esportivo, influenciando nas formas de controle político e ideológico. O esporte torna-se um instrumento poderoso de manipulação que confunde a compreensão verossímil do real de acordo com os interesses hegemônicos.

Nesse contexto, cabe esclarecer o percurso trilhado para a apresentação dos elementos e pressupostos desta pesquisa. O texto está organizado da seguinte forma: o primeiro capítulo apresenta a contextualização do objeto do presente estudo, assim como a relevância teórica de compreender o fenômeno esportivo inserido sob os ditames do modo de produção capitalista. Na sequência apresentamos o método materialista dialético, o qual fundamenta nossas análises.

No segundo capítulo, abordamos a categoria trabalho como fundamento do desenvolvimento do ser social, dando ênfase ao processo histórico realizado pelo homem para produzir sua existência. Em seguida, adentramos na reflexão em relação às categorias objetivação, alienação e estranhamento simultaneamente ao esporte e suas implicações no processo ideológico. Buscamos, neste capítulo, apresentar o processo de desenvolvimento de falsa consciência<sup>4</sup>, ou seja, os desvios ideológicos

---

<sup>4</sup> Para Lukács (2013), a falsa consciência não é um movimento do processo ideológico, mas o princípio orientador e conciliador do conflito entre capital e trabalho utilizado pela classe que detém a propriedade privada dos meios de produção.

canalizados pelo espetáculo esportivo que asseguram a condição de estranhamento do trabalhador, suas compensações e atividades eficazes de conservação da ordem social.

No terceiro capítulo, por sua vez, apontamos que o esporte como espetáculo é a forma mais desenvolvida da sociedade fundada na produção de mercadorias, visto que o valor de troca ultrapassa a relação de valor de uso na sociedade vigente. Na continuidade, enfatizamos o processo de mercadorização esportiva e suas relações com a indústria da produção do espetáculo esportivo articulado com o conceito de fetiche da mercadoria.

## 2 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: APROXIMAÇÕES DA ONTOLOGIA CRÍTICA PARA O OBJETO DE PESQUISA

### 2.2 CONTEXTUALIZAÇÕES DO OBJETO

Atualmente vivemos em uma sociedade do espetáculo<sup>5</sup>; é comum ligarmos a televisão e nos depararmos com cenas emotivas dos envolvidos fortemente exploradas. Recentemente, foi marcante a cobertura pelas redes de televisionamento brasileiras à queda do avião com a equipe de futebol da Chapecoense, que contabilizou 71 mortos e 6 feridos<sup>6</sup>. Neste caso, o choro dos parentes, as carretas transportando os caixões, o enterro fúnebre com honras de Estado, as cenas captadas por todos os ângulos, os patrocinadores da Chapecoense com seu slogan prestando “solidariedade” questionam a emoção dos espectadores mediante a visibilidade proveniente do espetáculo criado sobre a tragédia.

A espetacularização do real grassa cotidianamente nos meios de telecomunicação, que levam ao detrimento dos processos de formação humana ao transmitir imagens a telespectadores passivos e felizes pela contemplação impotente. Nessa lógica, a ordem espetacular e mercantil incentiva os indivíduos a produzir, consumir e viver nos ditames pertencentes ao mundo fantástico das mercadorias, ao valor de troca, às representações que legitimam a adesão da sociedade à vida oprimida.

Em contrapartida, o espetáculo esportivo, assim como o espetáculo artístico, são formas altamente desenvolvidas de representação do real, e a fruição da obra pode se constituir como elemento de formação omnilateral dos sujeitos mediante o desenvolvimento das formas de consciência social – as ciências, a arte, a moral, as leis (DAVÍDOV, 1988). Assim, como nos apresenta Marx (2010, p. 108, grifo do autor),

O homem se apropria da sua essência omnilateral de maneira omnilateral, portanto como um homem total. Cada uma das suas relações *humanas* com o mundo, ver, ouvir, cheirar, degustar, sentir, pensar, intuir, perceber, querer, ser ativo, amar, enfim todos os órgãos da sua individualidade, assim como

---

<sup>5</sup> Conceito elaborado por Guy Debord como conjunto de relações sociais mediadas por imagens personificadas.

<sup>6</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/11/aviao-com-equipe-da-chapecoense-sofre-acidente-na-colombia.html>. Acesso em: 11/02/2018.

os órgãos que são imediatamente em sua forma como órgãos comunitários, são no seu comportamento *objetivo* ou no seu *comportamento para com o objeto* a apropriação do mesmo, a apropriação da efetividade *humana* (...). (MARX, 2010, p. 108, grifo do autor)

Na sociedade capitalista, o *espetáculo esportivo enquanto mercadoria* se diferencia da formação omnilateral, uma vez que os processos de formação humana estão, em última análise, determinados e limitados pela forma espetacular com que são aprendidos, acarretando assim na formação unilateral dos indivíduos pelo processo de fetiche da mercadoria. A lógica da vida espetacular sob a base da economia capitalista provoca o desenvolvimento dos sentidos, das sensibilidades, das relações humanas sob o objeto acima do sujeito, isto é, a personificação dos objetos e objetificação dos sujeitos. Nesse movimento, o espetáculo esportivo, e mesmo o espetáculo artístico, quando não se tem conhecimento mínimo prévio para compreender o processo de produção e os elementos que os constituem, tornam-se fruição imediata e, portanto, negativa, quer dizer, o espetáculo se torna enfeitado pelo retorno aos sujeitos das imagens personificadas.

Assim como a *propriedade privada* é apenas a expressão sensível de que o homem se torna simultaneamente *objetivo* para si e simultaneamente se torna antes um objeto estranho e não humano (*unmenschlich*), que sua exteriorização de vida é sua exteriorização de vida, sua efetivação a negação da efetivação (*Entwirklichung*), uma efetividade *estranha*, assim a supressão positiva da propriedade privada, ou seja, a apropriação sensível da essência e da vida humanas, do ser humano objetivo, da *obra* humana para e pelo homem, não pode ser apreendida apenas no sentido da *fruição imediata*, unilateral, não somente no sentido da *posse*, no sentido do *ter*. (MARX, 2010, p. 108, grifo do autor).

A fruição imediata do espetáculo esportivo tem pouca possibilidade de desenvolvimento amplo de hominização pelo conteúdo científico, pelo conteúdo artístico, pelo conteúdo moral e pelo conteúdo da norma, que constituem a consciência social. Dessa maneira, o

espetáculo esportivo como forma mercadoria inserido no modo de produção capitalista está, segundo Marx (2010, p. 108, grifo do autor), diretamente vinculado à noção de propriedade privada que degrada as faculdades e as aptidões dos homens.

A propriedade privada nos fez tão cretinos e unilaterais que um objeto somente é o *nosso* [objeto] se o temos, portanto, quando existe para nós como capital ou é por nós imediatamente possuído, comido, bebido, trazido em nosso corpo, habilitado por nós, etc., enfim, *usado*. (...) o lugar *de todos* os sentidos físicos e espirituais passou a ser ocupado, portanto, pelo simples estranhamento de todos esses sentidos, pelo sentido do *ter*.

A dinâmica de produção na sociedade capitalista, como se sabe, dita as relações sociais que são, em geral, veladas pelo processo de fetichização, reduz os indivíduos à unilateralidade, contemplando a essência humana apenas pelos sentidos do *ter*. Eis a razão de compreender a peculiaridade da mercadoria que se materializa no espetáculo esportivo, condicionada à ideologia burguesa e ao fetichismo da mercadoria.

Para tal fim, torna-se necessário realizar algumas aproximações a categorias que constituem e configuram o modo de produção do capital. Nessa direção, as categorias analíticas que servirão de apoio ao processo de conhecimento de nosso objeto são: alienação, estranhamento, valor de troca, mais-valia, trabalho abstrato, mercadoria e fetiche. Destarte, no desenvolvimento do texto abordaremos categorias que nos possibilitam compreender o processo de apaziguamento dos conflitos sociais, preconizados pelo fetichismo da mercadoria, implicados no espetáculo esportivo. Isso significa compreender os fundamentos do processo ideológico que se sustenta na sociedade vigente mediante a ilusão do espetáculo esportivo. Nesse sentido, interessa em um primeiro momento realizar uma contextualização geral para, posteriormente, aprofundar o debate indicando com maior clareza pontos e elementos que daqui se desprendem.

O esporte pode ser entendido como um produto da vida humana que, no decorrer do último século, vem sendo discutido, estudado e praticado de modo multifacetário. Atualmente é difícil negar sua presença como elemento constitutivo das instituições sociais no cotidiano dos indivíduos, e à medida que a sociedade se desenvolve, o esporte emerge

como expressão genérica positiva e se consolida como forma de viver harmônica e saudável.

Compreender o espetáculo esportivo em sua totalidade nos remete a refletir sobre sua organização, suas normas e suas leis, além do imbricamento de seus elementos com aspectos econômicos, políticos, ideológicos e culturais, bem como sua posição no interior do capital, ou seja, entender a predominância da relação econômica na atual constituição do esporte.

É recorrente a compreensão imediata do esporte, de que tal prática ou vivência permite “melhorar a aptidão física dos indivíduos, com o que estaria, automaticamente, contribuindo para o desenvolvimento social” (BRACHT, 1986, p. 62). Além disso, promete reduzir o distanciamento das classes sociais, ascensão social e paulatinamente aboliria discriminações homonômicas e raciais (PRONI; LUCENA, 2002; MARINHO, 2009; ASSIS, 2001).

Outra questão defendida é a socialização que pode ocorrer por meio do esporte, no desenvolvimento das crianças, no sentido de construir condições que possibilitem “conviver com vitórias e derrotas; aprendendo a vencer através do esforço pessoal; desenvolvendo através do esporte a independência e a confiança em si mesmos, o sentido de responsabilidade, etc.” (BRACHT, 1986, p. 63).

Entretanto essas análises, segundo Bracht (1986), partem de uma visão positivo-funcional que desconsideram as contradições colocadas no esporte como parte do reflexo socialmente mediado no sistema capitalista, camuflando aspectos fundantes deste sistema econômico. O autor assevera que há imposição de interesses de classes no esporte, afirmando que se desenvolve “através do Esporte (...) uma forma de controle social, pela adaptação do praticante aos valores e normas dominantes, como condição alegada para a funcionalidade e o desenvolvimento da sociedade”, o que corrobora para a harmonia da produção e reprodução da ideologia capitalista assentada na competição, concorrência e rendimento (BRACHT, 1986, p. 64).

Tais teorizações englobam desde as tendências alavancadas por princípios positivistas até as concepções concentradas no âmbito das teorizações pós-modernas. Dessa maneira, ao nos reportarmos à compreensão do objeto de estudo mediante o método do materialismo histórico-dialético, é preciso levar em conta que o espetáculo esportivo encontra-se, e não poderia ser de outra forma, integrado ao modo de produção capitalista.



Nesse sentido, primeiramente é necessário assinalar que o modo de produção capitalista se desenvolve em meio a crises e sobressaltos, estruturado por conexões internas e universais como a obtenção de lucro mediante desenvolvimento desigual e a exploração da força de trabalho, o que significa, pela produção de mais valia, a constante valorização do valor (OURIQUES, 2014). A relação entre capital e trabalho assalariado estabelece o fundamento de duas classes sociais que disputam interesses antagônicos: a classe burguesa, que detém as condições objetivas de trabalho e os instrumentos de produção, e a classe trabalhadora, excluída da posse dos meios de produção e que necessita, portanto, para garantir sua subsistência, vender a única coisa que lhe resta, a força de trabalho (SOUZA, 1987). Desse modo, o sistema sócio-metabólico do capital opera para atingir uma maior produtividade na lógica de alto grau de consumo de riquezas e de produtos materiais, assim o capitalismo abarca todas as esferas sociais por meio das mediações de primeira e segunda ordem. As mediações de primeira ordem estão relacionadas à atividade produtiva autodeterminada, como elemento fundante do ser social, isto é, como determinações ontológicas; já as mediações de segunda ordem correspondem ao desenvolvimento do trabalho estruturado pelo capital, ou seja, submetidas à propriedade privada, à divisão hierárquica do trabalho, à reprodução do valor de troca, etc. (MÉSZÁROS, 2011b). Nessa perspectiva podemos citar como exemplo as sofisticadas bolas de couro sintético da Nike confeccionadas por crianças de diversos continentes, entre eles América Latina, África e Ásia, para aumentar a renda familiar delas (MALINA; CESARIO, 2009; OURIQUES, 2014). As mediações de segunda ordem introduzem categorias alienantes, estranhadas e fetichizadas como condição reinante do sistema burguês. Nesse contexto de submissão do trabalho ao capital, Antunes (1999 p. 19) explica que

O sistema de metabolismo social do capital nasceu como resultado da divisão social que operou a subordinação estrutural do trabalho ao capital (...). Os seres sociais tornaram-se mediados entre si e combinados dentro de uma totalidade social estruturada, mediante um sistema de produção e intercâmbio estabelecido. Um sistema de mediações de segunda ordem sobredeterminou suas mediações primárias básicas, suas mediações de primeira ordem.

No modo de produção vigente, o conjunto de mediações de segunda ordem está autodeterminado pelas relações sociais de produção e reprodução do sistema do capital, que transitam pelo processo histórico, político, econômico e cultural. Quanto a essa questão, Mészáros (2011a, p.238) afirma que

O processo criticamente importante de expansão do capital (...) em todos os domínios foi tornado possível por meio desse intercâmbio recíproco entre os microcosmos econômicos e a superestrutura legal e política, produzindo, assim, o modo de reprodução sociometabólica do capital em sua integralidade como um sistema global coeso.

O capital se apropria das produções humanas construídas historicamente convertendo-as em mercadoria, e esta metamorfose ocorre sem que os sujeitos reconheçam o que sucede por trás do processo de produção. Em nosso caso, a mercadoria espetáculo esportivo, com o avanço da esportivização, nos reporta à integralidade do discurso encantador direcionado às prerrogativas de melhoria em saneamento, saúde, habitação, transporte, mobilidade urbana, emprego, segurança, etc. Nessa linha de pensamento, Breilh<sup>7</sup> (2014, p. 81) afirma que o slogan que consolidou e universalizou o espetáculo esportivo ocorreu sob a doutrina difundida que “o esporte pode tudo, (...) o esporte educa, o esporte dá saúde, o esporte é para todos, é um meio de inclusão social”.

Porém, é importante frisar que a legitimidade social do sistema esportivo se encontra orientada pelos princípios da ordem social que opera na desumanização dos homens, quer dizer, os valores, as normas de comportamento compõem a estrutura sistêmica e orgânica da ordem social do capital.

Sob essa ótica, consideramos que nossa investigação se apresenta relevante para contribuir com os debates sobre a relação entre o espetáculo esportivo e o processo de fetichismo da mercadoria. Buscamos, na sequência, apreender como os principais estudiosos do esporte examinam e compreendem o sistema esportivo no contexto da mercadorização e espetacularização do esporte, com o intuito de

---

<sup>7</sup> Jaime Breilh é médico, Doutor em Epidemiologia e diretor da área de saúde da Universidade Andina Simón Bolívar, no Equador.

apresentar elementos que possibilitem avançar na discussão em relação à fetichização da mercadoria esporte. Vejamos.

A mercadorização do esporte cresce cotidianamente, inserindo a lógica do mercado nas atividades esportivas de lazer e esporte-espetáculo. Segundo Bracht (2005, p.16, grifo do autor), podemos citar um esquema dual: “*a) esporte de alto rendimento ou espetáculo; b) esporte enquanto atividade de lazer*”, que são diferenciados pelos aspectos formais e de sentido interno de ações. A expressão “esporte-espetáculo” está diretamente vinculada à expressão “alto rendimento”, que transforma o esporte em mercadoria com o apoio dos meios de comunicação de massa.

Na compreensão da trajetória social do esporte, entendemos que a mercadorização expressa a lógica da mercadoria na prática do lazer como consumo e no sentido de espetáculo esportivo (PRONI; LUCENA, 2002). Notamos a mercadorização no âmbito da prática esportiva justificada com base na perspectiva higienista, valorizando os hábitos de higiene e saúde pelo intermédio das mudanças culturais da concepção de corpo e criação do valor da exercitação do corpo<sup>8</sup>, com a finalidade de um corpo jovem, saudável e produtivo para maximização da força de trabalho. Esses elementos foram lançados pelas novas tecnologias de comunicação de massa e pela “produção de mercadorias com base em seu valor de troca, regulamentadas pelas leis de mercado com produtor e consumidor definidos” (BRACHT, 2002, p. 197). As transformações ocorridas no esporte são decorrência da organização da sociedade moderna e industrial, bem como das novas tecnologias que influenciam as mudanças na forma de organização, de produção e comercialização de bens.

Destarte, o espetáculo esportivo se apresenta, no modo de produção capitalista, como uma mercadoria peculiar, que fascina e seduz os homens, induzindo-os a suas relações mercantis de consumo. Nessa lógica, os valores atribuídos ao espetáculo esportivo deixam de estar vinculados com o uso da humanidade e tornam-se valor de troca, incorporando-se ao capital, ou seja, tornam-se um instrumento para geração e ampliação dos lucros. Em outras palavras, o esporte apresenta-se de forma imediata como mercadoria e espetáculo, direcionado a atender aos interesses da classe possuidora de grande capital (BREILH, 2014). Nas palavras de Breilh (2014, p.68),

---

<sup>8</sup> Nesta tendência o ponto fulcral é manter o corpo ativo na prática de atividade de lazer, ou seja, realizar atividade física em academias, clubes esportivos, associações, de preferência em instituições com mensalidades pagas e fixas.

Em lugar de servir para o crescimento de uma cultura de liberdade e igualdade, o esporte constrói elites vendíveis ante as quais o povo comum fica como um consumidor inferior, manobra que contribui para a reprodução de um modo de civilização baseado no individualismo, no consumismo e com uma visão antropocêntrica que desdenha a importância de proteger e desenvolver relações harmônicas com a natureza. (BREILH, 2014, p.68).

O papel do esporte-negócio movido pelo interesse do sistema capitalista pode acarretar permanências e rupturas nas atividades da cultura corporal socialmente desenvolvidas. Nesse tocante, identificamos o esporte como mercadoria-espetáculo desenvolvida pela maquinaria esportiva cuja finalidade é atender aos mais variáveis interesses antagônicos das relações sociais.

Colombo (2014) salienta que a universalização do espetáculo esportivo é representada principalmente pelos megaeventos – Copa do Mundo, Olimpíadas, Paralimpíadas, etc. – produzidos pelo interesse da ordem metabólica do capital.

No processo de expansão capitalista o esporte olímpico atendeu aos interesses das classes dominantes. Manteve-se a importância da competição entre burguesias (nações), tendo como pano de fundo a manutenção dos seus interesses gerais. Esses interesses na atualidade se concentram na mesma diferenciação de classe, no entanto o usufruto do esporte como mercadoria, tanto por burgueses quanto para trabalhadores, torna-se essencial para o processo de acumulação do capital. Nessa condição, o esporte (mercadoria) tem que ser desfrutado por todos, usado e abusado. Torna-se um elemento cultural fortíssimo como aliado das forças produtivas do capital. (COLOMBO, 2014, p. 100)

Assim, a prática e o desfrute do esporte estão submetidos às determinações de uma ordem social, sendo que o eixo central no campo do espetáculo esportivo se efetiva, sobretudo, nos megaeventos. Ao justificar o megaspetáculo pela “competição fraterna, benefício

compartilhado e promoção do esporte como prática saudável”, as elites nos empurram ao abismo, aproveitando-se do deslumbramento pelo espetáculo esportivo (BREILH, 2014, p. 70).

Dessa maneira, a mercadoria espetáculo esportivo está diretamente relacionada com o modelo do mais rendimento, que, defendido pela burguesia, representa uma “opção equivocada do avanço esportivo”, o que conduz “a redução da prática esportiva a uma engrenagem do esporte negócio, é uma via para a acumulação de riqueza e exclusão da maioria em direção à condição de consumidores do esporte espetáculo”, subordinada às relações ideológicas (BREILH, 2014, p. 84).

Na mesma linha de pensamento, Bracht (2005) considera que o espetáculo esportivo burguês tem fins determinados pela alta classe capitalista, onde o recorde e o profissionalismo deixam claro que ele não é neutro. Porém, essa classe não quer que tal condição seja revelada à classe popular, que esta compreenda que suas práticas corporais estão subsumidas aos ditames dos valores que são expressão da essência do capitalismo.

Betti (1991, p. 50), ao discutir a relação entre o esporte e os princípios da sociedade capitalista, observa que ele

reproduz as relações humanas no capitalismo, já que sua essência é a competição, mas de maneira transformadora. Embora nutrindo-se das relações de produção capitalista, o esporte tende a desenvolver-se automaticamente, e converteu-se na lógica abstrata da competição, no “modelo formal perfeito” das formas de competição entre os seres humanos. (BETTI, 1991, p. 50).

Essa lógica abstrata da competição na relação entre o espetáculo esportivo e o esporte na atividade de lazer amplia a mercadorização, não perdendo a sua forma legítima, suas conexões com saúde, prazer e sociabilidade (BRACHT, 2005). Porém, outro autor, Brohm (1978, p. 63), afirma que esse produto não é essencial para a vida na sociedade, uma vez que ocupa o tempo de lazer das pessoas de forma alienada. Segundo ele,

O sistema esportivo em vias de mundialização é o reflexo da universalização e da extensão para todas as formações sociais do globo do modo de produção capitalista, porque as categorias mercantis correspondentes a este modo de

produção determinam as leis de funcionamento do sistema esportivo.

Assim, essas leis de funcionamento do sistema esportivo se tornam fundantes da ideologia que visa seus interesses no esporte como seu produto. Nisso funda-se o apaziguamento dos conflitos, o capital impõe seus tentáculos alienando todas as atividades humanas, tornando-as estranhadas. Nesse sentido, a principal influência das ideologias burguesas é distrair os fatos fundamentais reais distorcendo sua aparência e natureza, além de tornar os homens acomodados e adaptados à vida cotidiana (LUKÁCS, 2013).

Percebemos, assim, que o espetáculo esportivo tem funções determinadas pela estrutura política, ideológica e cultural do capital. Especialmente nos megaeventos, esta configuração fundada na sociedade industrial moderna – centrada na metamorfose da mercadoria – é o eixo central que amplia o processo de troca e, conseqüentemente, novas mudanças na produção do valor pelas organizações do processo de trabalho.

A efetividade dos megaeventos intensifica o predomínio ideológico e a subordinação econômica da ordem social vigente, sendo que o espetáculo esportivo em si, do ponto de vista sociológico, além de contribuir para estabilizar o sistema capitalista não tem a função de conhecimento, simplesmente induz o deslumbramento nas tabelas de campeonato, nos ídolos esportivos e nos comentários midiáticos. Esses elementos são limitados perante outros tipos de cultura dadas à produção de espetáculos como a arte, a dança e o teatro, que permitem renovação e maior visão de mudança (BRATCH, 2005).

Bracht, com base nos estudos de Helmer, aponta a contribuição do espetáculo esportivo para a alienação do trabalhador. Tal contribuição ocorre principalmente por dois aspectos:

- a) por um lado, em torno do tema da função da compensação do esporte, isto é, uma abordagem científica que entende as atividades esportivas de massa como uma forma de comportamento compensatório (...)
- b) por outro lado, em torno do tema da manipulação das necessidades e dos desejos dos instintos de conformidade com os interesses do dominante capital monopolista. (HELMER, in BRACHT, 2005, p. 34)

O autor ressalta que com a modificação do sistema esportivo a partir da década de 1960, estudiosos do esporte formularam novas críticas ao esporte moderno, inspirados pela teoria crítica frankfurtiana. As críticas ao esporte mais destacadas foram:

a) a tese da coisificação ou alienação. Essa tese resumidamente propõe que a sociedade e os homens não são aquilo que em função de suas possibilidades e sua natureza poderiam ser. Isso transparece nas sociedades industriais principalmente no mundo do trabalho. Como causa, temos um tipo de pensamento que se efetiva na razão instrumental ou racionalidade técnica. Isto é, as relações sociais em seu conjunto são norteadas por uma razão instrumental, coisificando-as;

b) a tese da repressão e manipulação. De acordo com essa tese, a sociedade moderna altamente tecnologicizada, industrializada e desenvolvida, representa um sistema de repressão, dominação e manipulação. (BRACHT, 2005, p. 28-29).

Marcuse (in BRACHT, 2005) também critica o esporte de rendimento, defendendo a tese da repressão. Argumenta que a sociedade industrial capitalista está orientada pelo ilimitado ganho de prazer e felicidade, e que o rendimento torna corpo e alma instrumentos do trabalho alienado.

Após expor essas críticas, Bracht (2005, p. 29-30) assinala que inúmeros autores, entre eles Brohm (1978), Rigauer (1969, 1978), Vinnai (1970) e Bohme (1971), levantam crítica à instituição burguesa do esporte, caracterizando-a como:

- a) um sistema de ação coisificado e em conformidade com o trabalho;
- b) um instrumento de repressão das necessidades;
- c) um fenômeno de manipulação e adaptação, sendo que tal adaptação dar-se-ia, por sua vez, pelas funções de compensação, socialização e integração cumpridas pelo esporte.

Os três tópicos apontados pelos autores nos auxiliam na compreensão do sistema esportivo na contemporaneidade, porém são

insuficientes para explicar a instituição burguesa do espetáculo esportivo. Desse modo, precisamos avançar construindo a base teórica que permite a compreensão do esporte em suas máximas possibilidades.

Bracht (2005) argumenta que a função do esporte na sociedade capitalista é estabilizar o sistema como um todo, amortecendo os conflitos sociais que permitem uma compensação para as precárias condições de subsistência. As ações esportivas canalizam as energias necessárias para uma transformação social em um agir agressivo no sistema esportivo.

Assis (2001, p. 15) igualmente destaca esse processo ao afirmar que “na formação do corpo dócil, disciplinado, apolítico, acrítico e alienado”, umas das funções do esporte é também servir de pano de fundo para o mascaramento dos problemas sociais, políticos e culturais, como na ditadura militar, em que, enquanto alguns eram incentivados pela seleção brasileira de futebol na Copa de 1970, outros, opositores do regime, eram presos, torturados e até mortos.

Brohm (1978) observa que o esporte moderno tem suas relações e funções sociais econômicas, sociopolíticas e psicossociais. A primeira função social é a econômica: o mercado esportivo se iguala aos outros tipos de mercado, o esportista vende sua força de trabalho, posto que a finalidade das relações de produtores e consumidores do mercado esportivo gera fins lucrativos, ou seja, os esportistas assumem a responsabilidade financeira obtida através dos olhares apaixonados dos torcedores influenciados pela grande indústria midiática. O autor assevera que a função sociopolítica do esporte ocorre pela transmissão do movimento olímpico e campeonatos mundiais, ditando o comportamento dos indivíduos, vangloriando o nacionalismo, aproximando as classes sociais e omitindo os problemas derivados da sociedade capitalista. Também assinala a função psicossocial do esporte moderno, que permite às massas descarregar a energia psíquica agressiva, contribuindo para o equilíbrio nervoso dos trabalhadores. O esporte atua como uma válvula que extravasa as situações turbulentas, em compensação do trabalho alienado. Ao mesmo tempo em que o trabalhador descarrega suas energias negativas no esporte, “o espetáculo esportivo induz à ‘regressão (...) intelectual’ (cretinização, superstição, falta de crítica)” (BROHM, 1978 p. 267).

O autor se refere, ainda, ao poder ideológico do esporte, como a exploração do atleta e sua utilização como propaganda política.

(...) esses desvios refletem a ambientação do esporte a um mundo organizado em torno do



capitalismo industrial (...) e a utilização do esporte como aparelho ideológico do estado (que se manifesta na transformação do espetáculo em meio de distração das massas, desviando os homens adultos de uma participação política consciente) (BROHM, in PRONI, 1978, p. 31-32).

O sistema esportivo se torna um conjunto de representações coletivas, em que os maiores esportistas são tidos como heróis, capazes de ações heroicas, comprovando seus atos através de medalhas e recordes e exaltando-as principalmente através da mídia (PRONI, 2002). Ratificando essa significação, Brohm (1982, p. 283) utiliza as seguintes palavras: “o universo esportivo está povoado mitologicamente de heróis”.

Com o alcance do resultado além do esperado, os esportistas viram referência como pessoa, como modelo de superação e como exemplo de comportamento, ou seja, esses fenômenos humanos são considerados como não humanos ou super-humanos (BRATCH, 2005).

Sobre o processo da “mitologização” do esporte, Assis (2001, p. 91, grifo nosso) observa que

A ideologia do mais vale competir do que ganhar deixou de refletir o interesse geral. É preciso vencer, sim, a qualquer custo, as massas desejam recordes que igualem os esportistas aos super-heróis patrocinados por grandes empresas, que investem em tecnologia para esses homens aprimorados correrem cada vez mais, nadarem cada vez mais, pularem cada vez mais e *venderem cada vez mais os produtos que são consumidos pelas massas.*

A lógica do trabalho assalariado (abstrato) e da propriedade privada é a base e o esporte se configura dessa forma no processo. Essa exaltação dos heróis é parte necessária da dimensão ideológica, de um processo de objetivação secundário, os pores teleológicos secundários que induzem os outros a se comportar e agir de uma maneira determinada (LUKÁCS, 2013).

As ricas contribuições apresentadas revelam, sem dúvida, que a materialidade das relações socioeconômicas do esporte cimenta a forma hegemônica do esporte espetáculo. Isto significa, entre outros aspectos, que, em todas as esferas da sociabilidade, a produção de mercadorias no capital ocasiona relações, em geral, fetichizadas em todas as diretrizes.

Nessa problemática, em que se localiza nosso objeto de estudo, é importante frisar a relação de produção, circulação e consumo que se encontra no espetáculo esportivo esporte. E como sabemos, as indústrias da diversão e do entretenimento estão subordinadas ao valor de troca, à mais valia e ao predomínio do comércio que encontra seu princípio único na metamorfose da mercadoria. Galeano (2013, p. 10), a respeito dessa questão, condena o processo de transformação industrial de produção humana em uma relação de compra e venda. O autor exemplifica essa mudança ao discorrer sobre futebol:

A história do futebol é uma triste viagem do prazer ao dever. Ao mesmo tempo em que o esporte se tornou indústria, foi desterrando a beleza que nasce da alegria de jogar só pelo prazer de jogar. Neste mundo do fim do século, o futebol profissional condena o que é inútil, o que não é rentável, ninguém ganha nada com esta loucura que faz com que o homem seja menino por um momento, jogando como menino que brinca com o balão de gás e como o gato que brinca com o novelo de lã: bailarino que dança com uma bola leve como o balão que sobe ao ar e o novelo que roda, jogando sem saber que joga, sem motivo, sem relógio e sem juiz. O jogo se transformou em espetáculo, com poucos protagonistas e muitos espectadores, futebol para olhar, e o espetáculo se transformou num dos negócios mais lucrativos do mundo, que não é organizado para ser jogado, mas para impedir que se jogue. A tecnocracia do esporte profissional foi impondo um futebol de pura velocidade e muita força, que renuncia à alegria, atrofia a fantasia e proíbe a ousadia.

Dentro da lógica do sistema capitalista se coordenam os interesses comerciais e ambições empresariais direcionados à obtenção de lucro. Sendo que a produção do trabalhador não é mais para consumo próprio, tende a converter tudo em mercadoria. O trabalho produz riqueza objetiva e subjetiva, mas nem uma nem outra podem ser plenamente apropriadas por aqueles que as produzem.

No capitalismo, as relações sociais são instrumentos para o enriquecimento dos proprietários dos meios de produção. Uma das características que esse modo de produção assume é o consumo

desenfreado de mercadorias, como necessidade criada pelo próprio sistema para poder objetivar sua pretensão, a obtenção do capital.

O trabalhador, em meio às crises financeiras, políticas e sociais do capital, é o primeiro a ser atingido mediante a diminuição de salários, o cerceamento de direitos, o desemprego, o aumento de impostos, etc. (mais valia absoluta e relativa). Essas crises, de acordo com Mészáros (2011b), são crises oriundas da própria natureza incorrigível, incontrolável e irreformável do capital. Portanto, são crises estruturais.

Ao discorrer sobre o tema, Mészáros (2011b, p. 100, grifo do autor) afirma

(...) que o sistema do capital é *orientado para a expansão e movido pela acumulação*. Essa determinação constitui, ao mesmo tempo, um dinamismo antes inimaginável e uma deficiência fática. (...) uma vez emperrado (por qualquer motivo) esse processo dinâmico de expansão e acumulação, as consequências serão devastadoras. (...) não é muito difícil imaginar as implicações de uma crise *sistêmica, verdadeiramente estrutural*; ou seja, uma crise que afete o sistema capital global não apenas em um de seus aspectos – o financeiro/monetário, por exemplo – mas em todas as suas dimensões fundamentais, ao colocar em questão a sua viabilidade como sistema reprodutivo social.

Essa condição se apresenta de forma que a maioria das pessoas não consiga vislumbrar a possibilidade da construção da revolução socialista, a qual se apresenta, segundo Mészáros (2011b), como essencial para a sobrevivência da espécie humana. Ademais, a superprodução desenfreada coloca em risco os recursos naturais cada vez mais escassos, sendo estes essenciais para nossa existência. O sistema sócio-metabólico do capital resolve seus problemas criando outros muito maiores, os quais, pondera o autor, se caracterizam por

Encher buracos cavando buracos cada vez maiores – o que tem sido a maneira predileta de solucionar os problemas na presente fase do desenvolvimento – é algo que não pode continuar indefinidamente. Descobrir uma saída do labirinto das contradições do sistema do capital global por meio de uma

transição sustentável para uma ordem social muito diferente é, portanto, mais imperativo hoje do que jamais o foi, diante da instabilidade cada vez mais ameaçadora (MÉSZÁROS, 2011b, p. 41).

Nossas explanações mostram que o desenvolvimento desenfreado do capital controla a vida cotidiana dos homens singulares, fazendo vigorar a ideologia burguesa. “O poder ideológico da classe dominante (...) origina-se da dominação econômico-política, uma supremacia da ideologia que está a seu serviço (LUKÁCS, 2013, p. 771). Dessa forma, quando nos referimos ao objeto de estudo esporte, entendemos que ele também está subjugado a leis econômico-ideológicas, pois é uma construção do processo histórico no seio do conjunto das atividades humanas nesse modo de produção.

O esporte é fruto da condição humana e da transformação da natureza pelo homem, ou seja, fruto do trabalho humano socialmente referenciado. Para sua existência foram necessárias implementações de códigos de linguagem próprios e modificações na própria estrutura social (MALINA; CESÁRIO, 2009, p. 29).

Compreendendo que o espetáculo esportivo envolve sentidos e significados, destacamos estes elementos no intuito de auxiliar na explicitação da prática social esporte, contribuindo para as possibilidades de compreensão do fenômeno.

Percebemos que nessa sociabilidade a significação é produzida no contexto de estranhamento, uma vez que o processo de complexificação, os atos singulares, os pores teleológicos efetivados pelos sujeitos, realizam ininterruptamente a reprodução e produção da via social. Nesse sentido, “A reprodução social é o processo pelo qual os atos singulares se sintetizam em tendências históricas que desembocaram na atual sociedade capitalista” (LESSA; TONET, 2008, p. 123). Assim, o desenvolvimento da sociedade se converte na intensificação das alienações, das desumanidades socialmente produzidas, ou seja, em que os sentidos são atribuídos à realidade social vigente.

Como vimos, o processo de objetivação e apropriação do espetáculo esportivo no contexto atual apresenta códigos e linguagens e envolve sentidos e significados, isto é, um conjunto de produção de ideias em torno do esporte. Sabemos que apropriação de significados já

produzidos – apropriados de subjetividades já constituídas e fragmentadas – em relação à produção do espetáculo esportivo e, principalmente, em relação à produção do conhecimento está orientada à formação da condição humana na condição de mercadoria e de espetáculo.

Nossa subjetividade é constituída pelos significados apreendidos e dos sentidos mediante a atividade que o sujeito exerce e nas relações com as pessoas que o rodeiam. Logo, no atual modo de organização, o processo de estranhamento se intensifica em função da distância entre *objetivação/apropriação* e *significado/sentido*. Sob essas condições, o ser humano não consegue identificar-se como partícipe da história.

Sendo assim, o processo de produzir e reproduzir significados em torno do espetáculo esportivo se orienta, de certa maneira, à constituição de um conjunto de ideias que cumpre função ideológica no capital. Em última instância, essas ideias auxiliam no desenvolvimento do espetáculo esportivo para se tornar um elemento envolvido na reprodução social, estimulando os sujeitos a se apropriarem dele e a objetivá-lo, reproduzindo-o de maneira natural sem compreender a própria alienação e o próprio fetiche.

Dessa forma, é necessário explicitar esses elementos no processo de formação humana, mais especificamente no processo de Educação e Educação Física escolar, para que a apropriação do fenômeno não se efetive de forma acrítica e se realize a absorção em um processo de produção natural da atual sociabilidade, consubstanciando, assim, para a não compreensão da produção humana – esporte – localizado no interesse e conflito de classe social.

O processo de educação, como todo processo social, apresenta contradições. Nessas condições, a educação está sempre politicamente situada. Ou colabora com a reprodução do atual sistema social, ou contribui com a possibilidade de sua superação. Educar, para Mészáros (2008, p. 13), “É construir, libertar o ser humano das cadeias do determinismo neoliberal, reconhecendo que a história é um campo aberto de possibilidades”. A partir disso os indivíduos podem compreender que são produzidos e produtores da história, podendo criar mecanismos para a superação das relações sociais vigentes. Entendemos que o ser humano é um ser incompleto, e isso lhe confere a condição de estar em constante formação. Esta ocorre na dialética da apropriação e objetivação dos elementos da natureza e da produção histórica do gênero humano, isto é, dos elementos da cultura. Leontiev (1978, p. 290, grifo do autor) também discorre sobre a educação quando afirma que

As aquisições do desenvolvimento histórico das aptidões humanas não são simplesmente dadas aos homens nos fenômenos objetivos da cultura material e espiritual que os encarnam, mas são aí apenas postas. Para se apropriar desses resultados, para fazer deles as suas próprias aptidões, “os órgãos da sua individualidade”, a criança, o ser humano, deve entrar em relação com os fenômenos do mundo circundante através de outros homens, isto é, num processo de comunicação com eles. Assim, a criança *aprende* a atividade adequada. Pela sua função este é, portanto, um processo de *educação*.

A sociedade moderna produz no seu seio uma instituição social que tem como premissa o foco na formação das novas gerações, porém infelizmente o papel que a educação, e mais especificamente a Educação Física<sup>9</sup>, tem cumprido na atualidade, está distante do que disscorremos até aqui. A burguesia fornece à classe proletária as mínimas condições para que o trabalhador adquira conhecimento, ou seja, para produzir os trabalhadores não podem ser alijados de forma absoluta do conhecimento historicamente produzido. É preciso que tenham acesso mínimo ao saber. Mézszáros (2008, p. 15) avalia que

A educação, que poderia ser uma alavanca essencial para a mudança, tornou-se instrumento daqueles estigmas da sociedade capitalista: “fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à maquinaria produtiva em expansão do sistema capitalista, mas também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes”. (...) agora é mecanismo de perpetuação e reprodução desse sistema.

Contudo, por mais que esse papel esteja em evidência, não se pode abandonar a luta por uma educação que atenda os interesses da classe trabalhadora, já que a educação pode, sim, ser uma ferramenta que permita aproximações e atividades que possam vir a desenvolver ações

---

<sup>9</sup> Não pretendemos abordar aqui todo o processo histórico, da finalidade e do papel que a Educação Física assumiu para contribuir com o processo de formação humana.

favoráveis à emancipação humana. Sabemos que ela, sozinha, não logrará construir a revolução, mas pode se tornar um alicerce essencial no seu desenvolvimento. O autor Húngaro observa que esse processo ocorre na relação de duas atividades, e que

(...) a nossa tarefa educacional é, simultaneamente, a tarefa de transformação social, ampla e emancipadora. Nenhuma das duas podem ser postas à frente uma da outra. Elas são inseparáveis. *A transformação social emancipadora radical requerida é inconcebível sem uma concreta e ativa contribuição da educação no seu sentido amplo.* E vice-versa: a educação não pode funcionar suspensa no ar. Ela pode e deve ser articulada e redefinida constantemente no seu inter-relacionamento dialético com as condições ambientais e as necessidades da transformação social emancipadora e progressiva em curso. Ou ambas têm êxito e se sustentam, ou ambas fracassam juntas (MÉSZÁROS, 2008, p. 76, grifo nosso).

Assim como a Educação, a Educação Física também não se exime do processo da luta de classes. O Coletivo de Autores<sup>10</sup> (1992) assevera que no contexto escolar a Educação Física trata de um conhecimento específico, o conhecimento da Cultura Corporal. A contribuição que esta traz à formação humana é o saber historicamente produzido relativo aos jogos e brincadeiras, ao esporte, à ginástica, às lutas, à dança, etc.

Nesse aspecto de discussão teórica mais ampla, Betti (1998) sinaliza a Educação Física no seio da luta de classes, o que, de maneira crítica, coaduna-se com os pressupostos do Coletivo de Autores (1992)

---

<sup>10</sup> Sob os pressupostos do materialismo Histórico-Dialético, no campo da Educação Física, encontramos a proposta teórico-metodológica Crítico-Superadora (COLETIVO DE AUTORES, 1992). A obra oferece subsídios aos professores para a construção de seu fazer pedagógico, orientados por uma prática consciente e intencional. O posicionamento assumido pelos autores dessa proposta é em favor da classe trabalhadora e da luta pela transformação da sociedade por meio do conhecimento científico, deixando claro que se “trata de uma pedagogia emergente, que busca responder a determinados interesses de classe, denominada aqui de crítico-superadora” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 25).

acima mencionados, destacando principalmente que o esporte deve ser apropriado pelo homem para que este seja capaz de

(...) compreender a organização institucional da cultura corporal em nossa sociedade; é preciso prepará-lo para ser um consumidor do esporte espetáculo, para o que deve possuir uma visão crítica do sistema esportivo profissional, e instrumentos conceituais e perceptivos para uma apreciação estética e técnica do esporte. (...) É preciso preparar o leitor/espectador para analisar criticamente as informações que recebe dos meios de comunicação sobre a cultura corporal (BETTI, 1998, p. 15).

Como explicitamos, consideramos que a partir dos estudiosos do esporte, da psicologia da escola soviética e do marxismo, foi possível fazer algumas indicações sobre as pretensões de estudo, ou seja, apontar o *problema* da presente pesquisa. Nosso estudo se orienta por diversos questionamentos, que não foram necessariamente respondidos, mas se constituíram e nortearam a reflexão que conduziu à elaboração de novas questões. O processo, de certa forma, constituiu-se pela busca da melhor formulação da pergunta. O problema surgiu a partir de diversas indagações. O esporte contribui para o processo de fetiche da classe trabalhadora? Se nossa resposta for positiva, teremos que explicitar os elementos que nos permitem sustentá-la: que relação é essa? Como o sistema esportivo influencia na vida cotidiana da classe trabalhadora na sociedade contemporânea? Como as categorias alienação, estranhamento e fetiche se expressam na análise da cultura corporal? Como a prática social – esporte – se transforma em espetáculo? As reflexões em torno desses questionamentos poderão estabelecer orientação para novas questões ou dirigir-se a uma questão *particular*, ou seja, como tratar o esporte na escola, no significado da formação humana, na maior possibilidade de seu desenvolvimento.

Nesse contexto, nosso *objetivo* é compreender a possível relação entre o esporte – como esporte espetacularizado – e o processo de fetiche. A partir desse objetivo, desdobramos os seguintes *objetivos específicos*: 1) apresentar a produção do espetáculo esportivo como mercadoria nas relações sociais capitalistas; 2) verificar peculiaridades do sistema esportivo, entre elas: o espetáculo e o processo ideológico; 3)



compreender a relação entre o espetáculo esportivo e o processo de fetiche.

## 2.2 ONTOLOGIA CRÍTICA E O CONHECIMENTO: QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Para alcançar os objetivos propostos, é importante esclarecer o procedimento metodológico que utilizamos. O método reflete a obtenção de resultados no conhecimento e na prática. É a partir do método que procuramos compreender a realidade e, nesse sentido, o método “(...) é um meio de atividade do homem em que se unem num todo as leis objetivas interpretadas com o fim voltado para a apreensão do objeto e a sua transformação” (KOPNIN, 1978, p. 96).

Com o advento da racionalidade moderna e iluminista – intimamente ligada à razão científica –, instaurou-se a desconstrução de um tipo de razão, o que, por sua vez, o surgimento de diferentes abordagens de análise para os problemas sociais. A esse “mal-estar epistemológico” cético e pragmático convencionou-se chamar de “agenda pós-moderna” (TORRIGLIA, 2012; MORAES, 2003). Essas teorias abarcam o conhecimento como impossibilidade histórica, uma vez que é impossível apreender a realidade sobrecarregada por diversidades culturais. Neste tocante, as interpretações narrativas estão relacionadas ao pragmatismo, que restringe a produção do conhecimento à linguagem, a discursos intersubjetivos, fenômeno denominado por Moraes (2003) de “recuo da teoria”. Assim, nessa linha de pensamento se extrai o projeto emancipador das metanarrativas – principalmente as afinadas com a luta de classes –, o que direciona as dimensões que caracterizam a agenda pós-moderna: o presentismo e o pragmatismo.

Importante destacar que na dimensão pragmatista a prática é o lócus central do conhecimento o que, por sua vez, direciona ou obstaculiza a possibilidade da teorização. Isso deriva da compreensão de um conhecimento baseado no

(...) senso comum ou conhecimento tácito, resultante da negação da teoria; declarada a impossibilidade de conhecer, e desta forma, negando o caráter científico do conhecimento produzido em decorrência de seu viés cultural e exercício do poder (KUENZER, 2016, p. 9).

O caráter meramente instrumental que essa concepção apresenta corresponde ao conhecimento vinculado às atividades úteis. O desenvolvimento das funções psíquicas superiores plasma-se no limite empírico, determinado pela eficiência e eficácia da manipulação do imediatismo (MORAES, 2003).

Já a dimensão presentista, conforme Debord (2013), expressa a negação da práxis, o que, de certa forma, revoga a possibilidade e a historicidade: “o que vale é o presente”. Nesse sentido, a expressão presentista desconsidera as determinações históricas e o entendimento do real limita-se ao oferecido pela experiência momentânea (KUENZER, 2016, p. 11).

Kuenzer (2016, p. 11) destaca, em relação à história e à questão do “presente”, que

Se não há história, não há valores, nem princípios ou fundamentos e não há futuro; só o presente, que deve ser vivido em sua completude. Reforça-se o individualismo, reduzindo-se a sociedade à interação entre indivíduos e as relações sociais são reduzidas ao plano individual (escolhas pessoais). Conseqüentemente, não há teorias sociais, pois estas são ilusões que disfarçam interesses particulares; a totalidade passa a ser um recurso metodológico impossível, pois não há como estabelecer relações causais entre fenômenos sociais. A totalidade é substituída pela fragmentação.

Além disso, o presentismo abrange apenas as aparências das relações sociais no seio do modo de produção capitalista, exercendo muitas implicações para a ciência e a práxis transformadora mediante o discurso constrangedor do fim das metanarrativas.

Abordamos esse debate, pois os estudos do esporte, em sua maioria, são realizados nessa perspectiva metodológica em sua apresentação empirista. Gonzalez (2006, p. 112), por exemplo, apresenta seu sistema de classificação dos esportes “(...) com o propósito de identificar seus elementos universais e entender melhor suas lógicas internas, particularmente no que tange às solicitações colocadas por essas últimas aos praticantes de diferentes atividades”. Porém, ao verificarmos os critérios utilizados para realizar a classificação, percebemos que são expressões imediatas do fazer prático. Os critérios de classificação que o

autor aponta são: a) se existe ou não relação com os companheiros; b) se existe ou não interação direta com o adversário. Tal classificação reduz a compreensão da prática esporte apenas à relação estabelecida no imediato entre os participantes do jogo, se coletivas ou individual, se há interação – diga-se, contato, com o adversário. Com esses critérios não há possibilidade de explicitar os “elementos universais” e nem a “lógica interna”, mas unicamente expor uma classificação das diferentes modalidades de esporte. A classificação é uma característica, segundo Davídov (1988), da análise empírica do real.

Encontramos em Tubino (2001) outra classificação das modalidades esportes. Para o autor a compreensão do esporte se dá a partir do espaço onde a prática social é realizada, sendo compreendida através de três manifestações: a) o esporte-educação; b) o esporte-participação ou esporte popular e; c) o esporte-performance ou de rendimento (TUBINO, 2011, p. 34). Podemos perceber que com a mera descrição empírica as dimensões esportivas são influenciadas pela prática empírica do esporte, mas não há compreensão de esporte.

Ao classificar os esportes, consideramos que os autores não apreendem da realidade seu processo de gênese e desenvolvimento, já que a base para o processo analítico está na ação prática dos indivíduos, ou seja, uma conotação empirista de descrição, não o seu ser histórico. Acreditamos que as classificações apresentadas conduzem ao desenvolvimento do pensamento empírico e, por isso, este tipo de conhecimento – ainda que importante para os processos de apropriação – não permite ou dificulta a compreensão do esporte como objeto do conhecimento em seu conteúdo teórico.

O pensamento empírico, na visão de Davídov (1982), está relacionado ao aspecto direto e imediato. Além de ser insuficiente para desenvolver os aspectos cognitivos, obstaculiza o processo de assimilação por estar ancorado na lógica-formal. As dependências empíricas podem ser verbalmente descritas, consolidadas apenas em modificações externas como resultados de observações diretas e, na medida em que se repetem, é indispensável distinguir uma classe de dependência das outras. Inicialmente o conhecimento destaca e consolida apenas suas modificações externas, seus nexos concretos e relações imediatas.

Marx (in DAVIDOV, 1988, p. 130) caracteriza a compreensão empírica dos objetos – própria do “observador alheio à ciência” – como o processo em que, ao invés de penetrar no nexos interno, “não faz mais que descrever, catalogar, narrar e situar em definições esquematizadas dos conceitos o que exteriormente se manifesta no processo vital, no

mesmo aspecto em que se revela e aflora ao exterior”. Davíдов (1988, p. 105) corrobora, a partir de Marx, para compreender o resultado do pensamento empírico sob a lógica formal tradicional quando reafirma que ele apenas classifica os objetos segundo seus traços externos. Como resultante desse pensamento, os processos limitam-se aqui a dois aspectos: “1) à comparação dos dados sensoriais concretos com a finalidade e de separar os traços formalmente gerais e realizar sua classificação; 2) à identificação dos objetos sensoriais concretos com a finalidade de sua inclusão em uma ou outra classe”.

Nesse período do desenvolvimento da atividade cognoscitiva, o processo de abstração e generalização conceitual empírica não separa as particularidades essenciais do objeto, isto é, a conexão interna de sua exterioridade. Dita generalização não assegura, no conhecimento, a separação entre os fenômenos e a essência, uma vez que as propriedades externas dos objetos, sua aparência, são tomadas como sua essência (DAVÍDOV, 1988).

Nesse contexto é preciso sobrepujar o modelo de pensar lógico-formal, ancorando-se na apropriação dos fenômenos sob a base materialista dialética. O método dialético é essencial, pois permite a compreensão da gênese e desenvolvimento dos fenômenos, orientando o agir humano em sua atividade prática e cognoscitiva (DAVÍDOV; SLOBÓDCHIKOV, 1991; SHEPTULIN, 1983).

Cheptulin (2004) assevera que a questão em toda filosofia está diretamente relacionada com as categorias fundamentais e determinantes, em particular, de matéria e consciência. E por isso, para compreender o processo analítico é preciso assimilar a relação entre elas.

O marxismo relaciona sujeito e objeto na base real, unicidade histórica na história.

O marxismo concebe por matéria enquanto realidade objetiva existente interdependente da consciência e refletindo-se nela, o mundo exterior, a realidade objetiva, na qualidade do todo, como conjunto de todas as formas do ser objetivo, com todas suas propriedades características, com as relações que lhe são próprias. O objeto a partir do qual é abstraído o conceito de matéria é toda realidade objetiva, todo mundo exterior, toda a realidade que rodeia o homem, isto é, o mundo em sua totalidade. (CHEPTULIN, 2004, p. 70)

A relação entre homem e mundo objetivo se dá pelas transformações que acontecem na consciência governadas pela atividade empreendida pelo homem que, por sua vez, se manifesta como imagem subjetiva do mundo objetivo (MARTINS, 2013). Koppin (1978, p. 124) enfatiza o reflexo da coisa, ou seja, a representação mental do objeto como “(...) resultado da atividade subjetiva que parte da fonte objetiva e conduz à imagem cognitiva, superando por conteúdo qualquer objeto ou processo tomado separadamente”.

Os conceitos historicamente formados na sociedade existem nas formas da atividade humana resultantes do reflexo racional dos objetos, dando origem às significações. O indivíduo deve atuar sobre as coisas segundo os conceitos que já existem anteriormente na sociedade, ele não os cria, mas os capta, apropria-se deles (LEONTIEV, 1978). Na concepção de Davídov (1982, p. 300), “O conceito atua, simultaneamente, como forma de reflexo do objeto material e como meio de sua reprodução mental, de sua estruturação, isto é, como ação mental especial”, o que exige um método de investigação que forneça elementos para a compreensão das inter-relações dos objetos singulares, expressando a essência que é determinada pelo universal do material.

Mas como reproduzir conceitualmente o fenômeno em questão? Em que medida é possível reproduzir idealmente a essência de um fenômeno? É possível capturar a realidade e afirmar que certa captura é mais verossímil que o fenômeno imediatamente observado?

Tais perguntas estão diretamente relacionadas ao método de conhecimento. Método que orienta a obtenção de conhecimento, norteia e guia o processo de investigação mediante as concepções e conceitos sobre o que é a realidade, como se conhece a realidade e para que conhecer a realidade (KOPNIN, 1978). Assim, afirmamos a necessidade de explicitar o método a que nossa pesquisa se vincula como instrumento teórico de investigação e análise do real, o método materialista dialético.

De acordo com Kosik, para se apropriar das coisas e sua estrutura é imprescindível realizar um *detour*, uma vez que as coisas não estão diretamente expostas ao homem como na verdade são. Desse modo, o *detour* é o meio exclusivo de captar a realidade de forma verossímil. Kosik (2002, p. 27, grifo do autor) enfatiza que, para apreender a realidade, “O homem tem de envidar esforços e sair do ‘estado natural’ para chegar a ser verdadeiramente homem (o homem *se forma* evoluindo-se em homem) e conhecer a realidade como tal”. Entretanto, para conhecer as coisas em si, deve-se primeiro transformá-las em coisas para si, submetê-las à própria práxis.

Kosik (2002, p.34) expõe que conhecer a “coisa em si”

(...) não significa reduzir os ‘fenômenos’ à substância dinamizada, mas entender o que se passa por detrás dos fenômenos, conhecer as leis desse movimento. (...) O movimento da coisa cria fases, formas e aspectos isolados, que não podem ser compreendidos mediante sua redução à substância, mas que são compreensíveis como explicações da ‘coisa em si’.

No mesmo momento em que nos aproximamos do objeto e da sua estrutura, devemos nos distanciar deles. Apenas contemplação ou reflexão não são suficientes, mas uma determinada análise de atividade, “(...) esta análise deve incluir também o problema da *criação* da atividade que estabelece o acesso à ‘coisa em si’. Estas atividades são os vários aspectos ou modos da *apropriação* do mundo pelos homens” (KOSIK, 2002, p. 28, grifo do autor).

O método dialético deve ser compreendido pelo “esforço sistemático e crítico que visa a captar a coisa em si, a estrutura oculta da coisa, a descobrir o modo de ser do existente” (KOSIK, 2002, p. 18). Por isso, nesse contexto, para compreender os fenômenos é fundamental ultrapassar a práxis imediata, decompor o todo, ir à essência, sem tal decomposição o conhecimento limita-se ao imediato, ao “presentismo”.

O conhecimento é um processo complexo, que por meio dos órgãos dos sentidos captura a realidade sobre a atividade prática. “(...) a percepção sensível constitui uma premissa importante do verdadeiro conhecimento científico, mas por si só não é uma captura profunda da realidade.” (ROSENTAL, 1958, p. 2). Esse procedimento é apenas o primeiro grau do complexo processo cognoscitivo. Para descobrir a essência, o necessário, as leis dos fenômenos, é preciso continuar o processo de conhecimento a um grau mais elevado. O autor aponta que este nível mais elevado se realiza pela *abstração* e *generalização* com o instrumento *pensamento teórico*.

Segundo Kopnin (1978, p. 152),

O pensamento teórico reflete o objeto no aspecto das relações internas e leis do movimento deste, cognoscíveis por meio da elaboração racional dos dados do conhecimento empírico. Sua forma lógica é constituída pelo sistema de abstrações que

explica o objeto. A aplicação prática do conhecimento teórico é quase ilimitada, enquanto no sentido científico a construção da teoria se manifesta como um resultado final, como conclusão do processo de conhecimento.

O método dialético-crítico se propõe analisar o mundo real da práxis humana mediante a “compreensão da realidade humano-social como *unidade* de produção e produto, de sujeito e objeto, de gênese e estrutura”. Em outros termos, o pensamento teórico permite sobrepujar a pseudoconcreticidade, por meio do processo de assimilação da realidade concreta no pensamento, da sua concreticidade (KOSIK, 2002, p. 23, grifo do autor).

De acordo com Kopnin (1978, p. 156), “(...) para a lógica dialética marxista o método de ascensão do abstrato ao concreto é apenas um meio pelo qual o pensamento assimila o concreto, o reproduz intelectualmente mas nunca o cria”.

Kosik (2002, p. 36-37, grifo do autor) argumenta que

O método da ascensão do abstrato ao concreto é o método do *pensamento*; em outras palavras, é um movimento que atua nos conceitos, no elemento da abstração. A ascensão do abstrato ao concreto não é uma passagem de um plano (sensível) para outro plano (racional); é um movimento no pensamento e do pensamento. Para que o pensamento possa progredir do abstrato ao concreto, tem de mover-se no seu próprio elemento, isso é, no plano abstrato, que é negação da imediatividade, da evidência e da concreticidade sensível. (...) É um movimento para o qual todo início é abstrato e cuja dialética consiste na superação desta abstratividade.

No processo de ascensão do abstrato ao concreto o ponto de partida do exame deve ser igual ao resultado. O “(...) ponto de partida deve manter a identidade durante todo o curso do raciocínio visto que ele constitui a única garantia de que o pensamento não se perderá no seu caminho”. Contudo, para se compreender o todo é necessário fazer um *detour*, em que (...) “o concreto se torna compreensível através da mediação do abstrato, o todo através da mediação da parte” (KOSIK, 2002, p. 36).

Para a reprodução do concreto, afirma Kosik (2002, p. 37), o método de *investigação* perpassa três graus:

- 1) minuciosa apropriação da matéria, pleno domínio do material, nele incluídos todos os detalhes históricos aplicáveis, disponíveis; 2) análise de cada forma de desenvolvimento do próprio material; 3) investigação da coerência interna, isto é, determinação da unidade das várias formas de desenvolvimento.

Nessa perspectiva, o processo de investigação deve estar direcionado na busca da apropriação dos nexos internos, ou seja, as relações essenciais do objeto. Porém, de acordo com Kosik (2002), se não tivermos o domínio desse método de *investigação*, qualquer dialética não passará de especulação vazia. Vemos que o mundo apresentado, o mundo da pseudoconcreticidade é contraditório e se desenvolve em um sistema de manipulação e superficialidade, negando a essência, naturalizando algo que não é natural. Além disso, é importante salientar que “o aspecto fenomênico da coisa, em que a coisa se manifesta e se esconde, é considerado como a essência mesma, e a diferença entre o fenômeno e a essência *desaparece*” (KOSIK, 2002, p. 16, grifo do autor).

O fenômeno, diferentemente da essência, se manifesta de forma imediata e com frequência; já para desvendar a essência é preciso investigar a “coisa em si”. Durante a investigação se separa a “célula” da totalidade, com isso se cria o fundamento para sua dedução genética por meio da recriação do sistema de conexões que reflete o desenvolvimento da essência – a célula.

a essência é a conexão interna que, como fonte única, como base genética, determina todas as outras especificidades particulares do todo. Trata-se de conexões objetivas, as que em sua dissociação e manifestação asseguram a unidade dos aspectos do todo, isto é, dão ao objeto um caráter concreto. Neste sentido, a essência é a determinação universal do objeto (DAVIDOV, 1988, p. 147).

Essa recriação ocorre pelo movimento de ascensão do pensamento do abstrato ao concreto. Nessas circunstâncias, uma análise dialética



destrói a pretensa independência dos fenômenos, considerando-os como algo originário e independente, descartando, assim, o mundo das representações e do pensamento comum para que, dessa maneira, os fenômenos se apresentem derivados e mediatos, como sedimentos e produtos da práxis social da humanidade (KOSIK, 2002).

Após a apresentação da estrutura geral do método utilizado para compreender nosso objeto de estudo, questionamo-nos: qual é o elemento essencial que caracteriza o esporte espetáculo? Dito de outra forma, qual é o *ser do espetáculo esportivo*, seus nexos e conexões internos?

Pois bem, antes de adentrarmos na compreensão aproximativa dos nexos e funcionamento do esporte, é necessário situar minimamente qual é o nosso objeto de estudo, tendo em vista que as expressões como acima elucidadas em relação ao esporte são insuficientes para caracterizar o próprio objeto, pois apresentam apenas, embora não menos importante, algumas descrições da caracterização empírica do fenômeno. Para tal fim, vamos caracterizar o entendimento do objeto procurando entender o que é na atualidade o esporte, um dos fenômenos mais presentes na vida dos sujeitos, e que, portanto, é motivo de grandes debates e questões. Ao analisarmos o esporte nessa relação entre aparência e essência, percebemos que sua manifestação empírica, aparente, imediata, expressa uma compreensão preponderante que contribui para a formação de crianças e adolescentes, estimulando-as para a construção da hegemonia; desenvolve capacidades e domínio motor; ajuda na manutenção da saúde e qualidade de vida; promove a união e harmonia dos povos; tem papel fundamental na inclusão e ascensão social; retira pessoas da criminalidade e das drogas, entre outros elementos.

Descreveremos a conjuntura em que o esporte está inserido a fim de compreendê-lo em suas determinações essenciais. Nessas circunstâncias, pelo processo analítico dialético, buscaremos superar as representações do pensamento cotidiano. “A realidade é interpretada não mediante a redução a algo diverso de si mesma, mas explicando-a com base na própria realidade, mediante o desenvolvimento e a ilustração das suas fases, dos momentos do seu movimento” (KOSIK, 2002, p. 35), como produtos da objetividade social humana.

Por isso, para compreender a essência da realidade, as inter-relações dos traços em sua formação, é preciso considerar sua própria formação material, dito de outro modo, considerar a contradição, que é a unidade e a luta dos contrários. Cheptulin (2004) assevera que os contrários permanecem constantemente em luta, não são divergentes e não se destroem, isto é, coexistem. Essa ligação orgânica contraditória é

a força motora que permite o avanço do conhecimento, constitui a contradição dialética. “A equivalência dos contrários é uma das formas de sua identidade, de sua coincidência que aparece no estágio de desenvolvimento da contradição em que se estabelece um certo equilíbrio de forças opostas, em que estas parecem tornar-se equivalentes” (CHEPTULIN, 2004, p. 288).

A expressão da identidade dos contrários está na passagem de um para outro, sendo a luta dos contrários norte do objeto a um novo salto de qualidade. Cheptulin (2004) nos alerta para duas questões. Por um lado, as contradições estão postas, delas se constitui a forma geral do ser e se desenvolve por meio da contradição. Por outro lado, o autor indica que existem graus de desenvolvimento da contradição, que quando chegam ao estágio extremo entram em conflito e originam novos estágios de manifestação, movimento e desenvolvimento. “(...) os contrários passam um pelo outro, tornam-se idênticos, e a formação material que os possui propriamente entra em um novo estado qualitativo” (CHEPTULIN, 2004, p. 295).

Para o materialismo dialético a contradição é a forma universal do ser, pois todo fenômeno é constituído por contradições, aspectos e tendências: “Sendo uma forma universal da existência da matéria, a contradição – unidade e luta dos aspectos contrários – é a lei fundamental da realidade objetiva e do conhecimento, assim como uma das leis fundamentais da dialética” (CHEPTULIN, 2004, p. 300).

Reconhecer a contradição, a unidade e luta dos contrários é a possibilidade de assimilar a origem do movimento e a estrutura do fenômeno investigado. (CHEPTULIN, 2004). Em nosso objeto de estudo isso não se difere. A contradição no esporte se efetiva em duas formas. Em primeiro lugar, o esporte – fruto do modo de produção capitalista – permitiu o máximo desenvolvimento dos objetos da cultura corporal. É importante salientar que o fenômeno esportivo impulsionou o surgimento e desenvolvimento de diversas singularidades da cultura corporal. Em segundo lugar, o esporte é uma atividade inserida no seio do modo de produção vigente. Por isso, sua objetividade é produzida e reproduzida necessariamente como espetáculo ou alienação.-(NASCIMENTO, 2014).

O *Esporte* permitiu um grandíssimo salto na ação *livre, consciente e voluntária* do homem na sua relação com as ações corporais. Mais do que em qualquer outra época e sociedade da história humana, no capitalismo, sob a forma ou a mediação do *Esporte* e da *Arte-espetáculo*, criaram-se as

máximas condições para que o homem pudesse *destacar* dos movimentos de “dança”, “jogos”, “lutas”, “atletismo” etc. (...) Mais do que em qualquer outra época ou sociedade, as práticas corporais puderam se *humanizar*. Mas essa humanização das práticas corporais – tais quais quaisquer relações humanas sob o capitalismo – ocorre concomitantemente a sua constituição como uma prática desumanizadora ou alienadora do homem em relação ao próprio homem (NASCIMENTO, 2014, p. 75-76, grifo do autor).

Desse modo, a liberdade alcançada pelo homem na história da humanidade é uma liberdade amarrada a correntes. Ou seja, o esporte permite o máximo de desenvolvimento das atividades da cultura corporal, entretanto, sua objetivação cristaliza a hegemonia das relações do capital no campo das práticas corporais.

Pensar dialeticamente alude à necessidade de considerar que as categorias não são estáticas, mas sim mutáveis, o que, conseqüentemente, evoca o motor no e do pensamento que transita do singular ao universal (CHEPTULIN, 2004).

A necessidade de elevar o singular ao universal é determinada pelo fato de que o estudo do singular, ou seja, de um objeto ou fenômeno isolado, não dá nem pode nos dar o conhecimento da essência, as leis do mundo objetivo. Na realidade em si não existem objetos isolados uns dos outros. O singular é parte do universal (ROSENTAL, 1958, p. 3).

Essas categorias auxiliam a melhor apreender a realidade objetiva em forma de conhecimento da realidade. “É como se nos conceitos e categorias, as propriedades concretas dos objetos singulares se fundissem naquilo que é comum, essencial e inerente a todos eles, no que constitui o fundamento, a essência do seu ser.” (ROSENTAL, 1958, p. 3).

Com a dialética nos aproximamos das imagens mais profundas da realidade objetiva pelo movimento da essência que se expressa na relação singular, particular e universal. Koppin (1978, p. 108) ressalta que

O conteúdo das categorias filosóficas enquanto reflexo do universal não abrange, evidentemente, todos os indícios particulares, causais e individuais

dos objetos, pois, em caso contrário, elas deixariam de ser conceitos. O universal implica a riqueza do singular e do particular no sentido de que, apreendendo as leis, ele está refletindo, nessa ou naquela medida, todos os casos particulares de manifestação do singular. Sem compreender a dialética do universal e do singular nas categorias, é impossível descobrir a essência e a relação destas com os conceitos de outras ciências. Nisto se baseia a dedução, conclusão do singular a partir do universal. Se o universal não implicasse, sob nenhuma forma, a riqueza do singular, a dedução seria basicamente impossível. Não é só o singular que leva o conhecimento do universal como o próprio universal é um degrau do conhecimento do singular, caso abranja o essencial e o necessário.

Portanto, as categorias filosóficas são as categorias do método de conhecimento, de investigação e definição do mundo objetivo. Elas refletem no pensamento a realidade e expressam a conexão entre as coisas. E por isso são categorias fundamentais, sendo que propiciam a captura do conceito do objeto. Consequentemente permitem apropriação dos fenômenos particulares e singulares mediante a compreensão da base universal (DAVÍDOV, 1988; ROSENAL, 1958).

O termo esporte, neste trabalho, é compreendido como *particularidade e ao mesmo tempo universalidade da cultura corporal que permeia* todas as manifestações empíricas, entre elas o jogo, a luta, a dança, a ginástica, o atletismo, etc., e, portanto, o esporte “(...) assume uma condição *mediadora*, em nossa sociedade, na relação dos indivíduos com os conteúdos humano-genéricos desenvolvidos na esfera das práticas corporais” (NASCIMENTO, 2014, p. 73, grifo da autora).

Nesse sentido, para compreender a condição mediadora do esporte, é necessário apresentar, sem a intenção de esgotar as relações essenciais – objetos das atividades da cultura corporal – das atividades concretas da cultura corporal. Nascimento (2014) estabelece três relações essenciais-gerais das atividades da cultura corporal encarnadas no jogo, na dança, na luta, na ginástica, às quais denomina:

criação de uma imagem artística com as ações corporais, controle das ações corporais do outro e domínio da própria ação corporal. Essas são as relações essenciais no âmbito da prática corporal

em nossa sociedade e que constituem, assim, o ponto de partida real para a análise dos objetos de ensino da Educação Física. (NASCIMENTO, 2014, p. 42, grifo do autor).

Abordaremos, na sequência, as três dimensões que compõem as atividades da cultura corporal. Em seguida, as atividades da cultura corporal objetivadas em suas particularidades e sintetizadas pelas relações essenciais que possuem uma ou outra relação essencial dominante, que ocupa o centro da estrutura à qual se subordinam as demais relações. Conforme expressa Nascimento (2014, p. 46, grifo do autor), exemplificando as atividades particulares da cultura corporal,

*o controle da ação corporal do outro como o centro de sua estrutura (o Jogo e a Luta), outras que possuem o domínio da própria ação corporal como centro (a Ginástica e o Atletismo) e outras que possuem a criação de uma imagem artística como o seu objeto central (a Dança e a Mímica), isso não significa que apenas essas relações da cultura corporal fazem ou podem fazer parte das estruturas particulares dessas atividades.*

Dessa maneira, os objetos da cultura corporal compõem a forma particular das atividades que só existem por meio da reprodução e produção dos sujeitos singulares, ou seja, pela produção humana objetivada nas riquezas materiais e imateriais.

A partir deste momento apresentaremos mais detalhadamente as relações essenciais nas suas manifestações particulares e singulares para, na sequência, compreender o esporte como mediador desses objetos. Conforme Nascimento (2014), as formas ritualísticas do século XIII não eram as mesmas desde os primórdios, mas possuíam uma origem prático-utilitária, dando origem às diversas formas de ritos conectadas às atividades religiosas. “(...) a ‘dança’ ou a representação de um conflito real através de ações de ‘luta’ ou de ‘jogo’ era um meio que o homem utilizava na *tentativa de controlar a natureza* para produzir e reproduzir os seus meios de vida; vinculava-se, portanto, a fins prático-utilitários.” (NASCIMENTO, 2014, p. 83, grifo do autor). Apenas posteriormente essas ações corporais, cujo objetivo era o domínio da natureza, passam a adornar, tornam-se arte, principalmente pela valorização do corpo articulado à estética.

No processo de desenvolvimento ritualístico das formas simples até as mais complexificadas, o lúdico e o artístico auferem autonomia relativa em relação às esferas utilitárias. Baseadas nisso, as necessidades prático-utilitárias que são produzidas e determinadas pelas condições sociais assumem relativa autonomia para com as exigências da vida cotidiana.

Por esse ângulo, as relações essenciais que estamos analisando – a criação de uma imagem artística, o controle da ação corporal do outro, o domínio da própria ação – são fruto do desenvolvimento das atividades da cultura corporal, encarnadas nas práticas corporais elaboradas pela humanidade. Nascimento (2014, p. 84, grifo do autor) explicita que os “momentos históricos anteriores a nossa sociedade representam a pré-história do desenvolvimento das atividades da cultura corporal, a *gênese* de suas essências e estruturas ou, o que dá no mesmo, os *embriões* para a sua constituição tal qual conhecemos hoje.”

Como já exposto anteriormente, o processo de desenvolvimento da dança ascendeu pelas manifestações das atividades da cultura corporal nas civilizações antigas e na Idade Média para suprir determinadas necessidades. Esse desfecho permitiu acompanhar a gênese das relações de criação de uma imagem artística, pois, de acordo com Nascimento (2014), nessa relação a dança se sintetiza em suas máximas potencialidades.

Ao compendiar o conteúdo das relações essenciais do objeto – neste caso, a criação de uma imagem artística –, Nascimento (2014) expõe que a composição de uma forma cênica se dá pela relação recíproca entre uma ideia artística (intenção comunicativa) e os processos de composição e decomposição das ações corporais. Nessa dinâmica de produção de uma forma cênica, além de compreender o conceito do objeto, podemos constatar os elementos que delineiam a criação de uma imagem artística. Assim, é fundamental a produção de uma forma cênica para as atividades particulares da cultura corporal constituírem a centralidade das relações. Conforme a autora,

uma ação corporal executada ao som de uma música não é, em si, uma expressão da atividade de Dança, do mesmo modo que “imitar algo” não é, em si, uma expressão da atividade Mímica. Para se constituir como uma expressão do objeto de criação de uma imagem artística, uma atividade particular precisa encarnar em sua estrutura a ação explícita de *organizar as ações corporais com o*

*fim de produzir uma forma cênica.*  
(NASCIMENTO, 2014, p. 136, grifo do autor).

Podemos dizer que a dimensão estética não está nos elementos (ideia artística, “intenção comunicativa” e os processos de composição e decomposição das ações corporais) que compõem o objeto, mas nas relações essenciais para produzir uma forma cênica.

A relação essencial de controle da ação corporal do outro como central se desenvolveu nos jogos com bola nas civilizações astecas e na Idade Média. As atividades da cultura corporal que expressam o objeto–controle da ação corporal do outro – ocupam o centro da estrutura sintetizada da relação, “objetivos mutuamente opostos entre si direcionados a um mesmo alvo”, encarnados nas particularidades das atividades de jogo e luta (NASCIMENTO, 2014, p. 164).

Uma atividade em que esteja presente a situação de competição não é suficiente, por si só, para que o controle da ação corporal do outro tenha centralidade. Segundo Nascimento (2014, p. 166, grifo do autor), “a disputa ou competição por um mesmo *alvo* não é, em si, a condição necessária e suficiente para fazer nascer a relação de controle da ação corporal do outro como o objeto central de uma dada atividade da cultura corporal.”

A autora afirma que nas condições do jogo, para que a relação essencial de controle da ação corporal do outro se constitua, é necessário que haja relações de objetivos mutuamente opostos em direção a um mesmo alvo.

*A regra de um jogo, definindo o espaço, tempo, modos de ação válidos entre os participantes e os objetivos específicos a serem atingidos, é condição determinante para o surgimento de qualquer forma de jogo. (...) Assim, na atividade de Jogo, controla-se o corpo do outro para atingir o objetivo principal de controlar um determinado espaço. Na atividade de Luta, controla-se o espaço de jogo a fim de atingir o objetivo principal de controlar o corpo do outro. (NASCIMENTO, 2014, p.169, grifo do autor).*

A compreensão do jogo para além das manifestações imediatas significa produzir, para si, um novo saber sobre esse que, por sua vez, torna-se conhecimento da dinâmica e lógica do jogo e/ou luta resumidos no controle da ação corporal do outro.

Entre os conhecimentos que a autora frisa estão os estratégicos e táticos, afirmando que estas particularidades de jogo produzem conhecimentos apreendidos no jogo propriamente dito; conseqüentemente, esses jogos representam conhecimentos particulares, que se expressam como conhecimentos gerais nas diversas formas singulares do jogo e/ou luta. Ressaltamos que para o ensino dos jogos não bastam os conhecimentos gerais, “ao contrário, é preciso – para cada jogo – produzir uma análise exata do modo como esses conhecimentos gerais efetivamente se desenvolvem e se manifestam nas condições e características particulares do jogo e/ou luta em questão” (NASCIMENTO, 2014, p. 208).

Assim, os conhecimentos dessa relação – jogo e luta – não estão em questão apenas nas situações singulares objetivas de determinado jogo ou luta, mas na síntese dos princípios de jogo e luta que, por seu turno, exprimem os conhecimentos gerais de todas as manifestações particulares de jogo. Desse modo, a síntese dos conhecimentos teóricos das particularidades relacionadas ao jogo e às lutas permite o entendimento dessa relação para possibilitar um agir melhor, consciente, autônomo nas situações de jogo e/ou luta e, conseqüentemente, criador (NASCIMENTO, 2014).

Dando continuidade à discussão do essencial-geral da Educação Física, que se constitui nas relações essenciais, abordaremos a relação de *domínio da própria ação corporal*, considerando as ações competitivas de destrezas corporais, atributos dessa relação.

A centralidade do domínio da própria ação corporal se expressa nas atividades de ginástica e atletismo. Para Nascimento (2014), essa relação sintetiza “meios técnicos em relação a metas possíveis”. A meta proposta pelo jogo, como exemplifica a autora, “chegar mais rápido possível no alvo”, se transforma nos sujeitos em própria meta a partir das condições objetivas possíveis para alcançar determinado objetivo. Nesse sentido, para dominar a meta é preciso meios técnicos que governem as ações do sujeito a fim de suprir seu objetivo.

No processo para alcançar a meta é preciso tanto capacidades físicas – força, velocidade, resistência, flexibilidade, etc. – quanto destrezas – habilidades corporais. Esses dois elementos constituem meios necessários para dominar a própria ação corporal intrínsecos no conjunto de técnicas relacionadas a alcançar a meta previamente idealizada.

Assim sendo, a relação que constitui a ginástica e o atletismo se apresenta com diversas características, as quais configuram outras singularidades (modalidades) que têm por relação essencial-geral o



domínio da própria ação corporal. A autora elenca que a centralidade dessa relação permite abordar outras formas de modalidades particularidades, como por exemplo, no atletismo, as corridas, os saltos e os arremessos; na ginástica, com aparelhos, no solo e com instrumentos. Portanto, podemos compreender todas as atividades da cultura corporal que possuem essa relação como centralidade.

(...) das atividades de Atletismo e Ginástica, como representantes da relação de *domínio da própria ação* na direção de produção de uma marca externa e uma marca interna (respectivamente), estamos as tratando como “modalidades” ou exemplos dessas estruturas e não como termo genérico que abarcaria todas as formas de atividades da cultura corporal que possuam essa mesma relação como o centro de suas estruturas. Deste modo, ao invés de analisarmos o Atletismo e a Ginástica, poderíamos analisar, igualmente, a Natação e o Salto ornamental; ou o Tiro e o Nado Sincronizado. (NASCIMENTO, 2014, p. 231, grifo do autor).

Contudo, ratificamos que qualquer relação com as particularidades das manifestações corporais, sintetizadas pelo domínio da própria ação corporal, se materializa como marca interna e externa, sendo esta uma criação para si a partir da dinâmica entre a meta estimada e os meios técnicos para alcançar o objetivo. Essa relação é fundamental para que os indivíduos consigam dominar suas ações perante o máximo de suas possibilidades.

Apresentadas as relações essenciais que perpassam o esporte, compreendemos que o esporte “permitiu que determinadas relações presentes nas práticas corporais pudessem se desenvolver como relações gerais ou como objetos essenciais de uma prática social.” (NASCIMENTO, 2014, p. 75). Nesse sentido, o esporte tornou-se a manifestação predominante da cultura corporal em nossa sociedade. Podemos dizer, também, que este fenômeno passa a orientar as relações essenciais na dialética particularidade das manifestações de jogo, dança, ginástica, lutas, atletismo, e como universalidade de orientação e produção destas mesmas manifestações.

No entendimento de Nascimento (2014, p. 73),

Essa forma particular de organização das relações do homem com as ações corporais assume uma

aparência de ‘forma universal’ das práticas corporais, na medida em que ela perpassa (quer queiramos ou não, quer gostemos ou não) todas as nossas relações com as atividades corporais na atualidade. O esporte, portanto, assume uma condição mediadora, em nossa sociedade, na relação dos indivíduos com os conteúdos humano-genéricos desenvolvidos na esfera das práticas corporais.

Assim, o esporte assume uma dimensão genérica das atividades corporais que perpassa as manifestações singulares e universais em nossa sociedade.

Portanto, em síntese, neste primeiro capítulo, apresentamos os condicionantes sociais que possibilitam o estudo do esporte em duas dimensões. Como expressão positiva das práticas corporais – patrimônio cultural da humanidade e, em contrapartida, estamos convencidos que o esporte, sob as bases do capital, apresenta retrocessos ao desenvolvimento de um projeto revolucionário, ou seja, uma sociedade que possa ser pensada além da égide do capital. Isso nos possibilita a postura para investigar o esporte para além da sua imediaticidade. Enfim, buscamos compreender o esporte intrínseco ao modo de sociabilidade vigente, ressaltando seu poder de classe.

### 3 ESPORTE E OS TRAÇOS ONTOLÓGICOS GERAIS DO ESTRANHAMENTO

O propósito de nosso estudo leva em consideração, neste capítulo, compreender o sistema esportivo em suas relações com a categoria estranhamento e seus processos ideológicos, quer dizer, realizar uma reflexão com a finalidade de contribuir com o debate crítico do espetáculo esportivo na sociabilidade hodierna. Para isso, faz-se necessário analisarmos nosso objeto de estudo em diversas esferas, entre elas: econômica, social, cultural e política.

Ao situarmos a discussão do sistema esportivo e as contradições iminentes que, por sua vez, ocorrem no processo de produção da existência humana, remetemo-nos à tentativa de compreender o modo de produção atual, ou seja, o modo de produção capitalista.

Marx (2003, p. 5) afirma que

(...) na produção social da sua própria existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade; relações de produção correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais.

Com isso, a necessidade de produção e reprodução da vida – alimento, vestimenta, abrigo, etc. – institui que os homens estabeleçam relações entre si e a natureza. Tais relações são independentes de sua vontade e estabelecidas em determinado estágio de desenvolvimento do homem.

(...) o primeiro pressuposto de toda a existência humana e também, portanto, de toda a história, a saber, o pressuposto de que os homens têm de estar em condições de viver para poder ‘fazer história’. Mas, para viver, precisa-se, antes de tudo, de comida, bebida, moradia, vestimenta e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, pois, a produção dos meios para a satisfação dessas necessidades, a produção da própria vida material, e este é, sem dúvida, um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que ainda hoje, assim como há milênios, tem de ser cumprida

diariamente, a cada hora, simplesmente para manter os homens vivos. (MARX; ENGELS, 2007, p. 32-33).

Destarte, o modo de produção deve ser compreendido pelo processo de desenvolvimento histórico e cultural das relações sociais, isto é, o modo de produzir a vida. Afirmar que as formas de representação simbólicas são determinadas pelo modo de produção vigente implica compreender o espetáculo esportivo constituindo-se no âmbito da sociabilidade capitalista, produzido no contexto das condições imanentes a essa sociedade.

Integrado ao modo de produção atual, o espetáculo esportivo é determinado pela exploração sistemática das grandes empresas e ao mesmo tempo produz e desenvolve a sua própria indústria. A luta enlouquecedora por novos mercados penetra o espetáculo esportivo em diversos ramos industriais e comerciais. Nesse sentido, Laguillaumie (1978, p. 40) afirma que “O esporte, como sistema organizado de uma prática corporal, reflete dialeticamente as categorias burguesas”, sendo que “(...) as categorias expressam formas de ser, determinações de existência, com frequência somente aspectos singulares dessa sociedade determinada (...)” (MARX, 2011, p. 59). Portanto, em sua essência, o espetáculo esportivo é burguês.

Considerando essas questões, na sequência apresentaremos os preceitos teóricos que caracterizam o processo de produção esportiva e o processo ideológico presente no espetáculo esportivo. Trazendo à tona os pressupostos supracitados, trataremos dos seguintes temas: a) a constituição do ser social e a produção do espetáculo esportivo no seio da sociedade capitalista; b) a discussão das categorias de objetivação, alienação e estranhamento, direcionando o interesse do sistema esportivo em contribuir com a manutenção da ordem hegemônica.

### 3.1 CONSTITUIÇÃO DO SER SOCIAL: O PROCESSO DO TRABALHO, O ESPETÁCULO ESPORTIVO ENQUANTO UMA ATIVIDADE E TRABALHO NA FORMA CAPITAL

Reportarmo-nos à categoria modo de produção capitalista e suas relações com o espetáculo esportivo nos remete a uma tarefa nada fácil. Primeiro, pela densidade teórica e prática do fenômeno; segundo, pela complexidade de abstrair o objeto de estudo fora de sua lógica. Isso posto,

é de fundamental importância, primeiramente, adentrar na compreensão da constituição e reprodução do ser social para, posteriormente, investigar o espetáculo esportivo e sua forma não apenas mercadológica, mas também ideológica. Cientes de não esgotarmos tais temáticas, limitarmos-nos-emos, portanto, à compreensão das categorias marxistas a fim de entender o espetáculo esportivo no bojo das relações sociais capitalistas.

Sabe-se que desenvolvimento humano só é possível a partir de uma categoria fundante do ponto de vista ontológico, a saber, o trabalho. Porém, faz-se necessário explicitarmos os motivos que possibilitam pôr a categoria *trabalho* como pressuposto ontológico fundante da sociabilidade.

Uma das respostas apresentadas por Lukács (2013, p. 44, grifo nosso) para essa problemática expressa que

todas as outras categorias desta forma de ser já têm, em essência, caráter puramente social; suas propriedades e seus modos de operar somente se desdobram no ser social já constituído; quaisquer manifestações delas, ainda que sejam muito primitivas, pressupõem o salto como já acontecido. *Somente o trabalho tem, como sua essência ontológica, um claro caráter de transição: ele é, essencialmente, uma inter-relação entre homem (sociedade) e a natureza, tanto inorgânica (ferramenta, matéria prima, objeto do trabalho, etc.) como orgânica.*

Destarte, o trabalho é a categoria ineliminável do ser social, existente em todas as formas de ser social, isto é, modelo de toda atividade humana (LUKÁCS, 2013). Com efeito, Fortes (2001, p. 36), baseando-se em Lukács, aponta a “existência de uma lei universal presente no ato de nascimento do ser social, assim como em todos os momentos históricos de seu desenvolvimento. Isto nos permite dizer, em termos genéricos, que o homem é um ser que trabalha”. Nesse sentido, podemos afirmar que o trabalho é a principal forma de sobrevivência humana, por meio da qual o ser humano produz a base material da sociedade e as bases para que se produza enquanto indivíduo. Marx entende que o trabalho é um processo entre o homem e natureza.

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, (...) processo este que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e

controla seu metabolismo com a natureza. Ele mesmo se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [*Naturmacht*]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes à sua corporalidade: seus braços e pernas, cabeça e mão. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências que nela jazem latentes e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio (MARX, 2013, p. 255, grifo do autor).

Percebemos que o trabalho ocupa um ponto fulcral na compreensão do processo de desenvolvimento do ser social, pois expõe o vínculo processual do desenvolvimento humano em inter-relação com a natureza. Consequentemente, essa metamorfose homem-natureza cria valores que constituem a riqueza social. Ou seja, o produto do trabalho é a riqueza social.

Mas, o que é a riqueza, uma vez abandonada a limitada forma burguesa, a não ser a universalidade das necessidades, capacidades, dos prazeres, das forças produtivas, etc., dos indivíduos, criada no intercâmbio universal? Que é senão o pleno desenvolvimento do domínio do homem sobre as forças da natureza, seja sobre aquelas da chamada natureza, seja sobre aquelas da própria natureza? Que é senão a exteriorização absoluta das suas faculdades criativas? Essa riqueza exige imediatamente a totalidade das forças produtivas, é um resultado a que a humanidade chega através da própria história. (MANACORDA, 1991, p.80)

Assim considerando, o homem é resultado das atividades e ações coletivas e históricas inter-relacionadas pelo trabalho. Por conseguinte, as objetivações humanas ocorrem pela apropriação da riqueza humana destinada à satisfação de necessidade mediante a execução do trabalho (ORTIGARA, 2002).

Por isso, para Lukács (2012, p. 286), o trabalho permite uma dupla transformação.

Por um lado, o próprio ser humano que trabalha é transformado por seu trabalho; ele atua sobre a natureza exterior e modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza, desenvolve ‘as potências que nela se encontram latentes’ e sujeita as forças da natureza ‘a seu próprio domínio’. Por outro lado, os objetos e as forças da natureza são transformados em meios de trabalho, em objetos de trabalho, em matérias-primas etc.

Portanto, a atividade vital do ser humano que assegura a vida de sua espécie é o trabalho e, dessa maneira, o homem é o único ser que, ao transformar a natureza de forma *consciente*, também se transforma. Tal transformação se dá por meio da objetivação de uma prévia-ideação, que resulta sempre da resposta a uma necessidade.

A atividade vital consciente distingue o homem imediatamente da atividade vital animal. Justamente, [e] só por isso, ele é um ser genérico. Ou ele somente é um ser consciente, isto é, a sua própria vida lhe é objeto, precisamente porque é um ser genérico. Eis por que a sua atividade é livre. O trabalho estranhado inverte a relação a tal ponto que o homem, precisamente porque é um ser consciente, faz de sua atividade vital, de sua *essência*, apenas um meio para sua *existência*. (MARX, 2010, p. 84-85, grifo do autor)

Em suma, o desenvolvimento ontológico do ser social é identificado mediante os elementos constituintes do interior do processo de trabalho. Lukács (2013, p. 46) adverte sobre a atividade laborativa humana em comparação com as demais formas reprodutivas dos seres da esfera orgânica. O autor exemplifica e analisa as diferenças na forma de organização do ser orgânico e a estrutura de divisão do trabalho presente no ser social.

(...) as assim chamadas sociedades animais (e também, de modo geral, a ‘divisão do trabalho’ no reino animal) são diferenciações fixadas biologicamente, como é possível ver com toda clareza no ‘Estado das abelhas’. Isso mostra que, qualquer que seja a origem dessa organização, ela não possui em si e por si nenhuma possibilidade

inamente de desenvolvimento; nada mais é do que um modo particular de adaptação ao próprio ambiente. E tanto menores são essas possibilidades quanto mais perfeito é o funcionamento de tal ‘divisão do trabalho’, quanto mais sólida é a sua ancoragem biológica. Ao contrário, a divisão gerada pelo trabalho na sociedade humana cria, como veremos, as suas próprias condições para reprodução, no interior da qual a simples reprodução de cada ser existente é só um caso-limite diante da reprodução ampliada que, ao contrário, é típica. Isso não exclui, naturalmente, a aparição de becos sem saída no desenvolvimento; suas causas, porém, sempre serão determinadas pela estrutura da respectiva sociedade e não pela constituição biológica de seus membros. (LUKÁCS, 2013, p. 46)

Portanto, a conceituação de divisão do trabalho no reino animal está atribuída a sua ancoragem biológica, ou seja, refere-se à atividade governada especificamente por determinações genéticas, instintivas e biológicas. Diferentemente, no ser social a reprodução se realiza sob a égide de determinações autoengendradas, isto é, a transformação da realidade determinada pelo pôr teleológico consciente, a fim de suprir uma determinada necessidade. Essa superação qualitativa do ser orgânico para uma condição superior – ser social – só foi possível pelo metabolismo incessante do trabalho humano. Engels (in. LUKÁCS, 2013, p. 45), ao colocar o “trabalho como centro da humanização do homem”, compara as condições biológicas da atividade vital humana com o animal – neste caso, os macacos.

O número das articulações e dos músculos e a disposição geral são os mesmos nos dois casos, mas a mão do selvagem mais atrasado pode realizar centenas de operações que nenhum macaco pode imitar. Nenhuma mão de macaco jamais produziu a mais rústica faca de pedra (ENGELS, in. LUKÁCS, 2013, p. 45).

O autor deixa claro que o homem se diferencia do animal precisamente porque trabalha. “Os animais só podem utilizar a natureza e modificá-la apenas porque nela estão presentes. Já o homem modifica a



natureza e a obriga a servi-lo, ou melhor: domina-a.” (ENGELS, 1986, p. 33). Por isso, somente mediante a atividade de trabalho é possível o salto qualitativo estrutural do ser, a superação ontológica da vida orgânica.

Desse modo, homem e animal são parte da natureza. O homem transforma, regula, modifica a natureza exterior a fim de satisfazer necessidades mediatas, e essa transformação em coisas úteis é precisamente um processo teleológico. Por isso o trabalho tem prioridade ontológica no desenvolvimento da práxis a partir do ser natural.

Vale destacar que o processo teleológico – pôr-do-fim – da consciência humana—estabelece função distinta da mera atividade reprodutiva animal. Nesse sentido, Lukács (2013, p. 63) adverte: “Na natureza, a consciência animal jamais vai além de um melhor serviço à existência biológica e à reprodução e por isso, de um ponto de vista ontológico, é um epifenômeno do ser orgânico.” Portanto, o aspecto realizador da atividade animal está condicionado à relação *imediate* com a natureza.

No ser social a teleologia ultrapassa os limites biológicos, sendo que o “Pôr, nesse contexto, não significa, portanto, um mero elevar-à-consciência, como acontece com outras categorias e especialmente com a causalidade; ao contrário, aqui, com o ato de pôr, a consciência dá início a um processo real, exatamente ao processo teleológico.” (LUKÁCS, 2013, p. 48).

O autor enfatiza que

Somente no trabalho, no pôr do fim e de seus meios, com um ato dirigido por ela mesma, com o pôr teleológico, a consciência ultrapassa a simples adaptação ao ambiente – o que é comum também àquelas atividades dos animais que transformam objetivamente a natureza de modo involuntário – e executa na própria natureza modificações que, para os animais, seriam impossíveis e até mesmo inconcebíveis. O que significa que, na medida em que a realização torna-se um princípio transformador e reformador da natureza, a consciência que impulsionou e orientou tal processo não pode ser mais, do ponto de vista ontológico, um epifenômeno (LUKÁCS, 2013, p. 63).

No que se refere à essência do trabalho com o ato do pôr, o processo teleológico torna-se uma categoria objetiva na transformação

material da realidade, Marx (2013, p. 256, grifo nosso) elabora de maneira adequada tal análise.

No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na *representação* do trabalhador no início do processo, portanto, um resultado que já existia idealmente. Isso não significa dizer que ele se limite a uma alteração da forma do elemento natural; ele realiza neste último, ao mesmo tempo, seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, o tipo e o modo de sua atividade e ao qual ele tem de subordinar a sua vontade.

O pôr teleológico é determinante na atividade de trabalho. Nesse tocante Lukács (2013) estabelece diferenciação entre o ser social e o ser natural, trazendo para o centro de suas elaborações o debate referente à relação entre teleologia e causalidade. É mediante o movimento dessas categorias que se coloca e se compreende a diferenciação entre transformação da natureza e aquele trabalho realizado pela atividade humana.

Ainda que longa, vale a citação de Lukács (2013, p. 54-55) a fim de compreendermos como ele esclarece as duas esferas – causalidade e teleologia.

No ser-em-si da pedra não há nenhuma intenção, e até nem sequer um indício da possibilidade de ser usada como faca ou como machado. Ela só pode adquirir tal função de ferramenta quando suas propriedades objetivamente presentes, existentes em si, forem adequadas para entrar numa combinação tal que torne isso possível. E isso, no plano ontológico, já pode ser encontrado claramente no estágio mais primitivo. Quando o homem das origens escolhe uma pedra para usá-la, por exemplo, como machado, deve reconhecer corretamente esse nexos entre as propriedades da pedra – que nas mais das vezes tiveram uma origem casual – e a sua respectiva possibilidade de utilização concreta. (...) o homem que trabalha pode inserir as propriedades da natureza, as leis do seu movimento, em combinações completamente novas e atribuir-lhes funções e modos de operar

completamente novos. Considerando, porém, que isso só pode acontecer no interior do caráter ontológico insuprimível das leis da natureza, a única mudança das categorias naturais só pode consistir no fato de que estas – em sentido ontológico – tornam-se postas; esse seu caráter de terem sido postas é a mediação da sua subordinação ao pôr teleológico determinante, mediante o qual, ao mesmo tempo que se realiza um entrelaçamento posto de causalidade e teleologia, tem-se um objeto, um processo, etc. unitariamente homogêneo.

No processo de trabalho, portanto, podemos distinguir dois componentes: causalidade – *meios de produção* – e a atividade orientada pelo pôr teleológico – *pôr do fim*. Os meios de produção estão inter-relacionados à realidade objetiva e ao conhecimento. Ou seja, a investigação dos meios é o que fundamenta o campo de possibilidades do agir humano a fim de suprir certas necessidades. Já o pôr teleológico assume o caráter de prévia-ideação, o qual, de forma subjetiva, direciona a finalidade da atividade (LUKÁCS, 2013). Na execução do pôr teleológico – final do processo de trabalho – a objetivação suscita *valor* no produto do objeto útil para o homem. Por isso, teleologia e causalidade são categorias centrais no interior da categoria trabalho.

Em suma, para satisfazer suas necessidades o homem produz valores de uso. Os mesmos são frutos do processo de trabalho. Marx, (2013 p. 256) apresenta elementos simples referentes ao “processo de trabalho, que são, em primeiro lugar, a atividade orientada a um fim, ou o trabalho propriamente dito; em segundo lugar, seu objeto e, em terceiro, seus meios”.

Sob esse prisma, O objeto de trabalho existe na natureza, são meios de subsistência para fruição dos homens. São considerados objetos de trabalho, entre outros: frutas, peixes, minérios, madeira, etc. Quando o objeto do trabalho já passou pelo processo de modificação, chamamos de matéria prima.

Os meios de trabalho são o conjunto de coisas que interpõe a relação entre o trabalhador e o objeto de trabalho planejado. Dessa forma, o trabalhador opera as características e propriedades dos objetos – as causalidades – para desempenhar sobre outros objetos, conforme seu objetivo.

De acordo com Marx (2013, p. 258),

No processo de trabalho, portanto, a atividade do homem, com ajuda dos meios de trabalho, opera uma transformação do objeto do trabalho segundo uma finalidade concebida desde o início. O processo se extingue no produto. Seu produto é um valor de uso, um material natural adaptado às necessidades humanas por meio da modificação de sua forma.

Na evolução do machado, há unidade sintética entre causalidade e pôr teleológico. O pôr teleológico é o trabalho que fixa na natureza uma nova função, isto é, um novo elemento – o instrumento machado é a síntese entre as causalidades da pedra e da madeira como meio de produção. As determinações causais são da natureza, mas a finalidade com que madeira e pedra são utilizadas em relação é, fantásticamente, produto humano, como a tábua, por exemplo. Mas a “junção” de madeira e pedra – objetivação do machado – também resulta da atividade laboral. Portanto, no machado – instrumento, meio de produção – já existe um quantum de força de trabalho fixada nele – trabalho morto.

Nesse sentido, para o processo de produção capitalista são necessárias duas fontes: trabalho vivo e trabalho morto. O primeiro corresponde à força de trabalho, já o segundo é trabalho acumulado nos meios de produção (MARX, 2013).

Ainda que brevemente, com as devidas mediações históricas, procuraremos indicar como a relação dos elementos acima indicados se manifestam e se encontram na produção do espetáculo esportivo. A venda de eventos esportivos, nos termos de Brohm (1982, p.167, grifo do autor), é caracterizada pela

existência de um *aparato material e técnico* existente na forma de estádios, piscinas, bases de treinamento, estúdios, escritórios administrativos, etc. Este material funciona como *capital fixo e constante*. O funcionamento deste dispositivo está ligado à aquisição da força de trabalho dos guardas

do estádio, jardineiros, caixas, faxineiras, funcionários, gerentes, etc.<sup>11</sup>

A existência desse capital acumulado, segundo Marx (2010), é a condição para que os donos dos meios de produção extraiam proveito da força de trabalho do trabalhador. Portanto, para a produção do espetáculo esportivo é necessário a força de trabalho e um complexo estrutural como meio de produção. Vejamos esta afirmação na análise da produção do espetáculo esportivo feita por Silva (1991, p. 43, grifo da autora):

Na análise da produção do esporte espetáculo, também se pode notar a presença das demais características do trabalho presentes em outros processos produtivos mais comuns e frequentes. Como qualquer processo produtivo, há um capital constante empregado nas instalações físicas (sejam elas ginásios de esporte ou laboratórios), equipamentos esportivos (implementos como bolas, barcos ou dardos), nos instrumentos utilizados no treinamento (bicicletas ergométricas, vídeos ou computadores), entre outras coisas. Esse capital constante traz em si mesmo corporificado um trabalho já realizado, passado, um **trabalho morto**.

A matéria-prima e as matérias auxiliares constituem a substância do produto, mas mudam sua forma e perdem a figura independente com que entram no processo de trabalho como valores de uso. Já com os meios de trabalho ocorre de maneira diferente, como por exemplo uma máquina, que presta serviço no processo de trabalho e ao mesmo tempo conserva sua figura independente do produto que ajudou a formar. E, nesse período do processo de trabalho, o valor de uso da máquina é inteiramente consumido pelo trabalho e seu valor de troca transfere-se totalmente ao

---

<sup>11</sup> existencia de un *aparato material y técnico* existente en forma de estadios, piscinas, bases de entrenamiento, estudios, oficinas administrativas, etc. Este material funciona como *capital fijo y constante*. El funcionamiento de este aparato está ligado a la adquisición de la fuerza de trabajo de guardianes del estadio, jardineros, cajeros, mujeres de limpieza, empleados, dirigentes, etc.

produto (MARX, 2013). O autor explica o valor agregado ao produto no processo de trabalho:

Os meios de produção só transferem valor à nova figura do produto na medida em que, durante o processo de trabalho, perdem valor na figura de seus antigos valores de uso. O máximo de perda de valor que eles podem suportar no processo de trabalho é claramente limitado pela grandeza de valor original com a qual ingressaram no processo de trabalho, ou, em outras palavras, pelo tempo de trabalho requerido para sua própria produção. Por isso, os meios de produção jamais podem adicionar ao produto um valor maior do que o que eles mesmos possuem, independentemente do processo de trabalho no qual tomam parte (MARX, 2013, p. 283).

Nessas condições, o trabalhador é o membro do processo de trabalho que adiciona sempre, sob forma útil, valor ao produto, uma vez que a força de trabalho transfere ao produto o valor dos meios de produção. Para chegar a essa condição, afirma Marx (2013, p. 284), “A capacidade de conservar valor ao mesmo tempo que adiciona valor é um dom natural da força de trabalho em ação, mas é muito rentável para o capitalista, na medida em que conserva o valor existente do capital.”

Em síntese, os meios de produção e força de trabalho são diferentes formas de existência para produção do valor excedente do produto sobre os elementos constituintes do processo de trabalho (MARX, 2013). Vale lembrar que os meios de produção não alteram sua grandeza de valor durante o processo de trabalho, dado que somente transferem valor ao produto durante sua realização, por isso podemos defini-los como capital constante.

Faz-se necessário destacar que a força de trabalho, expressa por Marx (2013) como capital variável, acrescenta seu valor no processo de produção, o que significa ser geradora de valor e, além disso, na sociedade capitalista, produzir mais-valia – componente fulcral no processo de trabalho produtivo. Dito isso, mencionaremos e explicitaremos a seguir as relações da força de trabalho concomitante com a produção esportiva espetacular fundamentada na lógica sistemática do capital.

A rentabilidade de uma empresa esportiva, de acordo com Brohm (1982, p.167, grifo do autor), depende de diversos fatores que constituem

uma empresa no bojo das relações sociais capitalistas. Um desses fatores é a força de trabalho do atleta.

(...) absolutamente necessário para a operação capitalista do negócio esportivo, é a aquisição de forças de trabalho esportivas, de um ‘capital humano’, ou seja, cujo uso garantirá o benefício. Com efeito, o benefício esportivo depende da aquisição de mão de obra atlética qualificada no mercado, da aquisição de um material esportivo humano adequado.<sup>12</sup>

Com a espetacularização do esporte, constitui-se, além da produção da mercadoria esporte, uma gama de produtos que envolvem os mais diversos segmentos – espetáculo esportivo, camisetas, chuteiras, instrumentos, etc. Entretanto, para produção de um produto é necessária e imprescindível uma mercadoria que agrega valor ao produto final, isto é, a força de trabalho aplicada.

A força de trabalho é a mercadoria que gera valor em outra mercadoria. Marx (2013, p. 242, grifo do autor) expõe o conceito de *força de trabalho* ou capacidade de trabalho como “o complexo [*Inbegriff*] das capacidades físicas e mentais que existem na corporeidade [*Leiblichkeit*], na personalidade viva de um homem e que ele põe em movimento sempre que produz valores de uso de qualquer espécie.”

Sua compra e venda se fazem na relação do possuidor da força de trabalho com o possuidor de dinheiro. O possuidor dos meios de produção deve encontrar no mercado de mercadorias a mercadoria força de trabalho que, por sua vez, encontra-se incorporada no trabalhador livre. Dito de outro modo, conforme Marx (2013, p. 244), “para transformar dinheiro em capital, o possuidor de dinheiro precisa encontrar, portanto, o trabalhador livre no mercado de mercadorias”.

À vista disso, Silva (1991, p. 52, grifo da autora) explica que, como a maioria dos trabalhadores,

---

<sup>12</sup> absolutamente necesario para el funcionamiento capitalista del negocio deportivo, es la adquisición de fuerzas de trabajo deportistas, de un «capital humano», en otras palabras, cuya utilización garantizará el beneficio. En efecto, el beneficio deportivo depende de la adquisición de fuerzas de trabajo deportistas cualificadas en el mercado, de la adquisición de un material deportivo humano adecuado.

(...) o esportista também se vê levado a vender sua força-de-trabalho, como única possibilidade de produzir sua subsistência atuando no trabalho que sabe fazer, envolvido com o esporte. Vende para o capitalista sua **força-de-trabalho** nessa área, que sob condições especiais, pode apresentar um desempenho necessário para o processo produtivo. A força-de-trabalho do esportista se apresenta de diversas formas, a partir da qualificação que possui. Diferentemente do que se tinha há algum tempo atrás, quando era limitada à figura do atleta e do treinador, hoje se encontram os mais variados profissionais, como o massagista, o preparador físico, o psicólogo, o médico e o administrador. Há também outros profissionais mais distantes do fenômeno, mas não menos numerosos e que fazem dele (o esporte) a fonte de seu trabalho, como: o sociólogo, o comentarista, o empresário, o pesquisador e o árbitro, entre outros.

Nessa conjuntura, o espetáculo esportivo necessita da aquisição de um conjunto de relações que põe força de trabalho para depositar valor ao espetáculo, em outras palavras, o papel da força de trabalho é suscitar mais valor para compor a mercadoria *espetáculo esportivo*.

No espetáculo esportivo, a técnica é exigida ao extremo, determinada pela lógica da troca de mercadorias que, por sua vez, torna o esporte especializado e com uma série de profissionais comprometidos. Referimo-nos à técnica em dois momentos: no desenvolvimento material e no desenvolvimento das ações motoras. No primeiro está expressa em aparatos tecnológicos, isto é, nas chuteiras, nas bolas, nos ginásios, nas filmadoras, etc., que são melhorados devido ao desenvolvimento tecnológico e, concomitantemente, provêm do próprio desempenho específico da força de trabalho. No segundo, a técnica se manifesta pelas ações motoras, que são realizadas desde os atletas até o manuseio perfeito das câmeras filmadoras que transmitem o espetáculo esportivo dos melhores ângulos possíveis. Sendo assim, percebemos que no desenvolvimento material e no desenvolvimento técnico há força de trabalho inculcida no ato do trabalhador que não se limita à reprodução e produção do seu corpo, isso significa dizer que o trabalhador incorpora um quantum a mais de potencial que é trabalho da formação da técnica incorporado e transferido a ele. Dessa forma, verificamos que existe uma divisão do trabalho dada, inclusive, pela divisão técnica.



Nessas condições, Silva (1991, p. 45, grifo da autora), nos esclarece:

No interior da produção do espetáculo esportivo também é possível perceber a **divisão do trabalho existente**. Esse fenômeno, apontado anteriormente, surge como consequência da complexificação da atividade motivada por sua mercadorização. A divisão do trabalho no esporte tem sido acidental, sendo representada basicamente pela figura do atleta (trabalho manual) e do treinador (trabalho intelectual). Com a mercadorização dessa atividade, várias profissões são criadas lembrando, ainda que de forma distante, essa mesma divisão. Um exemplo ilustrativo é a função que o antigo treinador ocupava anteriormente, que foi subdividida e agora é exercida por vários profissionais. (...) Ao subdividir uma atividade em função de seus objetivos, o capital passa a explorar o que há de melhor em cada trabalhador individual, obtendo um grau médio de trabalho social e compondo, de certa forma, o trabalhador coletivo mais eficaz e produtivo, porque atinge maiores índices de habilidade e competência (aumentando o valor-de-uso do espetáculo) e torna mais fácil sua mercadorização (aumentando seu valor-de-troca).

Assim, o conjunto de trabalhadores – atletas, técnicos, psicólogos, faxineiros, etc. – estão ligados ao capitalista por um contrato de emprego como qualquer empresa que visa o lucro – capitalista. Brohm (1982 p. 168), ao discorrer mais especificamente sobre a força de trabalho do atleta, adverte:

O atleta vende ao empresário – por um período de tempo específico ou não – sua capacidade de alcançar resultados e, portanto, é seu assalariado ou empregado. Esta situação lhe opõe, quanto a seus interesses, ao empregador. (...) Sua força de trabalho, que não pertence mais a ele (porque desistiu), pode ser vendida ou transferida como

uma troca para outros clubes que a comprem pelo preço de mercado.<sup>13</sup>

Dessa forma, destacamos que o contrato de trabalho<sup>14</sup> – por hora, concentrando-nos na força de trabalho do atleta – que vincula o atleta a sua empresa, exige algumas obrigações, entre elas lealdade ao clube ou federação que esteja vinculado, isto é, o atleta necessariamente precisa “defender da melhor maneira as cores do clube”, assim como o operário precisa “vestir a camisa da fábrica”. Nesse sentido, para ter um bom rendimento e, conseqüentemente, defender sua empresa, o atleta obrigatoriamente necessita “estar e se manter” em boa forma, quer dizer, “estar bem condicionado fisicamente para manter sua força de trabalho e atingir sua capacidade de resultado, fazendo, assim, com que ele não desvalorize, em outras palavras, que mantenha seu valor de mercadoria<sup>15</sup>” (BROHM, 1982, p. 168).

Para manter a qualidade da mercadoria que será produzida, alguns clubes exigem que os atletas, além da quantidade de trabalho e treino diário, permaneçam em regime de concentração dias antes das partidas oficiais, razão pela qual os atletas são submetidos à privação de bebidas alcoólicas, cigarros e festas para que sua força de trabalho se mantenha qualificada. Aqui fica claro como o esportista é escravo do processo de trabalho, mesmo existindo um contrato de trabalho livremente firmado com o capitalista que, de certa maneira, o coloca em condição de subordinação em que ele não comanda mais sua vida no que se refere à forma de comportamento social.

---

<sup>13</sup> El deportista vende empresário – por un plazo determinado o no – sus capacidades de resultados y, por consiguiente, es su asalariado o empleado. Esta situación lo opone, en cuanto a sus intereses, al empresario. (...) Su fuerza de trabajo, que ya no le pertenece (porque la ha cedido), puede ser o bien vendida o bien transferida como intercambio a otros clubs que la compran al precio del mercado.

<sup>14</sup> Segundo Marx (2013, p. 250), o contrato de trabalho é uma relação entre compradores e vendedores da mercadoria força de trabalho, ou seja, “é o resultado, em que suas vontades recebem uma expressão legal comum a ambas as partes.”

<sup>15</sup> el deportista tiene que hallarse en forma, vale decir mantener su fuerza de trabajo, su capacidad de resultados, de manera que no se devalúe; en otras palabras, que mantenga su valor mercancía.

Isso é uma demonstração do que Marx (2013, p. 262) expressou sobre o processo de trabalho enquanto processo de consumo da força de trabalho pelo capitalista. Em primeiro lugar, esclarece o autor, o trabalhador é controlado pelo capitalista.

O capitalista cuida para que o trabalho seja realizado corretamente e que os meios de produção sejam utilizados de modo apropriado, a fim de que a matéria-prima não seja desperdiçada e o meio de trabalho seja conservado, isto é, destruído apenas na medida necessária à consecução do trabalho. (MARX, 2013, p. 262)

Em segundo lugar, o produto do trabalhador é propriedade do capitalista.

As condições estruturais do modo vigente de produção conduzem ao processo de estranhamento, isto é, a mercadoria se volta ao produtor, no movimento, como forma de estranhamento e fetiche. Isso significa que o produto do trabalho é de propriedade do capitalista, pois ele é dono da força que está produzindo este resultado, ou seja, a força de trabalho que o trabalhador já vendeu não lhe pertence mais e, portanto, o produto, resultado da aplicação da força de trabalho, também não lhe pertence mais.

Ao comprador da mercadoria pertence o uso da mercadoria, e o possuidor da força de trabalho, ao ceder seu trabalho, cede, na verdade, apenas o valor de uso por ele vendido. A partir do momento em que ele entra na oficina do capitalista, o valor de uso de sua força de trabalho, portanto, seu uso, o trabalho, pertence ao capitalista. (MARX, 2013, p. 262).

Com essa exposição, percebemos os conflitos e as contradições sociais que ocorrem no interior do espetáculo esportivo, em especial, na relação entre capital e trabalho – este último, atualmente, subsumido ao primeiro. Longe de viverem em harmonia, ambos estão diretamente vinculados pela disputa de interesses antagônicos.

Nesse sentido reconhecemos, conforme Rigauer (In. BROHM, 1982, p. 168-169), que

(...) na produção e reprodução de resultados desportivos podem ser vistos, assim como no mundo do trabalho, dois grupos competindo: primeiro, os produtores de resultados desportivos (detentores de força trabalho especial), e em segundo lugar, os proprietários de capital (desenvolvedores, dirigentes do desporto), oferecendo manifestações e espetáculos desportivos, enquanto que os bens em um mercado particular.<sup>16</sup>

Os conflitos entre os dois grupos são por interesse antagônicos, isto é, os atletas procuram vender sua força de trabalho pelo maior preço, enquanto os capitalistas, pelo contrário, tendem a explorá-la nas melhores condições. Outro problema que os grandes clubes profissionais precisam resolver é em relação à qualidade da força de trabalho do atleta. Esta mercadoria, além de envelhecer (“desgastar-se”), está sujeita a diversos riscos de “acidentes” no processo de sua utilização que em ocorrendo deprecia em termos de qualidade a mercadoria produzida. Assim, o ponto nodal não é a depreciação da força de trabalho do trabalhador, ao contrário, é a depreciação de qualidade da mercadoria e, portanto, de seu consequente valor de troca.

Como vimos, a relação entre esportistas e empresários está diretamente ligada a contrato de trabalho, sendo que o esportista vende sua força de trabalho – mercadoria – por um determinado salário. Em outras palavras, a força de trabalho do atleta tem um valor particular, seu valor de uso – junto ao valor de uso de outras forças de trabalho – produz espetáculos que atraem multidões e possibilita essencialmente, ao capitalista, tirar suas vantagens – mais valia.

Nessa lógica, na sociedade capitalista todos os valores têm seu preço e são trocados por dinheiro. Ao mesmo tempo, a compra e venda da força de trabalho depende de leis de oferta e de procura – leis objetivas – e da exclusividade – leis subjetivas – dos valores esportivos. Portanto, a oferta e a procura, concomitantemente com a exclusividade, estabelecem o valor salário – não o valor – da força de trabalho como o

---

<sup>16</sup> en la producción y la reproducción de resultados deportivos puede observarse, exactamente igual que en el mundo del trabajo, dos grupos competitivos: por una parte, los productores de los resultados deportivos (detentadores de una fuerza de trabajo especial), y por otra, los propietarios de capital (promotores, dirigentes del deporte), que ofrecen las manifestaciones y espectáculos deportivos en tanto, que mercancías en un mercado particular

valor de sua mercadoria posto na relação de produção e distribuição do mercado esportivo. Como essa questão para o objetivo de nosso trabalho é secundária, não aprofundaremos esse debate.

No mercado de campeões são exigidas muitas horas de treinamento exaustivo, de repetições e sobrecarga. Nesse contexto, o atleta é recompensado financeiramente pelo dispêndio de energia e de tempo de treinamento para melhorar sua performance que, por sua vez, equivale à força de trabalho específica em uma relação abstrata, isto é, à forma de mercadoria em si mesma.

O possuidor da mercadoria força de trabalho precisa de duas condições para vendê-la ao possuidor de dinheiro: estar com força de trabalho disponível e estar despossuído de outras mercadorias para vender. Esse é o trabalhador essencial para o capitalista.

Com efeito, Marx (2013, p. 245) afirma que o capital surge quando

o possuidor de meios de produção e de subsistência encontra no mercado o trabalhador livre como vendedor de sua força de trabalho, e essa condição histórica compreende toda uma história mundial. O capital anuncia, portanto, desde seu primeiro surgimento, uma nova época no processo social de produção.

Nesse ponto do texto original, Marx (2013, p. 245) acrescentou a seguinte nota:

O que caracteriza a época do capitalista é, portanto, que a força de trabalho assume para o próprio trabalhador a forma de uma mercadoria que lhe pertence, razão pela qual seu trabalho assume a forma de trabalho assalariado. Por outro lado, apenas a partir desse momento universaliza-se a forma-mercadoria dos produtos do trabalho.

O valor da força de trabalho é medido da mesma forma que as demais mercadorias, em que o tempo de trabalho socialmente necessário para sua produção determina seu valor.

A estrutura do sistema esportivo se apresenta pela comparação de resultados objetivos que podem facilmente ser mensurados, logo, o produto esportivo espetacular é a materialização da força de trabalho colocada. O produto do espetáculo esportivo, síntese abstrata do trabalho e do tempo necessários para sua produção, corresponde um quantum de

gasto abstrato de força de trabalho que representa uma força puramente abstrata, isto é, capacidade de atuação<sup>17</sup>. Nesse sentido, as ações dos atletas em atividade esportiva estão direcionadas a certos objetivos, entre eles: produção da forma cênica, de uma marca ou de uma ação corporal opositiva<sup>18</sup> (NASCIMENTO, 2014). Por consequência, o conjunto das relações – produção da forma cênica, de uma marca ou de uma ação corporal opositiva – compõe o espetáculo.

Toda materialização da atividade esportiva se manifesta como puro dispêndio de energia humana esportiva. Assim, as ações corporais objetivadas na produção da forma cênica, na produção de uma marca ou na produção de uma ação corporal opositiva podem ser transferidas a uma medida universal, isto é – uma representação ideal do real –, seu valor. Sobre essa condição, Brohm (1982) adverte que todo resultado das ações corporais é, em última análise, proporções variáveis da mesma substância, do esforço esportivo abstrato.

A questão principal que estamos abordando é que o conjunto de trabalhadores do esporte espetáculo fixa um quantum de força de trabalho para produzir uma *mercadoria* que, neste caso, é o espetáculo esportivo. Esse movimento nos permite compreender que a mercadoria espetáculo, no processo de produção de relações da sociedade vigente, ocorre no contexto de estranhamento e fetiche.

Deste modo, percebemos que o espetáculo esportivo, nas circunstâncias gerais de produção capitalista, que articula trabalho morto e trabalho vivo com a finalidade no processo produtivo, constitui-se como uma ação da atividade de trabalho. Vale ressaltar, todavia, que em determinadas relações e condições sociais o esporte representa uma atividade esportiva, ou melhor, não é todo esporte que se torna mercadoria, apenas uma determinada particularidade tem por finalidade ser produtiva.

Contudo, analisamos o processo de trabalho de modo abstrato independente do modo de produção, como unidade sintética entre homem e natureza. “Se consideramos o processo inteiro do ponto de vista de seu

---

<sup>17</sup> A capacidade de atuação – potencial produtivo –, não está determinada necessariamente pela capacidade de força física; isso significa dizer, segundo Lukács, que a mercadoria força de trabalho está em potência (*dýnamis*). À guisa de síntese, tomamos de Lukács (2013, p. 69) o conceito de potência (*dýnamis*) em Aristóteles, como “faculdade de levar a bom termo determinada coisa e de executá-la de acordo com a própria intenção”.

<sup>18</sup> Para melhor compreensão, ver Nascimento (2014).

resultado, do produto, tanto o meio como o objeto do trabalho aparecem como meios de produção, e o próprio trabalho aparece como *trabalho produtivo*” (MARX, 2013, p. 258, grifo nosso).

Nessas condições, Marx (2013, p. 578) esclarece o conceito de trabalho produtivo:

A produção capitalista não é apenas produção de mercadoria, mas essencialmente produção de mais-valor. O trabalhador produz não para si, mas para o capital. Não basta, por isso, que ele produza em geral. Ele tem de produzir mais-valor. Apenas é produtivo o trabalhador que produz mais-valia para o capitalista ou serve à autovalorização do capital. (MARX, 2013, p. 578)

É importante destacar que o conceito de trabalho produtivo está imbricado, em especial, na relação de produção social que dispõe no trabalhador o protagonista de valorizar capital.

O problema que se apresenta para nós, ao tematizarmos a produção do espetáculo esportivo, é quando a atividade esportiva se torna uma particularidade e uma ação no contexto produtivo. Encontramos, a partir de reflexões sobre a teoria da atividade (LEONTIEV, 1978), uma primeira aproximação ao tema que nos parece bastante coerente e nos possibilita compreender o movimento da estrutura da atividade e o espetáculo esportivo.

Para que possamos compreender de forma mais clara o processo de passagem da atividade esportiva para a particularidade de ação da atividade no contexto de trabalho produtivo precisamos, primeiramente, compreender o conceito mais geral de atividade e sua estrutura.

A essência do conceito filosófico-psicológico materialista dialético da atividade está em que ele reflete a relação entre o sujeito humano como ser social e a realidade externa - *uma relação mediatizada pelo processo de transformação e modificação desta realidade externa*. A forma inicial e universal desta relação são as transformações e mudanças instrumentais dirigidas a uma finalidade, realizadas pelo sujeito social, sobre a realidade sensorial e corporal ou sobre a prática humana material produtiva. Ela constitui a atividade laboral criativa realizada pelos seres

humanos que, através da história da sociedade, tem propiciado a base sobre a qual surgem e se desenvolvem as diferentes formas de atividade espiritual humana (cognitiva, artística, religiosa, etc.), entretanto, todas estas formas derivadas de atividade estão invariavelmente ligadas com a transformação, pelo sujeito, de um ou outro objeto sob a forma ideal (DAVYDOV, 1988, p. 11, grifo nosso).

Como vimos, segundo Davydov, o conceito filosófico de atividade significa transformação criativa da realidade pelas pessoas. Isso ocorre por meio da apropriação da experiência social e histórica, o sujeito individual reproduz em si a atividade coletiva e as formas histórico-sociais da atividade.

Após explicitar a estrutura geral da atividade, que demonstra o papel significativo para a compreensão do processo de constituição do gênero humano, iniciamos a exposição dos componentes da atividade humana. A condição inicial para ascender à atividade, ou seja, para que ela se constitua, é essencial que proceda de uma necessidade. Segundo Leontiev (1978, p. 115),

A primeira condição de toda atividade é uma necessidade. Todavia, em si, a necessidade não pode determinar a orientação concreta de uma atividade, pois é apenas no objeto da atividade que ela encontra sua determinação: deve, por assim dizer, encontrar-se nele. Uma vez que a necessidade encontra a sua determinação no objeto (se 'objetiva' nele), o dito objeto torna-se motivo da atividade, aquilo que o estimula.

Como vimos, a necessidade é a base da atividade, sendo esta instituída em uma força interna, conduzindo a atividade, mas apenas a necessidade não é suficiente para provocá-la. Para isso, é preciso que a necessidade esteja articulada com o objeto. Este, por sua vez, é considerado o segundo componente da atividade, o qual possibilita à necessidade objetivar-se concretamente, abandonando sua forma ideal. "O objeto indica para onde a ação é dirigida, é o conteúdo da atividade, o que dirige a ação. Ele pode ser o próprio produto da atividade, um objeto específico natural, uma instrução ou o próprio homem. É o objeto que



diferencia uma atividade de outra.” (LONGAREZI; FRANCO, 2013, p. 88).

O terceiro componente indispensável para produzir atividade é o motivo. Para Leontiev (2006, p. 68, grifo do autor), atividade é o que instituímos como processos psicológicos caracterizados “por aquilo a que o processo, como um todo se dirige (seu objeto), *coincidindo sempre com o objetivo* que estimula o sujeito a executar esta atividade, isto é, o motivo”.

De acordo com Longarezi e Franco (2013, p. 89), a atividade só se caracteriza quando esses três componentes estruturais estão em plena articulação: *necessidade, objeto e motivo*.

O motivo é o que move o sujeito para satisfação de uma necessidade. Sem motivos e necessidades não existe atividade. A atividade supõe satisfação da necessidade e o motivo está relacionado com a satisfação de uma ou várias necessidades. Portanto, tem sua origem em uma necessidade. Embora a necessidade constitua-se na condição primeira de toda e qualquer atividade, o que move o sujeito para a satisfação dessa necessidade é seu motivo.

O motivo impulsiona a atividade, ele ascende do encontro entre a necessidade e o objeto, uma vez que objetos e ações por si só não são capazes de iniciá-la. Detenhamo-nos neste momento a outro componente, as ações da atividade.

Segundo Leontiev (2006, p. 69), “Para que a ação surja e seja executada é necessário que seu objetivo apareça para o sujeito, em sua relação com o motivo da atividade da qual ele faz parte”. A atividade constitui-se no conjunto de ações articuladas por uma necessidade, vale dizer, ação é um processo cujo motivo não coincide com seu objetivo. Ainda de acordo com o autor, ação é um processo subordinado a uma finalidade consciente. Longarezi e Franco (2013, p. 91) assinalam que o objetivo consiste na finalidade, “é a representação imaginária dos resultados possíveis a serem alcançados com a realização de uma ação concreta. Ele orienta a ação em direção às suas metas”. Contudo, sabe-se que os componentes da atividade não são estáticos, e na relação atividade-ação, em algumas condições as ações podem se transformar em atividade e vice-versa. “Há uma relação particular entre atividade e ação. O motivo da atividade, sendo substituído, pode passar para o objeto (o alvo) da

ação, com o resultado de uma ação transformada em uma atividade.” (LEONTIEV, 2006, p. 69).

Os elementos da atividade são suscetíveis no próprio dinamismo do desenvolvimento da atividade, os quais têm suas especificidades, segundo ditam Longarezi e Franco (2013, p. 92):

A atividade, originária de uma necessidade, é dirigida a um determinado objeto (que consiste no seu conteúdo); depende dos motivos – o que move o sujeito –; e é constituída por ações – que, por sua vez, dependem dos objetivos –; e são dirigidas por operações – que são os meios ou procedimentos para realizar a ação.

Conforme as inter-relações dinâmicas dos componentes estruturantes da atividade humana, há a possibilidade de ocorrer movimentações e transformações entre a ação e a operação de acordo com as mudanças em suas funções, semelhante à particularidade anteriormente apresentada entre atividade e ação. “Nessa mobilidade, se uma atividade perder seu motivo, transforma-se em ação; se a ação ganhar um motivo, torna-se atividade e; em outro sentido, se a ação se torna um meio para atingir certo objetivo, constitui-se em operação.” (LONGAREZI; FRANCO, 2013, p. 93).

Dessa forma, após termos abordado a teoria da atividade em seu aspecto geral, compreendemos que ela nos possibilitará, como explicaremos no próximo capítulo, o entendimento do movimento da gênese das ações de jogos<sup>19</sup> no contexto das atividades religiosas ou de trabalho, sua relativa autonomização se tornando uma atividade específica. Ademais, procuraremos explicitar que, no contexto das relações sociais atuais, parte dessa organização esportiva volta a ser ação no interior do trabalho produtivo, isto é, em determinadas condições o esporte tem a finalidade não em si, e com isso mudam as necessidades, motivos e finalidade.

---

<sup>19</sup> Estamos nos referindo às ações das atividades religiosas da antiguidade que ainda não eram ações esportivas, isto é, às ações de jogos cujo motivo que não é o jogo em si, mas a atividade religiosa. Vale lembrar que o primeiro elemento que se transforma na modernidade enquanto espetáculo esportivo é o jogo.

Nessas condições, o esporte é uma mercadoria composta por um valor de uso que faz sentido pela satisfação de uma necessidade, ou seja, a produção de uma objetividade supre necessidades, e no processo da lógica capitalista ela ganha outras determinações que não estão diretamente relacionadas à satisfação das necessidades, sendo estabelecidos, dessa maneira, outros motivos para sua produção. O esporte converte-se em uma ação que, com outro motivo e finalidade, é direcionada à produção do espetáculo, modificando substancialmente seu conteúdo.

É sabido que o esporte, em determinado contexto capitalista, é uma ação de trabalho subsumido à lógica do valor. Esse movimento acentua seu caráter de fetiche, visto que o produtor desta objetividade – o trabalhador – não tem vínculo com o processo de satisfação da necessidade à qual está sendo produzida nem consigo mesmo, mas para uma valorização do capital. Logo, em determinado momento histórico, com o desenvolvimento das forças produtivas, o esporte foi se constituindo pela relativa autonomia em relação ao processo produtivo. Tentaremos mostrar o movimento inverso, isto é, o movimento esportivo se articulando ao processo de trabalho produtivo.

### 3.2 ESPETÁCULO ESPORTIVO, OBJETIVAÇÃO, ALIENAÇÃO E IDEOLOGIA

Vimos, na seção anterior, que o resultado do processo de trabalho é o valor de uso, ou seja, a transformação da natureza em uma forma humana, a fim de satisfazer as necessidades do homem – do estômago à fantasia.

Quando um valor de uso resulta do processo de trabalho como produto, nele estão incorporados, como meios de produção, outros valores de uso, produtos de processos de trabalho anteriores. O mesmo valor de uso que é produto desse trabalho constitui o meio de produção de um trabalho ulterior, de modo que os produtos são não apenas resultado, mas também condição do processo de trabalho. (MARX, 2013, p. 258-259).

O processo de trabalho, no seu sentido ontológico, é atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, atividade que garante a

sobrevivência do homem por meio da satisfação de suas necessidades. Esta é a “condição natural da vida humana e, por conseguinte, independente de qualquer forma particular dessa vida, ou melhor, comum a todas as suas formas sociais” (MARX, 2013, p. 261).

A relação do homem com a natureza torna-se não só cada vez mais complexa e livre, mas também perde progressivamente o seu caráter de utilitarismo determinado pela necessidade biológica. Sobre esse processo, Marx (2010, p. 109, grifos do autor) ressalta que os sentidos e qualidades humanas tornaram-se humanas.

O olho se tornou um olho humano, da mesma forma que o seu *objeto* se tornou um objeto social, *humano*, proveniente do homem para o homem. Por isso, imediatamente em sua práxis, os sentidos se tornaram *teóricos*. Relacionam-se com a coisa por querer a coisa, mas a coisa mesma é um comportamento humano objetivo consigo própria e com o homem, e vice-versa. Eu só posso, em termos práticos, relacionar-me humanamente com a coisa se a coisa se relaciona humanamente com o homem. A carência ou a fruição perderam, assim, a sua natureza egoísta e a natureza a sua mera *utilidade*, na medida em que a utilidade se tornou utilidade *humana*.

Portanto, os seres humanos se tornam humanos mediante a atividade que realizam nas circunstâncias concretas da vida, o que exige apropriar-se dos hábitos, das capacidades e dos conhecimentos do gênero humano.

Assim como o modo de produção determina a vida material, o processo de produção esportiva é determinado pelas suas características essenciais. Entretanto, ao analisar o sistema esportivo no capital, é notável a homologia estrutural entre esporte e trabalho, ou seja, o espetáculo esportivo é o reflexo do modo de produção e da vida do trabalho. A sociedade industrial moderna, reflexo e manifestação do movimento do capital, e o mundo trabalho transformaram o esporte em um setor de racionalização do trabalho industrial. Podemos notar que sua estrutura se desenvolve no seio do princípio de desempenho e competição integrado pelo processo de adaptação social às relações capitalistas (BROHM, 1982).

O trabalho, a produção esportiva, significa *objetivação* (*Vergegenständlichung*) do sujeito e sua atividade materializada no produto. Como nos apresenta Marx (2013, p. 258), “O trabalho se incorporou a seu objeto. Ele está objetivado, e o objeto está trabalhado. O que do lado do trabalhador aparecia sob a forma do movimento, agora se manifesta, do lado do produto, como qualidade imóvel, na forma do ser”.

Percebemos que mediante a atividade de trabalho surgem processos objetivos e subjetivos que representam conexões qualitativas em relação à natureza. De acordo com Lukács (2013), a transformação da natureza ganha existência objetiva.

Por meio desse processo de objetivação, a atividade física ou mental dos seres humanos transfere-se para os produtos dessa atividade. Aquilo que antes eram faculdades dos seres humanos se torna, depois do processo de objetivação, características por assim dizer ‘corporificadas’ no produto dessa atividade, o qual, por sua vez, passa a ter uma função específica no interior da prática social. (DUARTE, 2011, p. 49-50).

Os resultados da atividade humana adquirem objetividade nos produtos materiais e espirituais, parafraseando Marx. Com efeito, a experiência histórica se objetiva nos produtos culturais que, por sua vez, são e conformam a história. Assim, “o processo de objetivação é o processo de produção e reprodução da cultura humana (cultura material e não material), produção e reprodução da vida em sociedade” (DUARTE, 2011, p. 50).

É importante frisar que em toda objetivação, os pores teleológicos primários ou secundários<sup>20</sup> assinalam o desenvolvimento da subjetividade e concomitantemente operam sobre as ações dos sujeitos. Assim, objetivação é a forma insuperável da exteriorização que corresponde ao ato de alienação. Para Lukács (2013, p. 423) “todo ato de objetivação do objeto da práxis é simultaneamente um ato de alienação do seu sujeito”. Portanto, a *unidade ontológica* entre objetivação e alienação constitui a práxis dos seres humanos.

---

<sup>20</sup> O pôr teleológico primário mira diretamente a objetivação e transformação da natureza. Já as posições teleológicas secundárias operam via ação do outro sujeito, isto é, põem na consciência do outro a necessidade da ação.

Com efeito, o significado de alienação encontra-se na direção da humanização dos indivíduos, isto é, no processo de objetivação que opera na transformação objetiva no caminho para a socialização que se dá mediante a complexificação das relações. É na subjetividade enquanto subjetividade objetivada no processo de relação com o mundo objetivo que o sujeito se objetiva, e isto significa, entre outras coisas, que também se transforma subjetivamente. Aqui fica claro que a categoria alienação atribui-se ao fator *subjetividade objetivada*.

O pôr teológico, que sempre é realizado pelos sujeitos enquanto gênese das categorias de objetivação e alienação, é o fundamento indissociável entre ambas e constitui o desenvolvimento do processo de humanização a partir do trabalho. Esse é o sentido positivo da alienação, esclarecido por Leontiev (1978, p. 134), sob duas relações:

Primeiro, enquanto meio de atividade. Ele constitui a riqueza real do aspecto ‘técnico’ da sua vida, a riqueza em conhecimentos, em hábitos, em saber-fazer que lhe é necessário possuir para efetuar seu trabalho. Segundo, enquanto condição de enriquecimento da sua vida por um conteúdo novo, muito diferente do da sua atividade alienada, mas todavia criada por ela.

Tal processo de desenvolvimento histórico até sua formulação máxima ocorreu devido ao desenvolvimento das forças produtivas, que, em última análise, protocolou a substancialidade estranhada e genérica sob a dominação do sistema capitalista. Nessa condição, na medida em que a sociedade burguesa se desenvolve, promove-se estranhamento e alienação dos homens, isto é, a *cisão* dos homens do poder social objetivado do próprio trabalho (BEDESCHI, 1972; RANIERI, 2001). “(...) Porque o trabalho lhe toma uma parte da vida, pois fazer pela vida não é viver. A vida começa para ele onde acaba esta atividade, à mesa, em casa, na cama.” (LEONTIEV, 1978, p. 134). Tal cisão expõe o aspecto negativo da alienação.

Sobre essa questão, Marx (2010, p. 80, grifo do autor) explicita que

o produto do trabalho é o trabalho que se fixou num objeto, fez-se coisal (*sachlich*), é a *objetivação* (*Vergegenständlichung*) do trabalho. A efetivação (*Verwirklichung*) do trabalho é sua objetivação. Esta efetivação do trabalho aparece em estado

nacional-econômico como *desefetivação* (*Entwirklichung*) do trabalhador, a objetivação como *perda do objeto* e servidão ao objeto, a apropriação como *estranhamento* (*Entfremdung*), como *alienação* (*Entäusserung*).

O conjunto de relações de trabalho se converte em poder estranho ao produtor, que o domina e controla, uma vez que, as atividades na sociedade capitalista consolidam o produto do trabalho em poder que supera o produtor visto ser uma objetivação estranhada. Nesse sentido, a atividade vital não passa de um meio de subsistência cujo efeito estruturante é-lhe extrínseco. Portanto, a forma negativa do trabalho imbricada no estranhamento leva os sujeitos a estranhar a si mesmos (BEDESCHI, 1972; MARX, 2010, grifo do autor).

A *exteriorização* (*Entäusserung*) do trabalhador em seu produto tem o significado não somente de que seu trabalho se torna um objeto, uma existência externa (*äussen*), mas, bem além disso, [que se torna uma existência] que existe fora dele (*ausser ihm*), independente dele e estranha a ele, tornando-se uma potência (*Macht*) autônoma diante dele, que a vida que ele concedeu ao objeto se lhe defronta hostil e estranha (MARX, 2010, p. 81).

De acordo com Marx (2010), o trabalhador encontra-se separado das condições objetivas de trabalho e de seu produto justamente pela relação dinâmica entre trabalho assalariado e capital. Com efeito, é nesse movimento de produção e reprodução da vida que o homem se estranha. “O estranhamento do trabalhador em seu objeto se expressa, pelas leis econômicas, em que quanto mais o trabalhador produz, menos tem para consumir; que quanto mais valores cria, mais sem-valor e indigno ele se torna” (MARX, 2010, p. 82). O autor esclarece da seguinte forma essa condição:

A efetivação do trabalho tanto aparece como desefetivação que o trabalhador é desefetivado até morrer de fome. A objetivação tanto aparece como perda do objeto que o trabalhador é despojado dos objetos mais necessários não somente à vida, mas também dos objetos do trabalho. Sim, o trabalho

mesmo se torna um objeto, do qual o trabalhador só pode se apossar com maiores esforços e com as mais extraordinárias interrupções. A apropriação do objeto tanto aparece como estranhamento (*Entfremdung*) que, quanto mais objetos o trabalhador produz, tanto menos pode possuir e tanto mais fica sob o domínio do seu produto, do capital. (MARX, 2004, p. 80-81, grifo do autor)

O capital que opera sob as circunstâncias da propriedade privada acaba por desefetivar o trabalho humano durante a continuidade da produção das relações subjetivas no centro da objetivação. O trabalhador, assim, ocupa uma dupla posição em relação ao produto do seu trabalho, produzindo seu efeito por meio da sua própria interdição subjetiva.

Bedeschi (1972, p. 139-140) analisa a alienação e o estranhamento no modo de produção capitalista sob dois aspectos:

a) a separação do trabalhador das condições objetivas de seu trabalho (...), na sociedade burguesa o trabalhador é livre em duplo sentido de estar expropriado dos meios de produção e de ser juridicamente 'livre' de vender sua própria força de trabalho; por esse motivo a alienação consiste na separação e cisão do qual os meios de produção se enfrentam ao trabalhador como propriedade estranha, como capital, que se apropria da força de trabalho convertida em mercadorias, ao mesmo momento em que se exterioriza.

b) Em particular tipo de coordenação social que se dá na sociedade burguesa, por meio do movimento do trabalho das coisas (os produtos do trabalho) que dominam os produtores.

Assim, o termo alienação concerne à não possibilidade do homem se apropriar dos produtos de sua atividade, isto é, não ter acesso à riqueza humana. O fato de estarem submetidos ao seu produto, por sua vez, impede os homens de se reconhecerem enquanto produtores da vida. Ranieri (2001, p. 85), apoiando-se em Marx, adverte que

(...) o elemento definidor da sociabilidade humana são categorias apoiadas na produção e reprodução



dos homens sobre bases materiais, sendo que esse princípio é o que concebe o fenômeno estranhamento como apoiado na histórica apropriação dos produtos do trabalho humano.

Destarte, concebemos alienação, antes de tudo, como um produto objetivo e histórico. Assim, podemos afirmar que alienação – extrusão, para fora – mencionada por Marx nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844*, está vinculada à atividade humana e às objetivações históricas.

Ranieri (2000, p. 65, grifo do autor), ao tratar do tema, pondera:

alienação não remete à negatividade absoluta a Entäusserung. Concordamos que as alienações venham se dando, indefinidamente, sob o patrocínio da apropriação desigual, mas essa desigualdade não é sinônimo de *anulação* do potencial positivo do trabalho. Aquela negatividade, ao contrário, constitui-se a partir do estranhamento.

A nosso juízo, a discussão referente ao conceito de alienação é de grande importância para a compreensão do termo que, na atualidade, gera vários contrassensos entre os marxistas. Lukács (2013) observa que a teoria da alienação elaborada por Marx decorre de dois fatores. Primeiro, pela análise sócio-econômica em relação homem-homem, homem-objetos de trabalho e homem-sociedade capitalista; segundo, pela superação da incorporação consciente do conceito hegeliano de alienação.

O estranhamento, por sua vez, tem íntima relação com o processo de alienação. Nesse complexo de problemas, Lukács (2013, p. 417-418) adverte que o

estranhamento só pode se originar da alienação; (...) jamais se deve esquecer que ontologicamente a origem do estranhamento na alienação de modo algum significa uma afinidade evidente e incondicional desses dois complexos do ser; é fato que certas formas de estranhamento só podem surgir da alienação, mas esta pode perfeitamente existir e atuar sem produzir estranhamentos.

Assim considerando, as categorias alienação e estranhamento compõem uma unidade conceitual que concerne prioridade ontológica à categoria alienação. O desenvolvimento das forças produtivas, em especial no capital, condiciona o momento de entrada do estranhamento, a negação da essência humana sob a forma de propriedade privada, apropriação excedente, apropriação do trabalho pela divisão social do trabalho.

Nas páginas dos *Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844*, Marx (2004) examina com profundidade o estranhamento sob quatro pontos de vista. Em primeiro lugar, o estranhamento aparece como a relação do trabalhador com o produto da sua atividade, ou seja, na “relação do trabalhador com o *produto do trabalho* como objeto estranho e poderoso sobre ele. Esta relação é ao mesmo tempo a relação com o mundo exterior sensível, com os objetos da natureza como um mundo alheio que lhe defronta hostilmente.” (MARX, 2010, p. 83). Em segundo lugar, o estranhamento aparece no processo da atividade produtiva, isto é, na relação do trabalhador com sua atividade.

Esta relação é a relação do trabalhador com sua própria atividade como uma [atividade] estranha não pertencente a ele, a atividade como miséria, a força como impotência, a procriação como castração. A energia espiritual e física *própria* do trabalhador, a sua vida pessoal – pois o que é vida senão atividade – como uma atividade voltada contra ele mesmo, independente dele, não pertencente a ele. O *estranhamento-de-si* (*Selbstentfremdung*), tal qual acima o estranhamento da *coisa*. (MARX, 2010, p. 83, grifo do autor).

O trabalho, por sua vez, não é realizado com a finalidade de satisfazer suas necessidades, mas apenas determinadas necessidades externas. O “seu trabalho não é, portanto, voluntário, mas forçado, *trabalho* obrigatório”, o estranhamento de si não oferece qualquer satisfação, apenas no momento de sua venda (MARX, 2010, p. 83, grifo do autor).

O estranhamento da atividade produtiva leva ao estranhamento do gênero humano “tanto da natureza quanto da faculdade genérica espiritual dele, um ser *estranho* a ele, um *meio* da sua existência *individual*. Estranhada do seu próprio corpo, assim como a natureza fora dele, tal

como a sua essência espiritual, a sua essência *humana*” (MARX, 2010, p. 85, grifo do autor).

No sentido do estranhamento do ser genérico do homem, Ranieri (2001, p. 14), apoiado em Marx, argumenta:

O trabalho estranhado transforma, porém, este ser genérico do homem em algo estranho a ele. Sua única potencialidade é a garantia de sua existência individual. Trata-se do estranhamento do homem com relação a si mesmo como pertencente a um gênero, assim como acontece com o estranhamento de sua existência (natureza) exterior e o estranhamento de sua existência espiritual.

A quarta expressão do estranhamento está diretamente vinculada à terceira – o estranhamento do gênero humano. Conforme ressalta Marx (2010, p.85-86), “é o estranhamento do homem pelo [próprio] homem”. Quando o homem está frente a si mesmo, defronta-se com ele o outro homem. O estranhamento ao seu semelhante, em geral, está vinculado às outras formas de estranhamento, isto é, ao produto do trabalho humano, da atividade de trabalho e do seu ser genérico.

Analisando o espetáculo esportivo, percebemos que se coaduna com as expressões de estranhamento no sentido de que os produtores perdem sua liberdade ao estarem vinculados ao sistema que os domina e controla. O esporte se apresenta como qualquer trabalho que pertence a outro, é a perda de si mesmo como força estranha (MARX, 2010).

O trabalho não é, por isso, a satisfação de uma carência, mas somente um meio para satisfazer necessidades fora dele. Sua estranheza (*Fremdheit*) evidencia-se aqui [de forma] tão pura que, tão logo inexistia coerção física ou outra qualquer, foge-se do trabalho como de uma peste. O trabalho externo, o trabalho no qual o homem se exterioriza, é um trabalho de auto-sacrifício, de mortificação. (MARX, 2010, p. 83, grifo do autor)

O sistema esportivo integra os atletas, principalmente os campeões, como motor principal de seu movimento espetacular do aparato esportivo, sendo que a própria organização interna se converte em uma superestrutura incontrolável, uma vez que as federações esportivas representam o interesse do burguês (LAGUILLAUMIE, 1978).

Destarte, a configuração desse processo de organização esportiva, assim como o controle de produção do espetáculo, é determinado pelas organizações responsáveis por cada esporte. A atividade do esportista está submetida ao conjunto de regulamentos, leis e normas que limitam sua própria liberdade. Os atletas contratados não podem, por livre arbítrio, mudar de clubes ou federações, não podem atuar conforme sua própria vontade. Existem federações às quais estão filiados que efetivamente determinam a venda da força de trabalho. Portanto, pelo processo de institucionalização que envolve o espetáculo esportivo, o atleta não se pertence, estranha sua própria atividade; ele pertence ao sistema de relações em que está inserido, ao dono dos meios de produção. Desse modo,

o homem (o trabalhador) só se sente como [ser] livre e ativo em suas funções animais, comer, beber e procriar, quando muito ainda habitação, *adornos etc.*, e em suas funções humanas só [se sente] como animal. O animal se torna humano, e o humano, animal (MARX, 2010, p. 83, grifo nosso).

Outra forma de estranhamento, podemos dizer, expressa-se na relação entre esportista e o capitalista. As relações entre o atleta e o capitalista são relações de produção capitalista administradas pelo patrão, isto é, um processo de hierarquização e exploração. Nessa lógica, o atleta vende sua força de trabalho para o dono dos meios de produção – sistema esportivo – como o trabalhador vende sua força de trabalho ao amo. (LAGUILLAUMIE, 1978).

Em suma, a atividade do produtor<sup>21</sup> esportivo, do trabalhador, neste caso, o esportista – como trabalhador assalariado – se faz estranhada como qualquer outro trabalho sob a égide da relação capital. Seu trabalho, enquanto uma atividade vital, não é mais livre, espontâneo, mas sim inelutável. Seu corpo torna-se mero instrumento para alcançar marcas estabelecidas.

Vimos que, segundo Marx (2010), no interior da propriedade privada a relação entre gênero e indivíduo se manifesta em antagonismo e oposição, o que coloca a vida genérica a serviço da mera sobrevivência individual. Nas palavras de Marx (2010, p. 85),

---

<sup>21</sup> No processo de produção esportivo os consumidores também se estranham ao não se compreenderem como parte do processo produtivo.

o trabalho estranhado reduz a auto-atividade, a atividade livre, a um meio, ele faz da vida genérica do homem um meio de sua existência física. A consciência que o homem tem de seu gênero se transforma, portanto, mediante o estranhamento, de forma que a vida genérica do homem se torna para ele um meio.

Logo, a vida individual aparece apartada da genericidade do ser para-si apenas como sobrevivência imediata do indivíduo vivo, uma vez que a essência humana se transforma em meio da essência individual. Dessa forma, os atos singulares dos sujeitos expressam um significado social separado do gênero humano, o indivíduo está consigo próprio e o ato consciente de objetivação é posto contra sua própria vida, estranha (LUKÁCS, 2013).

Com o surgimento do capitalismo intensificou-se o processo de estranhamento e constituiu-se a desagregação da formação social, em outras palavras, o individualismo burguês estimula e fortalece a distância entre a reprodução social e os processos individuais. Indivíduo e sociedade, nesse contexto, se reproduzem como oposição, uma antinomia efetivada pela forma estranhada.

O elemento fundante do estranhamento também se mostra no plano ideológico pois, segundo Lukács (2013, p. 637), no terreno imediato o

estranhamento de todo homem singular brota diretamente de suas inter-relações com a sua própria vida cotidiana. Esta é, no todo como nos detalhes, produto das relações econômicas imperantes em cada caso, e obviamente são estas que exercem as influências em última análise decisivas sobre os homens, também nos campos ideológicos.

Os estranhamentos mediados pela ideologia correspondem às deformações ideológicas da imagem humana do mundo que, pelo progresso econômico, aparecem sob novos conflitos sociais. É importante destacar que no sistema capitalista os sujeitos estabelecem oposições de classe que, em última análise, disputam interesses sociais antagônicos configurados pelos proprietários dos meios de produção e os proprietários da força de trabalho. Nessa configuração os dois grupos têm interesses distintos e, no enlace do estranhamento, retiram o sujeito do contexto de gênero e impossibilitam seu auto reconhecimento enquanto classe social.

Este movimento ocorre mediante as ideias nos conflitos sociais, sendo que, em nossa sociedade, toda alienação é estranhada e se coloca contra o sujeito. Dessa forma, o sujeito que dá vida à mercadoria pela orientação do pôr teleológico e que produz o objeto passa a se voltar contra ele como uma força estranha que o determina, e essa é uma representação ideológica constituída a partir das posições teleológicas secundárias.

“O homem é um ser que responde”, capaz de transformar a natureza a fim de satisfazer necessidades e também de influenciar o campo de alternativas – consciência – dos outros homens no sentido de conduzi-los a atingir sua própria vontade. Essa inter-relação homem natureza e homem com a totalidade social mediada por posições teleológicas implica o processo de objetivação dos sujeitos que, de certo modo, expressam o caráter de produção e reprodução social (LUKÁCS, 2013).

Referindo-se ao processo de reprodução social, Lukács (2013, p. 424) assinala que “trata-se de um processo ontologicamente unitário, no qual simultaneamente sucede a socialização da sociedade, a aproximação da humanidade a uma generidade real no sentido do existente em si e desdobramento da individualidade humana.” Esse processo, explica o autor, resulta no entrelaçamento “entre os dois complexos elementares-fundamentais do ser social: entre a totalidade real de cada sociedade e a totalidade igualmente real dos homens singulares que a constituem.” (LUKÁCS, 2013, p. 491). A nova elaboração contida no ser social possibilita a existência de um gênero humano, como afirma Marx, expondo que a “generidade deixa de ser muda como era nos animais, isto é, que surge uma interação permanente entre o exemplar individual e o próprio gênero, a qual reverte permanentemente em estado consciente interior.” (In. LUKÁCS, 2013, p. 491, grifo nosso).

As posições teleológicas secundárias visam provocar um novo comportamento no seu semelhante associado à importância do processo de produção da sociedade. Nesse tocante, Lukács (2013, p. 161) alude aos pores secundários como “àqueles pores teleológicos que não têm por fim a transformação, a utilização, etc. de um objeto da natureza, mas que têm a intenção de levar outros homens a executarem, por sua vez, um pôr teleológico desejado pelo sujeito do enunciado.”

Nesse sentido, surgem direcionamentos em que os homens são capazes de reagir de forma positiva ou negativa, dependendo das situações que lhes são colocadas, sendo que “os pores que se destinam a conduzir o comportamento das pessoas muitas vezes visam, desde o

começo, a um campo de ação de reações desejadas (ou indesejadas) a factuais, situações, tarefas etc. sociais.” (LUKÁCS, 2013, p. 485).

Vimos que o trabalho é a atividade genérica humana, entretanto, no processo de redução social articulado com a divisão do trabalho se distinguem diversas necessidades para além da vida material. O processo de trabalho sob as condições capitalistas obriga os sujeitos a agirem sobre as causalidades dos objetos de trabalho contra sua intenção ou vontade. Dessa forma, a resposta aos conflitos sociais, entre eles de sua existência, da sua origem, etc. lhes é conferida mediante o acesso às mercadorias, que expressam valores aos sujeitos como simples individualidade (LUKÁCS, 2013).

Das respostas aos conflitos entre indivíduo e gênero emerge a necessidade de normas de comportamento humano imediato na vida social que, na maioria das vezes, é exercido na forma de costumes, religiões, teorias científicas, etc. Os sujeitos travam conflitos entre si, entre sociedades, entre grupos sociais, e estes precisam ser solucionados. A natureza dos conflitos varia conforme suas causas. Em contrapartida, a elaboração para a resposta tendo em vista uma solução representa uma alternativa expressa pela sociedade a partir dos atos de consciência dos homens, o que caracterizam como pôr teleológico secundário pela influência no campo de possibilidades de agir.

As posições teleológicas destinadas a conduzir outros homens são de fundamental importância para que a sociedade possa se reproduzir. Nessas condições, para Lukács (2009, p. 234), o pôr secundário se desenvolve em todas as esferas sociais.

Com a diferenciação social de nível superior, com o nascimento das classes sociais com interesses antagônicos, esse tipo de posição teleológica [as posições teleológicas secundárias] tornam-se a base espiritual-estruturante do que o marxismo chama de ideologia.

O surgimento das classes sociais forma a base para o desenvolvimento das ideologias singulares ganharem relativa autonomia no modo de produção capitalista de produzir a vida. Encontramos em Lukács (2013, p. 472) o fundamento das ideologias:

O surgimento de tais ideologias pressupõe estruturas sociais, nas quais distintos grupos e interesses antagônicos atuam e almejam impor

interesses à sociedade como um todo como seu interesse geral. Em síntese: o surgimento e a disseminação de ideologias se manifestam como a marca registrada geral das sociedades de classe.

A gênese da ideologia, como vimos, opera em grupos sociais que disputam interesses antagonísticos determinados pela estrutura social, “porém, essa determinação só pode se tornar um motor da práxis quando os homens singulares vivenciarem esses interesses como seus próprios e tentem impô-los no quadro das relações vitalmente importantes para ele com outras pessoas.” (LUKÁCS, 2013, p. 472). Assim, para que a determinação da práxis se efetive, os interesses grupais precisam ser incorporados pelos sujeitos e integrados à sociedade.

As determinações ideológicas tornam-se elemento vital da vida cotidiana, pois constantemente os homens se deparam com conflitos a resolver, encarados pelas formas ideológicas que os compõem. Portanto, segundo Lukács (2013, p. 465), as formas ideológicas são “como meios, com o auxílio dos quais podem ser tornados conscientes e tratados também os problemas que preenchem esse cotidiano”. Nesse sentido, “A ideologia é sobretudo a forma de elaboração ideal da realidade que serve para tornar a práxis social humana consciente e capaz de agir.” (LUKÁCS, 2013, p. 465)

Os problemas de interesses das classes sociais se acentuam no momento de crise da economia, fazendo surgir novas formas ideológicas de pensamento direcionadas a responder aos conflitos de classe. Com efeito, a ideologia tornou-se um instrumento de luta social.

A incompatibilidade factual das ideologias em conflito entre si assume as formas mais díspares no curso da história, podendo se manifestar como interpretações de tradições, de convicções religiosas, de teorias e métodos científicos etc., que, no entanto, constituem sempre antes de tudo meios de luta; a questão a ser decidida por eles sempre será um ‘o que fazer?’ social, e decisivo para a sua confrontação fática é o conteúdo social do ‘o que fazer?’ (...) (LUKÁCS, 2013, p. 466).

Como vimos, as respostas aos conflitos sociais se apresentam como um problema na cotidianidade e, por isso, os homens constituem instrumentos para resolução de forma ideológica. Lukács, baseando-se



em Marx, aponta que a ideologia consiste “em que os homens tornem-se conscientes e, com a ajuda das ideologias, travem os seus conflitos sociais, cujos fundamentos últimos devem ser procurados no desenvolvimento econômico.” (LUKÁCS, 2013, p. 471).

Dessa forma, a existência social ideológica leva a supor conflitos sociais travados no âmbito socioeconômico que, na maioria das vezes, são resolvidos pelas formas de ideologia que a sociedade constitui sobre os indivíduos. Em relação à mediação dos conflitos de classe, Lukács (2013, p. 471) adverte:

Os portadores ontológicos imediatos de toda atividade social e, portanto, também dos conflitos, são homens singulares. Por isso mesmo, no plano imediato, todos os conflitos também se manifestam como embates de interesses entre homens singulares ou então entre esses e grupos humanos ou entre dois grupos desse tipo.

Fica claro que os grupos entram em conflito quando seus interesses vitais apresentam convergências ou divergências com outros grupos. Aqui, de certo modo, está contida a gênese da ideologia, “pois esses antagonismos só podem ser enfrentados eficazmente na sociedade quando os membros de um grupo conseguem convencer a si mesmos de que seus interesses vitais coincidem com os interesses importantes da sociedade como um todo” (LUKÁCS, 2013, p. 471).

Em suma, podemos dizer que a atuação consciente dos sujeitos em resposta aos conflitos sociais é, em última análise, realizada pelos indivíduos singulares. Neste sentido, as formas ideológicas, sobretudo as de pôr teleológico secundárias, agem, quando necessário, sobre os sujeitos e grupos sociais a favor da reprodução da sociedade capitalista, orientando as prática cotidiana das classes populares. Portanto, a sociedade dividida em classes sociais é a base para surgimento de tais ideologias que, com os interesses contrapostos, atuam e almejam impor seus interesses à sociedade como interesses gerais.

Consideramos que as ideologias cumprem muitas funções, que constituem uma justificativa natural do estado burguês como aparato ideológico ao formar um véu para a compreensão científica do real. Os sujeitos se tornam imobilizados ante os conflitos sociais. Sobre a função da ideologia na sociedade capitalista, Brohm (1982, p. 308, grifo nosso) considera que

A ideologia é então um conjunto relativamente coerente de representações, valores e crenças. A ideologia está tão presente em todas as atividades dos agentes sociais que é indiscernível de sua experiência vivida. Nesta medida, as ideologias determinam, em um universo relativamente estável, não apenas uma relação real entre os homens, mas também uma relação real dos homens com suas condições de existência envolvidas em um relacionamento imaginário. Segue-se que a ideologia está constitutivamente imbricada no *funcionamento desse imaginário social*. Sua função social não é oferecer aos agentes um conhecimento real da estrutura social, mas simplesmente inseri-los de alguma forma em suas atividades práticas que sustentam essa estrutura.<sup>22</sup>

Essa ideologia é a da classe proprietária dos meios de produção, que conduz ao apaziguamento dos conflitos sociais, isto é, ao processo de equalização do conflito sem perspectiva de sua superação, posto que a estrutura social de produção não é questionada.

A ideologia, como vimos, determina a estrutura da sociedade pela representação da experiência dos indivíduos inseridos na sociedade de classes, ou seja, pela forma de exploração que assume para se estruturar o ser em-si.

As ideologias encobrem as relações de produção que se apresentam como forma natural entre homens, ou seja, é a falsa consciência das reais relações, como inversão de sua realidade social.

---

<sup>22</sup> La ideología es entonces un conjunto relativamente coherente de representaciones, de valores y de creencias. La ideología está hasta tal punto presente en todas las actividades de los agentes sociales que es indiscernible de su experiencia vivida. En esta medida, las ideologías determinan, en un universo relativamente estable, no simplemente una relación real entre los hombres, sino también una relación real de los hombres con sus condiciones de existencia implicadas en una relación imaginaria. Se desprende que la ideología está constitutivamente imbricada en el funcionamiento de este imaginario social. Su función social no consiste en ofrecer a los agentes un conocimiento verdadero de la estructura social, sino simplemente el insertarlos de alguna manera en sus actividades prácticas que sostienen esta estructura. (Tradução livre do autor)

São os homens que produzem suas representações, suas ideias etc., por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e das relações que a elas correspondem, inclusive as mais amplas formas que estas podem tomar. A consciência nunca pode ser mais do que o ser consciente; e o ser dos homens é o seu processo de vida real. E, *se, em toda a ideologia, os homens e suas relações nos aparecem de cabeça para baixo como em uma câmara escura, esse fenômeno decorre de seu processo de vida histórico, exatamente como a inversão dos objetos na retina decorre de seu processo de vida diretamente físico.* (MARX; ENGELS, 2007, p. 19, grifo nosso).

A representação da consciência da vida real se torna imaginária, como diz Marx, põe a realidade de cabeça para baixo, tais representações constituem a expressão inversa das atividades reais, de produção, do comportamento político e social. Como explica Marx (2013), a ideologia é o espelho do mundo das mercadorias que distorcem o plano real como figura fantasmagórica – o fetichismo da mercadoria.

No espetáculo esportivo, as relações humanas tornam-se coisificadas e aparecem como relações abstratas em forma de mercadoria. Assim, o espetáculo esportivo cumpre uma função ideológica de ocultamento da realidade ao produzir valores que influenciam no apaziguamento dos conflitos sociais de classe.

O conjunto de representações ideológicas desportivas, além de contribuir para o ocultamento da realidade, contribui para justificar o sistema capitalista representado pela competição e o entretenimento. Brohm (1982) assevera a ideologia esportiva por diversas razões. Primeiro, por formalizar os modelos de comportamento entre os membros da sociedade, pelas representações das características da estrutura que a engendra, entre elas, a sobrepujança, a igualdade de oportunidades, a especialização, a racionalização, o rendimento, etc. Por outra parte, a mercadoria espetáculo esportivo codifica as relações dos indivíduos com seus corpos, a ideologia esportiva a serviço do capital. Nos termos de Brohm (1982, p. 311, grifo do autor), induz os sujeitos a melhorar seu corpo, diminuir a fadiga, a dor muscular, etc., isto é, “cuidar do corpo, *mantendo a forma*. Os meios de comunicação de massa estão totalmente centrados neste tema publicitário da ‘forma’. Se trata ideologicamente de vender e adquirir um corpo perfeito, bem esculpido e bronzeado, jovem e

dinâmico.<sup>23</sup>, prontamente disposto a encontrar um comprador para vender a força de trabalho saudável e produtiva.

Nesse sentido, as superestruturas ideológicas esportivas condicionam o homem a se relacionar com seu corpo vinculado ao processo de produção e ao tempo de não trabalho. O espetáculo esportivo, dessa maneira, atua como verdadeiro bloqueio de compreensão do real pela ênfase ao corpo. Para Brohm (1982), o sistema ideológico esportivo constitui e intensifica a ilusão ideológica esportiva. Um exemplo, poderíamos dizer, é que dificilmente encontramos no cotidiano sujeitos que suspeitem do esporte como arma ideológica. É corrente a compreensão imediata da neutralidade política ideológica do esporte, enquanto que estes mesmos sujeitos não vacilam em fixar a pecha de ideológicos a “o Estado, a empresa, a escola, a família, a cultura e a arte”<sup>24</sup> (BROHM, 1982, p. 313).

A ideologia no espetáculo esportivo camufla qualquer tipo de compreensão verosímil dos conflitos sociais, da mesma forma que a apologia ao apoliticismo tende a preservar o espetáculo esportivo como neutralidade.

Paulantzas nos ajuda a esclarecer a ideologia esportiva subsumida aos ditames do *status quo*, ao afirmar que

a ideologia tem precisamente como função, contra a ciência, esconder as contradições reais, reconstruir num plano imaginário um discurso relativamente coerente que sirva de horizonte ao vivido pelos agentes, formando suas representações segundo as relações reais e inserindo-as em a unidade das relações de uma formação... A ideologia, deslizando por todos os pisos do edifício social, cumpre esta função particular de coesão, estabelecendo ao nível dos vividos pelos agentes relações evidentemente falsas que permitem o funcionamento de suas

---

<sup>23</sup> cuidar el cuerpo, *mantenerlo en forma*. Los medios de comunicación de masas están totalmente centrados en este tema publicitario de la «forma». Se trata ideológicamente de vender y adquirir un cuerpo perfecto, bien esculpido y bronceado, joven y dinámico. (Tradução livre do autor)

<sup>24</sup> el Estado, la empresa, la escuela, la familia, la cultura y el arte. (Tradução livre do autor)

atividades práticas<sup>25</sup> (PAULANTZAS, In. BROHM, 1982, p. 316).

O espetáculo esportivo, como forma de naturalização das classes influenciada pela ideologia, educa os homens pelo domínio “consciente” dos elementos da vida social que estão imbricados na produção do espetáculo esportivo. A reprodução das relações humanas no esporte espetáculo se constitui conectada por determinados elementos que contribuem para a naturalização e aquietação dos conflitos de classe, entre os quais podemos destacar: a competição, o rendimento, a concorrência e a disciplina, etc.

Vale ressaltar que a ideologia da competição estabelecida pelo espetáculo esportivo é uma ideologia de classe que se institui na pretensão de ser terreno neutro e homogêneo, o que possibilitaria chances iguais, a mesma oportunidade a todos. Longe de desvendar a inexistência de oportunidades iguais no esporte e na vida, a ideologia da competição naturaliza a luta pela vida na selva capitalista.

O caráter ideológico do espetáculo esportivo, pelos elementos acima elucidados, expressa a cegueira dos indivíduos perante a realidade na sociedade capitalista. Os sujeitos, longe de compreenderem-se como partícipes da atividade estranhada, pelo contrário, são, de um lado, cada vez mais sobrecarregados pelas tentações do consumo de mercadorias e, de outro, pelos elementos – competição, rendimento, concorrência, disciplina, etc., que constituem o ritmo avassalador do trabalho produtivo que configura o homem para a adaptação à sociedade atual.

A produção do espetáculo pelas vias ideológicas conservantes garante a eficácia da servidão individual à mercadoria. Nesse cenário, os conjuntos de ideias, valores, crenças se justificam e legitimam o espetáculo como discurso ideológico para adaptação à realidade social. O espetáculo, para Debord (1997), é um elemento ideológico central na atual reprodução das sociedades classistas que adquirem expressão pelas

---

<sup>25</sup> la ideología tiene precisamente como función, en contra de la ciencia, el ocultar las contradicciones reales, el reconstituir sobre un plano imaginario un discurso relativamente coherente que sirva de horizonte a lo vivido por los agentes, formando sus representaciones según las relaciones reales e insertándolas en la unidad de relaciones de una formación... La ideología, deslizándose por todos los pisos del edificio social, cumple esta función particular de cohesión, estableciendo al nivel de lo vivido por los agentes unas relaciones evidentes falsas que permiten el funcionamiento de sus actividades prácticas. (Tradução livre do autor)

mercadorias. A materialidade pela via da produção material obstaculiza a possibilidade do pensar negativo sobre a sociedade mercantil espetacular. Sobre a consciência deformada da realidade, Debord (1997, p. 137, grifo do autor), sustenta:

A ideologia é a base do pensamento de uma sociedade de classes, no curso conflitante da história. Os fatos ideológicos nunca foram simples quimeras, mas a consciência deformada da realidade, e, como tais, fatores reais que exercem uma real ação deformante; tanto mais que a *materialização* da ideologia provocada pelo êxito concreto da produção econômica autonomizada, na forma do espetáculo, praticamente confunde com a realidade social uma ideologia que conseguiu recortar o real de acordo com seu modelo.

A dominação ideológica do espetáculo esportivo consiste na relação do espectador passivo e acrítico pelo plano das imagens. Os laços que vinculam indivíduo e sociedade são assegurados pelas ideias dominantes, isto é, pelo mundo das mercadorias e sua forma fantasmagórica associados à ilusão que traduz para a vida humana o “empobrecimento, a sujeição e a negação da vida real.” (DEBORD, 1997, p. 138). Sendo assim, a ideologia espetacular esportiva tem como ponto fulcral ocultar os antagonismos de classe da realidade ao nível de converter esses conflitos, no plano individual, em um processo de naturalização. Sendo o conflito da própria forma como os homens organizam a sua produção, uma vez naturalizado se torna o produto da própria ação humana, um elemento que se volta à organização da própria ação humana. Aqui está o princípio do fetiche. Na sequência, buscaremos compreender como o processo de espetacularização, de transformação do espetáculo esportivo em mercadoria contribui para esse processo.

#### 4 A MERCADORIZAÇÃO DO ESPORTE

A mercadoria pode ser compreendida na sua essência apenas como categoria universal do ser social total. É apenas neste contexto que a reificação [o momento, dentro do processo de alienação, em que a característica de ser uma coisa se torna típica da realidade objetiva] surgida da relação mercantil adquire uma significação decisiva, tanto pela evolução objetiva da sociedade como pela atitude dos homens em relação a ela, na submissão da sua consciência às formas nas quais esta reificação se exprime... Esta submissão acresce-se ainda do fato de que quanto mais a racionalização e a mecanização do processo de trabalho aumentam, mais a atividade do trabalhador perde o seu caráter de atividade, tornando-se uma atitude meramente *contemplativa*.

(György Lukács)

Para levar a cabo nosso intento, neste capítulo pretendemos apontar o conceito de espetáculo, entendendo-o no movimento da lógica da complexificação das relações sociais, ou seja, como a forma mais desenvolvida da sociedade fundada na produção de mercadorias, visto que o valor de troca ultrapassa a relação de valor de uso na sociedade vigente. Nessas condições, segundo Debord (1997), a realidade vivida é obscurecida pela invasão da contemplação do espetáculo encenado na mercadoria, e retoma em si própria a reintegração do espectador<sup>26</sup> fragmentado à realidade de forma positiva. Podemos constatar, desse modo, a relação entre o fetichismo da mercadoria e o que Guy Debord (1997) conceituou de sociedade do espetáculo, isto é, o espetáculo em

---

<sup>26</sup> Tomamos espectador no sentido que não é apenas um puro observador, fruidor. Mas elemento partícipe e fundamental na constituição do próprio espetáculo esportivo.

geral como inversão concreta da vida realizada pelo momento autônomo não vivo, que domina tudo que é vivido.

Para iniciarmos a reflexão em torno da mercadorização fetichizada do espetáculo esportivo na sociabilidade capitalista torna-se necessário compreender, mesmo que sem a intenção de sua explicitação total, o processo de transformação das práticas corporais até sua constituição como mercadoria e espetáculo. Pretendemos refletir, portanto, sobre a transformação das práticas corporais em mercadoria, o que, em última análise, ocorre pela transformação das ações corporais em atividade esportiva e, no próprio movimento do sistema capitalista, retorna a ser uma ação da atividade articulada ao processo de trabalho produtivo e que, nesse contexto, muda substancialmente suas necessidades, motivos e finalidades.

Nesse intento, mostraremos o papel dos meios de telecomunicação como propulsores da universalização dos intercâmbios que, articulados ao interesse e necessidade do capital, contribuem para o crescimento e a consolidação do espetáculo esportivo. Para isso, estrategicamente, a indústria de produção do espetáculo possibilita o consumo e a produção em unidade da mercadoria esporte espetáculo pelo conjunto de imagens transmitidas em tempo e espaço real. A compreensão do conjunto de características, categorias e movimentação do esporte espetáculo é importante para entender o próprio processo de fetiche dos envolvidos em sua produção.

#### 4.1 GÊNESE DA COMERCIALIZAÇÃO CAPITALISTA DO ESPETÁCULO ESPORTIVO

A afirmação, elucidada por estudiosos do esporte, entre os quais Tubino, Gonzalez, Elias, Guttmann, de que o esporte como atividade sempre existiu, desde as sociedades tradicionais, é reafirmada em diversos artigos e dados históricos. Mas, essas práticas sociais realizadas não são de modo algum atividade humana de jogo, luta, dança e, em sua particularidade, esporte como conhecemos atualmente. O aspecto com o qual o esporte sempre existiu refere-se às relações externas da atividade e leva à compreensão linear das práticas corporais, ou seja, refere-se ao desenvolvimento histórico de forma rígida, sequencial e uniforme.

Os movimentos corporais realizados pelas civilizações antigas, que denominamos hoje de esporte, desenvolveram-se inicialmente imbricados na constituição da *atividade humana produtiva*, isto é, emergiram como elemento da atividade religiosa direcionada à tentativa de *controlar a*



*natureza* e, conseqüentemente, influir diretamente nas ações de produção dos meios para suprir as necessidades de reprodução da existência. Tais ações eram dirigidas – por exemplo, as ações de dança há 14 mil anos e os eventos atléticos do império grego – à comunicação com os deuses, tendo em vista boa colheita, proteção contra invasores, fertilidade, etc. (NASCIMENTO, 2014). Esses rituais realizados com as práticas corporais possuíam uma origem prático-utilitária que, em última análise, constituía o motivo da atividade.

Assim, o motivo que estimulava as ações corporais não estava direcionado à dança, jogo ou luta em si, mas sim a uma atividade maior, isto é, às necessidades prático-utilitárias. A partir do momento em que as ações corporais ganham relativa autonomia e passam a ser desenvolvidas com conteúdo e forma próprios – finalidade imanente – ganham relativa autonomia e constituem-se em outras atividades humanas. Em outros termos, as ações das atividades de trabalho perdem sua função prático-utilitária e o que estimula o agir humano está voltado a outro motivo que se torna central, gerando, desta forma, uma atividade específica no contexto das relações sociais.

No processo contemporâneo de produção do esporte, o motivo que leva o atleta efetivamente a agir não é a satisfação da necessidade no esporte em si, o motivo do atleta está direcionado ao salário. Sendo assim, como exposto acima, por uma série de outras mediações o esporte *liga-se* à reprodução de expansão do capital ao estar vinculado ao *trabalho produtivo*.

Seria importante aqui nos atermos um momento para verificar como se deu o processo de desenvolvimento histórico dos jogos e de que modo, adquirindo relativa autonomia em relação à atividade produtiva, se transformam em atividade esportiva e desta voltam a ser ação de uma atividade produtiva. Nossa intenção não é retomar o desenvolvimento histórico do esporte, mas apontar sucintamente o motivo das práticas corporais “serem” determinadas pelo contexto histórico e, por essa via, melhor compreender a mercadoria espetáculo esportivo. Vejamos.

Conforme citamos anteriormente, as práticas corporais antigas continham caráter de culto aos deuses e eram realizadas como cerimonial para os deuses intervirem na produção; sendo assim, articulavam-se com a vida, às atividades utilitárias.

Nesse mote, as práticas corporais, que na sociedade tradicional estavam subordinadas às instituições religiosas e militares, aos poucos foram enfraquecendo-se em relação às suas funções iniciais, diretamente relacionadas às festas, entre elas a da colheita, religiosas, etc. Podemos

citar, como exemplo, os jogos gregos e romanos da antiguidade. Destes últimos, os primeiros tinham caráter religioso, e os segundos tinham como tema principal a forma física para participar de eventos, como luta de gladiadores (BRACHT, 2005).

Na idade média, com o advento do cristianismo, os jogos de gladiadores foram aos poucos sendo banidos por contradizerem os princípios da tradição judaico-cristã em relação à abordagem de corpo, isto é, o corpo não pode ser exaltado nas práticas corporais<sup>27</sup>. Nesse sentido, as manifestações, sem vínculo religioso, ganham caráter popular e não se organizam enquanto espetáculo, são atividades cotidianas e caracterizadas por expressões corporais com regras modificáveis e variáveis de região para região, como mambembes, funâmbulos, danças, jogos, brincadeiras, etc. (SOARES, 2001). É o entretenimento e a alegria sem se tornar espetáculo moderno.

A partir do Iluminismo, principalmente na Alemanha, na Suécia, na França e na Inglaterra, com o advento das *escolas* voltadas à formação dos trabalhadores para a nova forma de organização da produção social, os jogos, os exercícios físicos e, principalmente, a ginástica, tiveram sua prática incentivada no interior destas instituições. Sob a orientação dos conhecimentos da medicina e da tradição militar, essas manifestações apresentam o propósito de ordem disciplinar, saúde e civismo, sendo que a disciplina era fundamental para a ordem fabril e necessária à nova sociedade (SOARES, 2001).

À vista disso, percebemos a escola como locus privilegiado para a racionalização dos jogos populares, de ordenamento e preparação da “aptidão física” que estabelece as bases para o esporte. De acordo com Colombo (2014, p. 54),

Os jovens burgueses tinham, nas instituições escolares públicas, que eram privilégio dos filhos dos burgueses, a garantia do acesso às práticas esportivas. Primeiramente porque o governo inglês

---

<sup>27</sup> Com a modernidade, modifica-se novamente a concepção de corpo que precisa ser controlado e preparado para o trabalho – a promoção de ginástica e jogos está vinculada à ideia educativa e formativa dos sujeitos (SOARES, 2001). Com o desenvolvimento de tais práticas, novos elementos constituem as atividades de jogo que se realiza na dinâmica de ataque e defesa, na percepção e análise das situações e nos conhecimentos estratégicos e táticos. Parte dessas atividades torna-se condição para vir a ser esporte (NASCIMENTO, 2014).

inferia que, nessas instituições, os jogos populares não ameaçavam a ordem social burguesa.

Com isso, aos poucos, nas escolas públicas, as expressões corporais foram racionalizadas, transformadas em esporte moderno, sob a égide da técnica e da racionalidade do jogo e deterioração do lúdico.

Silva (1991, p. 49) corrobora com este entendimento quando expõe que

É preciso destacar, ainda, a incorporação dos esportes aos melhores sistemas educacionais vigentes na Europa, naquele período. A tradição e a qualidade da escola pública, extremamente elitizada e rigorosa, adotou o esporte como uma de suas atividades principais, especialmente aqueles que lembravam as atividades da nobreza.

Todavia, o esporte contribuiu diretamente para o interesse da burguesia em propiciar a formação de um novo homem para a sociedade que estava se constituindo, ou melhor, a educação de princípios e valores burgueses. As práticas corporais passam a atender aos interesses da classe burguesa que, paulatinamente, constitui e consolida o modo de produção capitalista (HOBSBAWM, 2001). Nessa linha de pensamento, Marchi Júnior (2004, p. 19-20) destaca que

A burguesia associou-se ao modo liberal de conduzir suas vidas e ambições, ambas centradas na crença ao capitalismo, na empresa privada competitiva, na ciência e na razão. Paralelamente, pode-se relacionar nesse período de desenvolvimento urbano e industrial. Nesse sentido, a sociedade burguesa, além de apresentar-se detentora de um potencial emergente de diferenciação socioeconômica e política, firmou-se também por uma proposta moral e ideológica reveladora de um novo conjunto de práticas culturais.

Percebe-se que o esporte se estabelece na dinâmica da própria sociedade inglesa dos séculos XVIII e XIX, sendo que o esporte na Inglaterra se constituiu, sobretudo, a partir de atividade dos aristocratas e burgueses durante o gozo do ócio, tempo livre e jogos populares, isto é, a

começar pelas apostas nas corridas de cavalo e homem, chegando ao tênis e à esgrima. Nessa determinação histórica, o esporte moderno se consolida pela transformação da cultura europeia das práticas corporais, espalhando-se devastadoramente pelo mundo (BRACHT, 2005).

Outra importante instituição, expressa por Hobsbawn (2001), foram as sociedades esportivas. A classe burguesa, centrada no ócio e tempo livre, desfrutava destes ambientes para praticar esportes característicos da época, entre os quais o tênis, o rúgbi e o futebol americano. Em contrapartida, com o desenvolvimento da esfera urbana e a aparição do “tempo livre” dos trabalhadores, os esportes adentram à vida do operariado.

Sobre esse movimento, Silva (1991, p. 49), de maneira sucinta, expõe que

Desde sua criação, o esporte se institucionaliza, não só na sua prática padronizada por regras, como na sua forma de organização associativa. As sociedades esportivas diferenciavam-se umas das outras, pelo esporte que elegiam, pela comunidade à qual pertenciam e, paralelamente, pela categoria social ou categoria profissional de seus participantes. O operariado, que rapidamente aderiu e passou a praticar o esporte em grande número, também cria suas associações.

Dessa forma, o processo de apropriação do esporte propõe-se a suprir as necessidades tanto da classe operária quanto da classe burguesa, e finda em duas manifestações: o profissionalismo e o amadorismo. Segundo Colombo (2014, p. 57), “O amadorismo era apregoado pela classe burguesa a fim de consolidar o seu privilégio frente a essa manifestação cultural, a ponto de inibir e evitar a prática e o envolvimento da classe operária.” Nessa contextualização, Bracht (2005) traz à tona outro elemento fundamental, atesta a racionalização das práticas corporais dos trabalhadores posta pela classe burguesa para dominação de fatores sociais, tais como o aumento do tempo livre e do ócio, influenciando negativa e diretamente no processo de comunicação em uma futura possibilidade de os trabalhadores se organizarem. Desse modo, o esporte congrega os trabalhadores desviando a atenção de seus interesses.

Ainda sobre o amadorismo, Marchi Júnior (2004, p. 35) descreve a seguinte inquirição: “os preceitos da classe média que revestiam as

práticas amadoras foram substituídos no transcorrer do processo de proletarização dos esportes, consubstanciado, na sequência, pela manifestação do profissionalismo”.

A respeito dessa questão, Silva (1991, p. 51) comenta que

O processo de profissionalização no esporte inicia com os operários (...), mas acaba por se expandir. Com o avanço do mercado, esses critérios de classe vão sendo, pouco a pouco, dissolvidos. A profissionalização vai se tornando cada vez mais frequente nos esportes. Essa transformação do esportista em assalariado levanta uma questão importante, também para os fenômenos culturais.

Sendo assim, o motivo da atividade esportiva perde força e, portanto, esta atividade se articula ao motivo de outra atividade, ou seja, a atividade esportiva se transforma em uma ação de outra atividade. Neste caso, a atividade esportiva se *transformou* em uma ação no interior do espetáculo esportivo. A finalidade de quem promove o espetáculo é o lucro e a extração de mais valia, ou seja, se transformou em trabalho produtivo.

Tomamos a passagem de Leontiev (1978, p. 130) que explicita a mudança de motivo da atividade.

A atividade do batedor é subjetivamente motivada pela parte da presa que lhe caberá e que corresponde às suas necessidades; por outro lado, a presa é o resultado objetivo da sua atividade, no quadro da atividade coletiva. Na produção capitalista, o operário assalariado procura, ele também, subjetivamente, a satisfação das suas necessidades de alimento, vestuário, habitação etc., pela sua atividade. Mas o seu produto objetivo é diferente: este pode ser o minério de ouro que extrai, o palácio que constrói.

O autor prossegue com as palavras de Marx: “O que ele produz para si mesmo não é a seda que tece, não é o ouro que extrai da mina, não é o palácio que constrói. O que produz para si próprio é o salário (...)” (LEONTIEV, 1978, p.130). À vista disso, percebemos que o atleta não realiza a atividade pelo próprio prazer do esporte em si, o motivo do esforço do atleta está no prazer do salário. A aplicação da força de

trabalho articulada ao processo produtivo é a lógica do capitalismo, em que toda natureza do atleta “se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [*Naturmacht*]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos.” (MARX, 2013, p. 255, grifo do autor).

A gênese do esporte, como vimos, está na transformação de práticas corporais cujo desenvolvimento vai abrangendo outros elementos que só existem na nova sociedade capitalista. Um desses elementos é a profissionalização. Portanto, é fundamental salientar que o esporte espetacularizado, como destacou Bracht (2005), apresentou vestígios, justamente pelas ligas amadoras e ligas profissionais, relacionadas à venda de ingressos e pagamentos de jogadores. De acordo com o autor, nesse contexto

(...) a burocratização ou organização formal também cresce. Já no século XIX vão surgir, na Inglaterra principalmente, organizações que congregam grupos de clubes, as federações, como a de futebol, que promovem competições em nível regional e nacional. Novos esportes surgem, ou seja, esportivizam-se uma série de práticas corporais e logo aproveita-se a possibilidade de explorar comercialmente os eventos esportivos, surgindo o profissionalismo. (BRACHT, 2005, p. 99).

Nesse viés, a disputa entre amador e profissional tem o germe da espetacularização, a indústria de produção do espetáculo se apropria do esporte juntamente com os meios de comunicação, em especial a televisão, transformando o espetáculo esportivo em um dos fenômenos de massa universal em escala planetária. Como expresso por Silva (1991), o esporte passa de uma simples prática social a uma forma mercantil, isto é, torna-se mercadoria.

A sociedade capitalista está pautada pela universalização da troca de mercadorias sobre a relação de propriedade privada mediada por um representante de quantum de valor, dinheiro. Nesse sentido, a circulação e a valorização do valor das mercadorias penetram no sistema esportivo a ponto de ganhar relativa autonomia pelas garras afiadas do modo de produção vigente.

Assim, o sistema esportivo funciona determinado pelas normas e critérios da sociedade capitalista, sua estrutura obedece às leis econômicas que reinam no modo de produção capitalista. Brohm (1982, p. 153) relata que,

Historicamente, o esporte nasceu com o desenvolvimento do capitalismo industrial. Desde a sua criação, o esporte tem sido vinculado aos mecanismos de investimento, circulação e reavaliação do capital. Apenas nascida, a instituição esportiva foi imediatamente abarcada pelo mercantilismo capitalista e explorada como fonte de benefícios. Na verdade, a venda do espetáculo esportivo e das apostas desportivas precedeu não só o início do profissionalismo esportivo, mas também as primeiras formas de organização institucional da competição esportiva.<sup>28</sup>

Percebemos que o desenvolvimento da institucionalização esportiva adquire os mesmos aspectos de qualquer setor da atividade econômica, quais sejam: especulações, investimentos, profissionalismo, espetáculos pagos, etc. Nesse percurso, o esporte torna-se um fenômeno social corrompido pela sociedade mercantil, como todas as atividades realizadas no seio do sistema atual.

Um exemplo que sinaliza o início da mundialização do esporte são os primeiros jogos olímpicos<sup>29</sup> que, de acordo com Brohm (1982), estavam relacionados a grandes feiras de exposições comerciais. O autor,

---

<sup>28</sup> Históricamente, el deporte nació con el desarrollo del capitalismo industrial. Desde su origen, el deporte se ha visto ligado a los mecanismos de inversión, de circulación y de revalorización del capital. Apenas nacida, la institución deportiva fue inmediatamente cercada por el mercantilismo capitalista y explotada en tanto que fuente de beneficios. En efecto, la venta del espectáculo deportivo y las apuestas deportivas han presidido no sólo los comienzos del profesionalismo deportivo, sino también las primeras formas de organización institucional de la competición deportiva. (Tradução livre do autor)

<sup>29</sup> Os Jogos Olímpicos de Verão de 1896, oficialmente conhecidos como Jogos da I Olimpíada, foram os primeiros Jogos Olímpicos da era moderna, realizados em Atenas, Grécia. O evento ocorreu graças ao empenho do francês Pierre de Frédy, conhecido como Barão de Coubertin, idealizador do renascimento dos Jogos existentes na Grécia Antiga, mentor do movimento olímpico e fundador do Comitê Olímpico Internacional.

com apoio em Vanker, assinala que os jogos de San Luis<sup>30</sup>, em 1904, “(...) foram incluídos no programa da exposição, que evidentemente incluía importantes stands e espaços reservados para máquinas de tricô, ferramentas complementares, tratores, brocas automáticas, baterias gigantes.”<sup>31</sup> (BROHM, 1982, p. 154). Além disso, podemos ressaltar que os primeiros jogos olímpicos, em Atenas, estavam diretamente relacionados ao helenismo e à propaganda turística, isto é, o esporte desde seu nascimento está absorvido pelas redes de relações econômicas, e sua constituição enquanto esporte dá-se justamente pela integração na sociedade mercantil.

Proni (2002, p.37), tendo como base as reflexões de Brohm, sustenta que o esporte:

i) nasce com a sociedade industrial e é inseparável de suas estruturas e funcionamento; ii) evolui estruturando-se e organizando-se internamente de acordo com a evolução do capitalismo mundial; e iii) assume forma e conteúdo que refletem essencialmente a ideologia burguesa. (PRONI, 2002, p. 37)

O capitalismo, de fato, aproveita-se das práticas corporais para se inserir na batalha de valorizar valor, o que leva, conseqüentemente, a colocar o esporte no seio da luta de classes. Meynaud, citado por Brohm (1982, p. 155), adverte, sobre essa questão, que “Em um mundo em que, finalmente, tudo está determinado com dinheiro e onde o incentivo do lucro ainda é o motor das iniciativas econômicas, dificilmente pode ser concebido que o esporte escape da tendência geral.”<sup>32</sup> Dessa maneira, o esporte espetacularizado carrega consigo características do setor produtivo submetido às leis de mercado que o geram.

---

<sup>30</sup> Os Jogos Olímpicos de Verão de 1904, conhecidos oficialmente como Jogos da III Olimpíada, foram realizados na cidade de Saint Louis, no estado do Missouri, Estados Unidos.

<sup>31</sup> los juegos estaban englobados en el programa de la exposición, que evidentemente abarcaba importantes stands y plazas reservados para máquinas de tejer, herramientas complementarias, tractores, sembradoras automáticas, tambores gigantes. (Tradução livre do autor)

<sup>32</sup> en un mundo en el que, finalmente, todo se determina con dinero y donde el incentivo de la ganancia sigue siendo el motor de las iniciativas económicas, difícilmente puede concebirse que el deporte escape a la tendencia general. (Tradução livre do autor)



Como vimos, o esporte é produto do desenvolvimento exacerbado do capital que, por sua vez, transformou as manifestações da cultura corporal em produto de espetacularização, ou seja, o movimento esportivo espetacular transforma as manifestações da cultura corpórea mercadoriana. A produção de recordes, momentos marcantes, jogadas especiais se transformam não somente em produção da ação corporal, mas em estabelecimento de valor de troca e, conseqüentemente, lucro.

Em resumo, na sociedade tradicional as práticas corporais estavam embutidas de valor de uso, porém eram consideradas uma ação, em que a finalidade das tarefas estava constituída tendo em vista a satisfação das necessidades religiosas, militares, estéticas, etc. Com a modernidade, o esporte adquire uma finalidade em si mesmo, isto é, o esporte modifica o motivo de sua prática e, conseqüentemente, altera a finalidade tornando-se uma atividade<sup>33</sup>. De acordo com Silva (1991, p. 51-52, grifo nosso), na conjuntura do desenvolvimento das relações capitalistas, o valor de uso, vale dizer, utilidade dessa nova atividade, é valorizar valor como produto do espetáculo esportivo. Nesse sentido, “O esporte passa a auxiliar na reprodução ampliada de capital, neste, e em outros setores da indústria não diretamente relacionados a ele, *tornando-se altamente produtivo*”.

Ao falar da expansão das atividades que vão se constituindo com o início do capital, Marx (1978, p. 74, grifo do autor) adverte:

Uma série de funções e atividades envoltas outrora por uma auréola e consideradas como fins em si mesmas, que se exerciam gratuitamente ou se pagavam indiretamente (como os profissionais, médicos, advogados etc., na Inglaterra, que não podiam ou não podem se queixar para obter o pagamento de seus honorários), por um lado, se transformam diretamente em *trabalhos assalariados*, por diferente que possa ser seu conteúdo e pagamento; por outro, caem — sua avaliação, o *preço* dessas diversas atividades, desde a prostituta até o rei — *sob as leis que regulam o preço do trabalho assalariado*.

---

<sup>33</sup> Davidov (1999, p. 2) define o esporte como atividade da seguinte forma: “O gênero fundamental da atividade é o trabalho, depois a atividade artística e a seguir a atividade no campo da moral, da lei, da religião e, no meu ponto de vista, o esporte tem surgido como uma atividade desde o século passado”.

No capital, a atividade do trabalhador<sup>34</sup> do esporte espetáculo tem como motivo obter um salário, uma recompensa, que não é do próprio esporte, mas de fora dele. A recompensa do trabalho do trabalhador não é o seu produto, senão, o salário<sup>35</sup>. Dessa forma o trabalhador pode ter acesso a outros produtos do trabalho de outros trabalhadores, isto é, a outras mercadorias. Já mostramos que o trabalhador do esporte é um trabalhador assalariado e ele produz uma mercadoria; que mercadoria é essa?

## 4.2 A MERCADORIA DA FORMA ESPETÁCULO ESPORTIVO NA SOCIABILIDADE DO CAPITAL

Antes de adentrarmos especificamente no tema da mercadoria particular, precisamos ter a compreensão da mercadoria em geral. A mercadoria é um objeto, uma coisa que satisfaz as necessidades humanas, e é socialmente aceita de acordo com o seu tempo e espaço históricos. O acúmulo imenso de mercadorias determina as riquezas dos países/nações que dominam o modo de produção capitalista. Sendo assim, a mercadoria, na sua forma individual, representa o fundamento desta riqueza. Eis a importância de uma análise minuciosa deste elemento para a compreensão de todas as outras relações no sistema do capital. Nesse tocante, Marx (2013, p.113), em relação à mercadoria, afirma:

A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa que, por meio de suas propriedades, satisfaz necessidades humanas de um tipo qualquer. A natureza dessas necessidades – se, por

---

<sup>34</sup> É importante lembrar que, para produção da mercadoria espetáculo esportivo, o atleta precisa ser um trabalhador assalariado e estar envolvido no processo de trabalho produtivo.

<sup>35</sup> Em relação ao sentido do trabalho em sociedades socialistas, Leontiev (1959, p.144) adverte: “O operário socialista tal como o operário da empresa capitalista tece, fia etc. Mas para ele seu trabalho tem realmente o sentido de tecelagem, fiação etc. Para ele, o motivo e o produto objetivo do trabalho não são estranhos um ao outro, porque ele não trabalha para exploradores, mas para ele, para sua classe, para a sociedade. O operário socialista recebe um salário em troca do seu trabalho; também para ele o trabalho tem, portanto uma significação de salário, mas para este último não é senão um meio para ele de realizar uma parte dos frutos da produção social para o consumo pessoal. O sentido do trabalho modifica-se porque os seus motivos são novos”.

exemplo, elas provêm do estômago ou da imaginação – não altera em nada a questão. Tampouco se trata aqui de como a coisa satisfaz a necessidade humana, se diretamente, como meio de subsistência [Lebensmittel], isto é, como objeto de fruição, ou indiretamente, como meio de produção.

Por essa argumentação, afirmamos que a mercadoria carrega em si muitas propriedades que podem servir para as mais variadas possibilidades de utilização. O descobrimento dessas diversas possibilidades de utilização implica compreender as causalidades presentes em um determinado objeto (mercadoria) visando atingir um fim. Esse processo de descobrimento, portanto, é histórico, corresponde à ação humana no intercâmbio com a natureza a fim de garantir a produção e reprodução de sua vida, como já mencionamos anteriormente.

Como observamos, “A utilidade de uma coisa faz dela um valor de uso.” Isso faz com que a mercadoria, enquanto valor de uso, seja fundamental para a manutenção da vida humana, independentemente do modo de produção no qual este objeto se encontra. Com base nessa condição, o valor de uso expressa-se na relação quantitativa entre valores de uso de espécies diferentes na proporção em que se trocam. Assim, na sociedade capitalista o valor de uso torna-se valor de troca, isto é, valores de uso de uma espécie se trocam com valores de uso de outra espécie (MARX, 2013, p. 114).

Silva (1991, p. 61), pioneira nos estudos da mercadorização do espetáculo esportivo no Brasil, afirma que a forma espetáculo, produzida com vistas à valorização de capital, faz o esporte ter traços específicos de mercadoria, em particular sua finalidade ser valor de troca.

A caracterização do esporte (ainda que com especificidades em relação à cultura), praticado em condições especiais comuns a esse tipo de sociedade industrial, assumindo a forma de espetáculo e tendo a troca como objetivo, começa pouco a pouco por secundarizar o seu valor-de-uso. A possibilidade de ser trocado por dinheiro, na medida em que supre necessidades de diversão e entretenimento de terceiros, vai se sobrepondo aos objetivos de potencialização harmônica das capacidades humanas (...).

O valor de uso das atividades da cultura corporal, caracterizados pela potencialidade de satisfação das necessidades humanas de ordem não material, isto é, necessidades da imaginação, é apagado, atua como combustível do motor de troca semelhante, independente da especificidade da mercadoria.

Silva (1991, p. 55-56, grifo da autora), no que diz respeito a esse movimento de secundarização do valor de uso, esclarece que

O esporte, apesar de sua natureza de valor de cultura, não escapa a essa lógica capitalista. Seu valor cultural é secundarizado, senão desprezado por completo quando assume a forma de mercadoria, enquanto espetáculo. O fundamental para a troca não é o fato dele ser **expressão de cultura**, mas sim de ser portador de valor, que acrescido da mais-valia, é capaz de reproduzir e ampliar o capital investido. Para isso, basta apenas que se faça seu cálculo e como as especificidades que possui não podem ser quantificadas, a mercadoria em questão passa a ser considerada como as demais, fruto do trabalho humano e, como tal, pode ser igualada a qualquer outra mercadoria.

Dessa forma, o processo de transposição das práticas corporais para universo das mercadorias, segundo Brohm (1982), tem como objetivo serem trocadas entre si, ou melhor, trata-se de produzir espetáculos para venda e, mais especificamente, gerar mais valor. Em outras palavras, na circulação das mercadorias todas têm o mesmo caráter, ser valor de troca independentemente de seu valor de uso (MARX, 2013).

Marx (2013, p.116), a respeito dessa questão, comenta que

Na própria relação de troca das mercadorias, seu valor de troca apareceu-nos como algo completamente independente de seus valores de uso. No entanto, abstraindo-se agora o valor de uso dos produtos do trabalho, obteremos seu valor como ele foi definido anteriormente. O elemento comum, que se apresenta na relação de troca ou valor de troca das mercadorias, é, portanto, seu valor.

Com efeito, a mercadoria é produto do trabalho humano, um valor de uso que, de acordo com Marx (2013, p.116, grifo do autor),

já se transformou em nossas mãos. Se abstraímos seu valor de uso, abstraímos também os componentes [*Bestandteilen*] e formas corpóreas que fazem dele um valor de uso. O produto não é mais uma mesa, uma casa, um fio ou qualquer outra coisa útil. Todas as suas qualidades sensíveis foram apagadas. E também já não é mais o produto do carpinteiro, do pedreiro, do fiandeiro ou de qualquer outro trabalho produtivo determinado. Com o caráter útil dos produtos do trabalho desaparece o caráter útil dos trabalhos neles representados e, portanto, também as diferentes formas concretas desses trabalhos, que não mais se distinguem uns dos outros, sendo todos reduzidos a trabalho humano igual, a trabalho humano abstrato.

Em síntese, um valor de uso ou um bem só possui valor porque nele está corporificado, materializado, *trabalho humano abstrato*. Por esse raciocínio, o valor é medido pela quantidade de trabalho, ou seja, o valor da mercadoria é determinado pela quantidade de trabalho socialmente necessário para sua produção. Por isso, Marx (2013) assevera esse debate afirmando que o trabalho que constitui a substância dos valores é o trabalho humano homogêneo, que é definido socialmente, considerando determinado tempo e espaço históricos, ou seja, o quantum de trabalho é medido socialmente de acordo com as necessidades históricas de determinado contexto<sup>36</sup>. Nas palavras do autor:

Na medida em que, para a produção de uma mercadoria, ela só precisa do tempo de trabalho em média necessário ou tempo de trabalho socialmente necessário. Tempo de trabalho socialmente necessário é aquele requerido para produzir um valor de uso qualquer sob as condições normais para uma dada sociedade e com o grau social médio

---

<sup>36</sup> Aqui se explicita o duplo caráter de valor da mercadoria, seu valor de uso e seu valor de troca. O valor de uso é o quantum objetivamente empregado de trabalho. O valor de troca é o quantum socialmente necessário para produção.

de destreza e intensidade do trabalho. (MARX, 2013, p. 117).

A *grandeza* do valor muda de acordo com mudanças significativas na força produtiva do trabalho; logo, a produção de uma mercadoria é determinada por várias circunstâncias: “destreza dos trabalhadores, o grau de desenvolvimento da ciência e de sua aplicação tecnológica, a organização social do processo de produção, o volume e a eficácia dos meios de produção e as condições naturais.” (MARX, 2013, p.118).

A grandeza de valor de uma mercadoria é medida pela quantidade de trabalho dispendida para sua produção, isto é, um produto terá o dobro de valor do outro se no primeiro houver o dobro de dispêndio de trabalho humano em relação ao segundo.

Sobre essa questão, Marx (2013, p.123) traz a seguinte reflexão:

Uma quantidade maior de trabalho constitui, por si mesma, uma maior riqueza material, dois casacos em vez de um. Com dois casacos podem-se vestir duas pessoas; com um casaco, somente uma etc. No entanto, ao aumento da massa da riqueza material pode corresponder uma queda simultânea de sua grandeza de valor. Esse movimento antitético resulta do duplo caráter do trabalho.

O valor diz respeito ao quantum de trabalho empregado que cumpre a finalidade de satisfazer necessidades humanas, esta articulação estabelece seu valor. Porém, na lógica do capital, ainda que seja sempre o valor de uso nas relações de produção e circulação, o que está em voga é o valor de troca. O valor de uso é substituído pelo valor de troca. Nessa direção, ao tratar a mercadoria espetáculo esportivo nos referimos ao seu valor de troca, ou seja, o trabalhador, ao produzir o espetáculo, não tem mais relação com o valor de uso da mercadoria, somente com seu valor de troca.

Ainda sobre o duplo caráter do trabalho, Marx (2013, p.124) esclarece:

Todo trabalho é, por um lado, dispêndio de força humana de trabalho em sentido fisiológico, e graças a essa sua propriedade de trabalho humano igual ou abstrato ele gera o valor das mercadorias. Por outro lado, todo trabalho é dispêndio de força

humana de trabalho numa forma específica, determinada à realização de um fim, e nessa qualidade de trabalho concreto e útil, ele produz valores de uso.

As mercadorias, como vimos, apresentam dupla forma. São objetos de satisfação humana e carregam em si valor. Sendo assim, “elas só aparecem como mercadorias ou só possuem a forma de mercadorias na medida em que possuem esta dupla forma: a forma natural e a forma de valor.” (MARX, 2013, p.124). As qualidades concretas das mercadorias são distintas entre si, isto é, não são mensuráveis. Em contrapartida, todas contêm uma substância que as “igualam” e permite que sejam trocadas, expressa por Marx (2013), como “substância do valor”.

Na sociedade moderna, a produção dos indivíduos se configura de forma isolada e de acordo com seus próprios interesses. O vínculo social só se estabelece, neste contexto, mediante a troca de mercadorias. O sujeito aliena-se na mediação do trabalho abstrato, que apaga as diferenças de todos os tipos de trabalhos. Dessa forma, os homens, no capital, trocam entre si unidades de trabalho abstrato objetivados em valor de troca, que podem ou não transformar-se novamente em valor de uso. Relativamente à troca de mercadorias, Marx (2013, p. 223) explicita que

A circulação de mercadorias é o ponto de partida do capital. Produção de mercadorias e circulação desenvolvida de mercadorias – o comércio – formam os pressupostos históricos a partir dos quais o capital emerge. O comércio e o mercado mundiais inauguram, no século XVI, a história moderna do capital.

Assim, o metabolismo social ocorre na medida em que o processo de troca de mercadorias, das mãos em que elas são não-valores de uso para as mãos em que elas são valores de uso, mediado pelo dinheiro<sup>37</sup>, se realiza na esfera da circulação. O processo de troca, portanto, ocorre em

---

<sup>37</sup> O dinheiro, de acordo com Marx (2013, p.169), é o equivalente universal das trocas de mercadorias. “As mercadorias não se tornam comensuráveis por meio do dinheiro. Ao contrário, é pelo fato de todas as mercadorias, como valores, serem trabalho objetivado e, assim, serem, por si mesmas, comensuráveis entre si, que elas podem medir conjuntamente seus valores na mesma mercadoria específica e, desse modo, convertê-la em sua medida conjunta de valor, isto é, em dinheiro”.

duas metamorfoses. A primeira refere-se à conversão da forma mercadoria para forma de dinheiro, isto é,  $M - D$ , sendo expressa por Marx (2013) como venda ou troca de mercadoria por dinheiro. A segunda diz respeito à metamorfose da compra, que consiste em  $D - M$ , que significa a reconversão de dinheiro em mercadoria.

Ao lado das duas metamorfoses do processo de troca, encontramos a possibilidade de processo distinto: a forma Dinheiro – Mercadoria – Dinheiro ( $D - M - D$ ), que consiste na conversão de dinheiro em mercadoria e reconversão de mercadoria em dinheiro, ou seja, comprar para vender. Nesta forma, o dinheiro transforma-se em capital. Vejamos. Inicia-se com uma quantia em dinheiro, compram-se e vendem-se mercadorias que são transformadas e lhes incutem maior valor pelo quantum de trabalho nelas fixado. Estas retornam, por fim, transformadas em dinheiro que é igual a mais dinheiro – valorização do valor ( $D-M-D'$ ). Nessas condições, o objetivo de valorizar valor só pode manifestar-se objetivamente – no movimento de incutir trabalho na mercadoria – na esfera da circulação<sup>38</sup> (TUMOLO, 2005).

A circulação simples de mercadorias – venda para a troca – serve de meio para uma finalidade que se encontra fora da circulação, a apropriação de valores de uso, a satisfação de necessidades. A circulação do dinheiro como capital é, pelo contrário, um fim em si mesmo, pois a valorização do valor existe apenas no interior desse movimento sempre renovado. O movimento do capital, por isso, desmedido (MARX, 2013, p. 228).

Na verdade, portanto, de acordo com Marx (2013, p. 231), “ $D-M-D'$  é a fórmula geral do capital tal como ele aparece imediatamente na esfera da circulação” que, em última análise, é o movimento constante de valorização do valor. Vejamos como o processo de valorização do valor ocorre com a mercadoria espetáculo esportivo.

O espetáculo esportivo como mercadoria também não escapa a essa regra, é preciso estar em circulação para valorizar capital. Nessas condições, a mercadoria espetáculo esportivo, sob a forma de exploração

---

<sup>38</sup> É importante frisar que Marx (2013, p. 240) demonstrou como a valorização do valor não pode se dar na esfera da circulação. “Portanto, Capital não pode ter origem na circulação, tampouco pode não ter origem na circulação. Ele tem de ter origem nela e, ao mesmo tempo, não ter origem nela”.



capitalista, até as últimas décadas realizava-se de maneira limitada, ou seja, o espetáculo esportivo carecia ser consumido pelos torcedores produtores de maneira imediata para ser comercializado. A limitação de contingente produzindo o espetáculo data de um período insignificante para a circulação planetária de capital.

Destarte, fica explícito o esporte como mercadoria imaterial, uma das formas de trabalho imaterial, que, entretanto, detém a criação de uma utilidade, de um valor de uso. Dito de outro modo, todo trabalho, independente do contexto social, produz utilidade. Nesse tocante, a utilidade da mercadoria espetáculo esportivo encontra-se em uma condição favorável no âmbito da própria circulação, isto é, sua produção cresce mediante a paixão do torcedor, seja qual for seu time ou modalidade esportiva.

A necessidade de expansão do capital, articulada à *ciência e à tecnologia*, garante o rendimento da cadeia produtiva (SILVA, 1991) em dois importantes fatores. O primeiro voltado ao crescimento da produtividade do conjunto de trabalhadores do esporte espetáculo visando o aumento de eficiência e rendimento e, conseqüentemente, o aumento da atratividade direcionada ao consumo da mercadoria. O segundo refere-se ao papel da ciência e da tecnologia organizadas ao desenvolvimento dos meios de comunicação, o que permite o consumo em escala global pela transmissão ao vivo. Considerando ambos os instrumentos, percebemos que sua função é potencializar a apropriação do esporte espetáculo pela lógica de consumo capitalista elevado em sua universalização, isto é, ampliar a circulação da mercadoria esporte espetáculo.

Sobre a ciência e a tecnologia dispostas a serviço do grande capital, Silva (1991, p. 48, grifo da autora) adverte que

A ciência, como uma importante força produtiva a serviço do capital, acaba por derrubar alguns desses impedimentos extra-econômicos aos quais Marx se referia. Possibilita a **materialização** do esporte espetáculo através da tecnologia do video-tape e das transmissões via satélite. Os meios de comunicação de massa, também resultado da ciência aplicada, possibilitam a mercadorização em larga escala do esporte espetáculo e vencem o impedimento posto pela própria natureza não material do movimento corporal humano. Com a concretização e difusão desses recursos, surge um dos setores mais produtivos deste final de século – a indústria cultural esportiva.

Embora o esporte exista “materialmente”, a tecnologia é mais uma via de expansão, desdobramento de outras atividades ou trabalhos que podem inserir valor na valorização. Nesse entendimento, Brohm (1982) destaca os Mass média – conjunto dos meios de comunicação de massa caracterizados por rádio, jornal, televisão, etc. – como ponto modal para impulsionar a circulação da mercadoria e valorizar valor, sendo que a indústria da comunicação agrega valor na ação de levar o esporte espetáculo ao mercado e incorporá-lo ao processo de produção.

É importante frisar que a mercadoria espetáculo esportivo é consumida cada vez no próprio ato de sua produção com as transmissões ao vivo via satélite, mas também com o avanço tecnológico dos videotapes é possível realizar o consumo posterior ao ato de produção. Nesse sentido, os meios de comunicação, em particular a televisão, são responsáveis pela universalização dos intercâmbios que favorecem o crescimento e a consolidação do espetáculo (PRONI, 2002). Significa que a realização do espetáculo esportivo, nos dias atuais, não ocorre somente pela massa que se encontra no tempo e local da apresentação, senão que todas as demais pessoas terão acesso a ela pelos meios de comunicação de massa. Isso é uma demonstração do que Marx (2013, p. 187) expressou sobre a circulação das mercadorias.

A circulação rompe as barreiras temporais, locais e individuais da troca de produtos precisamente porque provoca uma cisão na identidade imediata aqui existente entre o dar em troca o próprio produto do trabalho e o receber em troca o produto do trabalho alheio, transformando essa identidade na antítese entre compra e venda.

À vista disso, a tecnologia permite o consumo exacerbado ao romper duas relações, de tempo e de espaço. Quanto ao tempo, o consumo pode se realizar no momento da produção do espetáculo e nos momentos posteriores à produção. No que se refere ao rompimento do espaço, a mercadoria pode ser consumida em qualquer lugar do planeta, independente de onde está sendo produzida. Em relação à importância do papel dos meios de comunicação de massa, Silva (1991, p.77, grifo nosso) expressa que

desempenham um papel importante no processo de alterações por onde passam alguns esportes, na sua adequação à forma espetacularizada de mercadoria.

Paralelamente à *materialização do esporte*, na forma de fotografias, artigos especializados, gravações de áudios e, posteriormente, de vídeos esportivos, criava-se outra possibilidade: a reprodução de um único espetáculo esportivo para bilhões de pessoas simultaneamente, ou seja, a ampliação quase ilimitada deste mercado específico.

Percebemos que o alcance de televisionamento em escala global – que é o consumo imediato em escala global – possibilita milhares de telespectadores no mundo inteiro estarem consumindo a mercadoria que se realiza no próprio ato imediato como também nos momentos posteriores. Sendo assim, o refinamento da mercadoria espetáculo esportivo, conforme aponta Pires (2006), ocorre mediante o show de *imagens* focalizadas em tempo e espaço estratégicos para oferecer ao telespectador – produtor e consumidor – a sensação de ver os lances brilhantes de diversos ângulos. Ademais, essas imagens ganham contornos específicos com a questão da possibilidade do replay e videotape, que permitem que sejam revistas nos momentos posteriores ao espetáculo garantindo, com esse recurso, a audiência das emissoras e dos programas esportivos por meio das notícias esportivas nos dias seguintes à realização do espetáculo esportivo, o que favorece o interesse comercial.

Brohm (1982) aponta as toneladas de espetáculos esportivos ofertados aos espectadores e telespectadores.

O processo de produção é linearmente acumulativo. Não conhece as crises (desemprego, subemprego) peculiares ao modo de produção capitalista, nem as regressões. Sua produção aumenta constantemente em volume, quantidade e qualidade (número de campeões produzidos e elevação de seu nível médio). A sua produtividade é geralmente crescente. Este processo de produção funciona, portanto, de um *espírito produtivista otimista* (LUCOT in BROHM, 1982, p. 67, grifo nosso).

No processo de produção esportivo, um traço importante é a renovação desenfreada dos produtos comercializados que, subordinados ao capital, são desprezados e depreciados pela maciça rede de resultados esperados. Em suma, o esporte competitivo é um fenômeno efêmero; o

campeão é um ser surreal, revelado ontem, lançado hoje, terminado amanhã. Portanto, o vencedor é o motor atrativo – que se modifica constantemente – do espetáculo proporcionado por sua habilidade, capacidades e carisma que necessitam se renovar o tempo todo e todo o tempo, isto é, precisa aperfeiçoar seus resultados para continuar sendo lembrado em escala mundial.

A relação entre a indústria de comunicação e o espetáculo esportivo direciona o processo de banalização da cultura e sua propagação mediante a mercadorização. Sendo assim, a produção da cultura esporte integra-se ao bojo de relações capitalistas assumindo a forma valor, em que pese sua produção focalize sua circulação, isto é, o consumo das massas. Vale dizer, portanto, que os meios de comunicação exercem a difusão da indústria do espetáculo esportivo, que tem o mais valor como finalidade.<sup>39</sup>

No processo de mercadorização do espetáculo esportivo, é preciso considerar que o acesso universal assume caráter atrativo para a publicidade, sendo este,—fundamental para a veiculação de outras mercadorias. Nessas condições, o esporte corrobora para expansão do capital em larga escala, até mesmo em outras esferas da indústria não diretamente relacionadas a ele.

A propaganda do esporte espetáculo desperta interesse nas pessoas pela valorização dos mais variados produtos sob forma de placas, anúncios televisivos e em jornais, relacionados à figura do campeão que desperta desejo de consumo das marcas específicas das mercadorias de todos os tipos, entre elas, bolas, chuteiras, quimonos, suplementos, camisetas, skates, raquetes etc. Até mesmo a veiculação de produtos relacionados ao prazer, saúde e beleza que não estão diretamente envolvidos no esporte, como por exemplo bebidas alcoólicas, refrigerantes, cigarros, shampoos, planos de saúde, bandeiras de cartão de crédito, companhias de linhas aéreas, e mais uma imensidão de mercadorias estão à espera dos consumidores. Essa relação é justamente ao contrário do que o esporte, numa associação imediata, representa ao oferecer qualidade de vida e saúde. Os patrocinadores não estão envolvidos no esporte, mas ao mesmo tempo estão diretamente envolvidos no incentivo monetário.

---

<sup>39</sup> A relação entre a indústria de comunicação e a indústria do espetáculo esportivo precisa ser melhor explicitada e merece estudos mais aprofundados.

Brohm (1982, p. 180, grifo do autor) adverte que os resultados dos espetáculos esportivos articulados aos ícones de representação de massa, englobaram todos os setores industriais relacionados à vida social.

A essência do mecanismo da publicidade no esporte e pelo esporte é *estabelecer uma cadeia de associações significativas entre campeões e mercadorias*, expor o campeão como uma mercadoria entre outras mercadorias, reduzindo o atleta a um apoio de mercadorias que, assim, serão melhor vendidas. O próprio atleta então se torna uma espécie de propaganda que consegue vender melhor, facilitando a venda de qualquer objeto possível.<sup>40</sup>

Assim, o espetáculo esportivo se converteu em um poderoso veículo que aguçava profundamente a compra e o consumo. As mercadorias e os próprios atletas, nas relações mercantis, também se transformam em mercadorias *vivas*, objetos de transações comerciais, isto é, adquirem caráter de fetiche da mercadoria. Vejamos.

#### 4.3 A FETICHIZAÇÃO DO ESPETÁCULO ESPORTIVO

O espetáculo esportivo possibilita a construção das necessidades e do consumo das mercadorias, criada mediante articulação dos meios de telecomunicação, a propaganda e a publicidade entre o público acrítico e passivo. Esse aspecto midiático do espetáculo é considerado, por Debord (1997, p. 20), “a sua manifestação mais superficial mais esmagadora”. Nessas condições, o mecanismo de funcionamento dos meios de comunicação de massa expressa o próprio conjunto da sociedade, isto é, a mera contemplação passiva de variadas imagens, determinadas por outros, substitui o vivido e determina o ser. Completamos esse posicionamento com a afirmação de Debord (1997, p. 19):

---

<sup>40</sup> Lo esencial del mecanismo de la publicidad en el deporte y por el deporte consiste en *establecer una cadena de asociaciones significativas entre los campeones y las mercancías*, en exponer al campeón como una mercancía entre otras mercancías, en reducir en definitiva al deportista a un soporte de mercancías que, así, serán mejor vendidas. El propio deportista se convierte entonces en una especie de cosa publicitaria que consigue venderse mejor, facilitando la venta de todo objeto posible. (Tradução livre do autor)

À medida que a necessidade se encontra socialmente sonhada, o sonho se torna necessário. O espetáculo é o sonho mau da sociedade moderna aprisionada, que só expressa afinal o seu desejo de dormir. O espetáculo é o guarda desse sono.

Nesse entendimento, o desenvolvimento da lógica mercantil em alto grau é a caracterização do espetáculo esportivo que estimula sonhos pelo consumo em abundância de mercadorias suprassensíveis e melindres teleológicos (DEBORD, 1997; MARX, 2013). Debord (1997, p. 13). A respeito desse movimento das mercadorias se converterem em imagens independentes em relação aos homens, afirma que “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação”.

Assim, afirmamos que o espetáculo esportivo no modo de produção atual é a confirmação da aparência da vida humana que, como simples aparência, converte o mundo real em imagens e as imagens se transformam em seres reais. Por conseguinte, a função dos espetáculos esportivos no mundo mercantil, subordinados à lógica do capital, é desenvolver, restabelecer a unidade como pseudomundo através da mediação de imagens, isto é, recompor a vida cotidiana que se perdeu sobre relações fetichizadas (DEBORD, 1997).

O espetáculo, de acordo com Debord, é a realidade social captada pelo poder espetacular a serviço dos seus próprios fins, e neste processo efetivamente ocorre a inversão, isto é, a imagem se torna real e o real converte-se em imagem falsificada. Dessa forma, o espetáculo se torna instrumento de dominação social. O espetáculo não reflete, nas palavras de Jappe (2008, p. 18-19), “... a sociedade no seu conjunto, mas estrutura as imagens segundo os interesses de uma parte da sociedade, produzindo as suas consequências sobre a atividade real dos quais contemplam as imagens”.

Nesse contexto, o espetáculo esportivo é um instrumento de unificação que produz a visão de mundo e dita o modo de funcionamento social dos sujeitos descartáveis no processo crescente de automatização das forças produtivas. O espetáculo esportivo atua como meio de dominação social, como forma de afirmação das alternativas de consumo aparente do modo capitalista de produzir a vida, isto é, atua a favor e como consequência deste.

Levando em consideração que a influência exercida pelo espetáculo esportivo condiciona a reintegração do espectador fragmentado e, portanto, passivo no consumo, percebemos que o fluxo de imagens arrasta os indivíduos a agir de acordo com o interesse de outros no mundo (LUKÁCS, 2013). Referindo-se a este movimento de alienação do espectador em relação ao objeto, Debord (1997, p. 24) adverte que

A alienação do espectador em favor do objeto contemplado (o que resulta da sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo. Em relação ao homem que age, a exterioridade do espetáculo aparece no fato de seus próprios gestos já não serem seus, mas de um outro que os representa por ele. É por isso que o espectador não se sente em casa em lugar algum, pois o espetáculo está em toda parte.

A não compreensão do atleta trabalhador como produtor do espetáculo esportivo não é nada mais do que a própria forma fetichizada em que as pessoas se encontram ao alimentar o crescimento do consumo exacerbado daquilo que se produz. Nessas circunstâncias o espectador passivo não questiona, nem mesmo duvida das imagens que recebe. A consciência humana e a capacidade de pensar permanecem subordinadas ao conjunto de influências do espetáculo que manipulam os cérebros junto às imagens positivas veiculadas pelos meios de comunicação de massa. Pontuamos que este é um dos fatores que desvinculam os sujeitos de sua própria história e interfere diretamente no modo de pensar e agir.

As distorções produzidas pelo espetáculo têm sua estrutura fundada na aparência que desperta o desejo do consumo, e assim é capaz de contemplar a vida não vivida. Segundo Debord (1997, p.16-17, grifo nosso), “O espetáculo se apresenta como uma enorme positividade, indiscutível e inacessível. Não diz nada além de *‘o que aparece é bom, o que é bom aparece’*”.

No movimento de degradação da vida social em que a propriedade privada está acima da própria existência humana, o reconhecimento dos sujeitos transcorre por meio da mercadoria que possuem, o *parecer* é reverenciado no processo pelo qual a vida autêntica se transformou em ilusão. Acerca do processo de dominação da economia sobre a vida social, Debord (1997, p. 18, grifo do autor) explicita que

A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social acarretou, no modo de definir toda a realização humana, uma evidente degradação do *ser* para o *ter*. A fase atual, em que a vida social está totalmente tomada pelos resultados acumulados da economia, leva a um deslizamento generalizado do *ter* para o *parecer*, do qual o “ter” efetivo deve extrair o seu prestígio imediato e sua função última. Ao mesmo tempo, toda a realidade individual tornou-se social, diretamente dependente da força social moldada por ela. Só lhe é permitido aparecer naquilo que ela *não é*.

O espetáculo esportivo, nesse formato, faz as coisas parecerem diferentes do que são realmente. A redução da imagem e a degradação do ser em ter, do ter para o parecer é o momento visível da tendência social para abstração que constitui o espetáculo na sua forma concreta. Esse é o princípio semelhante ao que Marx (2013) expressa de que a aparência da mercadoria é mais significativa que o próprio valor de uso. Dessa forma, a aparência da mercadoria espetáculo esportivo atrai a contemplação dos consumidores com fácil aceitação e constitui o espetáculo como forma mercadoria que controla tudo que é vivido. Debord (1997, p.27, grifo do autor), sobre a relação do movimento essencial do espetáculo, argumenta que

Por esse movimento essencial do espetáculo, que consiste em retomar nele tudo o que existia na atividade humana *em estado fluido*, para possuí-lo em estado coagulado, como coisas que se tornaram o valor exclusivo em virtude da *formulação pelo avesso* do valor vivido, é que reconhecemos nossa velha inimiga, a qual sabe tão bem, à primeira vista, mostrar-se como algo trivial e fácil de compreender, mesmo sendo tão complexa e cheia de sutilezas metafísicas, a mercadoria.

O fetichismo da mercadoria, podemos dizer, é uma categoria central para compreender a totalidade social e o espetáculo esportivo enquanto mercadoria.

Na sociedade vigente o produto do trabalho se obtém mediante a troca de produtos como forma mercadoria. Esse tipo de organização social, como explica Marx (2013), trava relações sociais indiretas entre



os indivíduos, isto é, os homens são produtores independentes e separados entre si, sua relação é estritamente por intermédio dos produtos de seu trabalho. Nas palavras de Marx (2013, p. 148),

A forma-mercadoria e a relação de valor dos produtos do trabalho em que ela se representa não tem, ao contrário, absolutamente nada a ver com sua natureza física e com as relações materiais [dinglinchen] que dela resultam. É apenas uma relação social determinada entre os próprios homens que aqui assume, para eles, a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas. Desse modo, para encontrarmos uma analogia, temos de nos refugiar na região nebulosa do mundo religioso<sup>41</sup>. Aqui, os produtos do cérebro humano parecem dotados de vida própria, como figuras independentes que travam relação umas com as outras e com os homens. Assim se apresentam, no mundo das mercadorias, os produtos da mão humana. A isso eu chamo de fetichismo, que se cola aos produtos do trabalho tão logo eles são produzidos como mercadorias e que, por isso, é indispensável da produção de mercadorias.

O espetáculo esportivo como forma mercadoria é a projeção do poder humano sobre aqueles que o produziram subtraídos pelo poder de não reconhecer a criatura gerada por si mesmo. Nesse aspecto, a aparência fantasmagórica do espetáculo esportivo carrega potencial de exercer o consumo sem mediação criado pelo fetiche do sentimento de emoção e

---

<sup>41</sup> Percebemos o espetáculo como herdeiro da religião. Não é casual que Debord (1997) inicia o primeiro capítulo de seu livro *A sociedade do espetáculo* com a epígrafe de *A essência do cristianismo*, “E sem dúvida o nosso tempo... prefere a imagem à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser... Ele considera que a *ilusão* é sagrada, e a *verdade* é profana. E mais: a seus olhos o sagrado aumenta à medida que a verdade decresce e a ilusão cresce, a tal ponto que, para ele, *o cúmulo da ilusão* fica o *cúmulo do sagrado*”. Da mesma forma, Jappe (2008, p. 19) assevera que “A velha religião havia projectado o poder do homem no céu, onde assume a aparência de um deus que se opõe ao homem como entidade estranha; o espetáculo realiza a mesma operação na terra.”. Portanto, quanto mais o homem exalta o deus que o criou, mais sente sua própria impotência. No espetáculo, assim como na religião, cada momento vivido, cada imagem, só tem sentido fora de si mesmo.

vibração pelo prazer ofertado pela mercadoria, isto é, a tirania moderna do conjunto de imagem espetacular exerce a hipnose que não expressa a abstração que opera a forma mercadoria<sup>42</sup> (BEDESCHI, 1972; JAPPE, 2014).

Debord (1997, p. 28) expressa a dominação da sociedade pelas mercadorias do seguinte modo:

O princípio do fetichismo da mercadoria, a dominação da sociedade por coisas supra-sensíveis embora sensíveis, se realiza completamente no espetáculo, no qual o mundo sensível é substituído por uma seleção de imagens que existe acima dele, e que ao mesmo tempo se faz reconhecer como o sensível por excelência.

A forma social de produção do fetichismo é a inversão dos seres humanos em mercadoria mediante o relacionamento social da troca, ou seja, na equivalência do mercado os produtos estabelecem diálogo em si e coisificam o ser humano como condição passiva. Sendo assim, para se relacionar através da troca é necessário que ocorra uma abstração para diferenciar as mercadorias e, por isso, é preciso estabelecer um critério que as iguale, tornando possível determinar seu valor em relação à outra, de acordo com a quantidade de trabalho necessário para sua produção.

O caráter imediato da mercadoria, então, se apresenta como uma coisa óbvia. Marx (2013, p. 146) adverte que “O caráter místico da mercadoria não resulta, portanto, de seu valor de uso. Tampouco resulta do conteúdo das determinações do valor”. Seu caráter enigmático consiste

simplesmente no fato que ela reflete aos homens os caracteres sociais de seu próprio trabalho como caracteres objetivos dos próprios produtos do trabalho, como propriedades sociais que são naturais a essas coisas e, por isso, reflete também a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social entre os objetos, existente à margem dos produtores. É por meio desse

---

<sup>42</sup> Uma das formas de compreender as ações irracionais dos sujeitos ao se manifestarem com atos de extrema violência entre os torcedores é através da *emoção e vibração pelo prazer ofertado pela mercadoria* isto é, o fetiche da mercadoria que expressa a negação do ser social e orienta o agir pela irracionalidade, reação emotiva.

quiproquó que os produtos do trabalho se tornam mercadorias, coisas sensíveis-suprassensíveis ou sociais (MARX, 2013, p.147).

A mercadoria é misteriosa por encobrir as propriedades do trabalho humano ao abstrair o próprio valor de uso (BEDESCHI, 1972). A produção não aparece numa relação social, pelo contrário, apresenta-se como ato privado de produtores isolados que ganha caráter social por meio da fastidiosa disputa de relação de troca. Portanto, “as relações sociais entre seus trabalhos privados aparecem como aquilo que elas são, isto é, não como relações diretamente sociais entre pessoas em seus próprios trabalhos, mas como relações reificadas entre pessoas e relações sociais entre coisas” (MARX, 2013 p. 148). Esse vínculo social apenas é estabelecido mediante a troca de mercadorias na medida em que o trabalho abstrato apaga as diferenças do trabalho concreto. Dessa forma, os homens trocam entre si unidades de trabalho abstrato objetivados no valor de troca e que podem ou não se transformar novamente em valor de uso. O fato de o valor estrar representado sob a forma valor de uso cria a ilusão de que são as qualidades do produto que determinam o próprio destino.

Acerca da questão de que o produto do trabalho só tem forma social enquanto tem forma valor, ou seja, forma de troca por outros produtos do trabalho, Bedeschi (1972, p. 172-173) esclarece três momentos inseparáveis do processo social que formam um todo único:

a) a igualdade dos trabalhos humanos assume a forma real de uma materialização igual de valor dos produtos do trabalho; b) a magnitude da implantação da força humana de trabalho, medida pelo tempo de duração, reveste a forma magnitude de valor dos produtos do trabalho; c) e finalmente as relações entre produtores assumem a forma de uma relação social dos produtos do trabalho.

Essa camuflagem que opera no valor de troca sobre o valor de uso anula a complexidade do processo de produção e, por isso, torna mais misteriosa a forma equivalente geral, dinheiro. Os sujeitos se relacionam com as mercadorias através do montante de dinheiro que possuem, potencializando, dessa maneira, o fetiche da mercadoria. Para Marx (2013, p. 161) o dinheiro “é um produto necessário do processo de troca, no qual diferentes produtos do trabalho são efetivamente equiparados

entre si e, desse modo, transformados em mercadorias” e, por isso, contribui para processo de oposição entre valor de uso e valor fixado na natureza das mercadorias.

A respeito do espetáculo e do dinheiro como forma de dominação social, Debord (1997, p. 34, grifo do autor) escreve:

O espetáculo é a outra face do dinheiro: o equivalente geral abstrato de todas as mercadorias. O dinheiro dominou a sociedade como representação da equivalência geral, isto é, do caráter intercambiável dos bens múltiplos, cujo uso permanecia incomparável. O espetáculo é o seu complemento moderno desenvolvido, no qual a totalidade do mundo mercantil aparece em bloco, como uma equivalência geral àquilo que o conjunto da sociedade pode ser e fazer. O espetáculo é o dinheiro que *apenas se olha*, porque nele a totalidade do uso se troca contra a totalidade da representação abstrata. O espetáculo não é apenas o servidor do *pseudouso*, mas já é em si mesmo o pseudouso da vida.

Sustentando-nos na categoria fetiche da mercadoria, percebemos que o espetáculo esportivo potencializa esse processo ao recompor as imagens dotadas do falso real que mistifica as relações entre os homens. O mundo do espetáculo consiste em apresentar aos indivíduos o mundo da mercadoria que, por sua vez, afasta os seres humanos das relações verossímeis, convertendo em vínculos de acordo com a circulação das mercadorias. Nesse sentido, o fetichismo das relações sociais materializa os indivíduos em servos da coisa. A produção humana ganha inversão fantástica ao se transformar em mero instrumento para a expansão do capital. Sobre a servidão do homem à mercadoria, Marx (2013, p. 157 – 158) ironicamente comenta:

Se as mercadorias pudessem falar, diriam: é possível que nosso valor de uso tenha algum interesse para os homens. A nós, como coisas, ele não diz respeito. O que nos diz respeito materialmente [dinglich] é nosso valor. Nossa própria circulação como coisas-mercadorias [Warendinge] é prova disso.

O domínio da mercadoria sobre seus guardiões impõe estabelecer relações com os outros cuja vontade reside na mercadoria, isto é, o valor torna-se algo sacramental intrínseco à coisa, como zomba Marx (2013, p. 158).

Relacionamo-nos umas com as outras apenas como valores de troca. Escutemos, então, como o economista fala expressando a lama das mercadorias: ‘valor’ (valor de troca) ‘é qualidade das coisas, riqueza’ (valor de uso) [é qualidade] ‘do homem. Valor, nesse sentido, implica necessariamente troca, riqueza não’. ‘Riqueza’ (valor de uso) ‘é um atributo do homem, valor um atributo das mercadorias. Um homem, ou uma comunidade, é rico; uma pérola, ou um diamante, é valiosa (...). Uma pérola ou diamante tem valor como pérola ou diamante’. Até hoje nenhum químico descobriu o valor de troca na pérola ou no diamante. Mas os descobridores econômicos dessa substância química, que se jactam de grande profundidade crítica, creem que o valor de uso das coisas existe independentemente de suas propriedades materiais [sachlichen], ao contrário de seu valor, que lhes seria inerente como coisas. Para eles, a confirmação disso está na insólita circunstância de que o valor de uso das coisas se realiza para os homens sem a troca, ou seja, na relação imediata entre a coisa e o homem, ao passo que seu valor, ao contrário, só se realiza na troca, isto é, num processo social.

O caráter que reina sobre o valor de uso dos objetos é destituído a favor do valor de troca; portanto, as mercadorias perdem a forma coisale adquirem uma nova objetividade. Isso também ocorre com os sujeitos que recebem uma nova objetividade, a reificação. Ao assumir seu valor de uso, vendem como valor de troca em forma mercadoria – força de trabalho (LUKÁCS, 2003).

O processo dominante de mercadoria sobre a vida social, segundo Debord (1997, p. 33), não se efetiva pela necessidade atribuída ao valor de uso, e sim pela aparência e ilusão que a mercadoria impõe.

Essa constante da encomia capitalista que é a baixa tendencial do valor de uso desenvolve uma nova

forma de provação dentro da sobrevivência ampliada. (...) o uso sob sua forma mais pobre (comer, morar) já não existe a não ser aprisionado na riqueza ilusória da sobrevivência ampliada, que é a base real da aceitação da ilusão geral no consumo das mercadorias modernas. O consumidor real torna-se consumidor de ilusões. A mercadoria é essa ilusão efetivamente real, e o espetáculo é a sua manifestação geral (DEBORD, 1997, p. 33).

O que realmente importa no modo de produção capitalista é o valor de troca, razão pela qual o espetáculo esportivo modifica sua estrutura para atender aos ditames do grande capital. Sendo assim, o espetáculo esportivo, como forma mercadoria, produzido vinculado ao valor de troca, ganha relativa autonomia frente aos produtores, ocultando que se reconheçam como partícipes da atividade e do produto que produziram. Sobre a legitimidade da mercadoria frente os homens, Infranca (2014, p. 234) expõe:

A mercadoria possui uma sua própria legalidade, que é independente da atividade dos homens e que, aliás, determina sua atividade. (...) Esta legalidade é fundada sobre o valor de troca, o único princípio que junta e põe em confronto diferentes produtos do trabalho humano. O valor de troca é destinado a tornar-se essência do trabalho humano abstrato e, ao mesmo tempo, o princípio real do efetivo processo de produção das mercadorias.

O valor de troca contido na mercadoria põe em inversão o abstrato e o concreto e, logo, o valor de uso se transforma na *forma fenomênica* de seu contrário, do valor. Marx (2013, p. 135) assinala que tal inversão também é verdadeira para o trabalho, “a segunda propriedade da forma de equivalente que o trabalho concreto torne-se forma de manifestação de seu contrário, o trabalho humano abstrato”. Sendo assim, o elemento principal, o concreto, torna-se o que deveria ser derivado do principal, o abstrato. Esta inversão, na sociedade capitalista, conduz à personificação do produto do trabalho e à objetificação de quem o produziu. Em relação ao processo de personificação do espetáculo esportivo, Silva (1991, p. 69-70, grifo da autora), afirma que

O esporte passa a se apresentar como tendo características suas, com objetivos em si mesmo e como se tivesse vida própria. O esporte espetáculo produzido para a troca adquire autonomia e é **fetichizado**. Em vez de ser resultado da produção humana, reconhecido como tal, passa a ditar as formas de comportamento em seu interior, tanto para aqueles que o produzem, como para aqueles que o consomem. O homem perde a autonomia perante a autonomia do objeto.

Os produtores realizam sua atividade de forma naturalizada, sem perceber que o produto da atividade é fruto próprio, e o objeto ganha vida frente às relações sociais inconscientes. Nessas condições, Lukács (2003, p. 203-204), adverte:

O homem não aparece, nem objetivamente, nem em seu comportamento em relação ao processo de trabalho, como verdadeiro portador desse processo; em vez disso, ele é incorporado como parte mecanizada num sistema mecânico que já encontra pronto e funcionando de modo totalmente independente dele, e a cujas leis ele deve se submeter.

Assim considerando, primeiro a atividade do esportista está direcionada ao salário e, por isso, produz da melhor maneira o que é consumido pelo mercado. Consequentemente, a privação da atividade enquanto autorrealização do próprio produto que está vinculado à esfera produtiva coisifica o indivíduo. O principal é a garantia da qualidade da mercadoria produzida com vistas ao valor de troca que reforça o movimento do fetiche. Em segundo lugar, os espectadores envolvidos no mesmo movimento consomem o espetáculo esportivo condicionado pelo mercado mediante as mercadorias oferecidas que confundem o próprio desejo. Além disso, o espectador passivo e acrítico consome a mercadoria espetáculo esportivo sem compreensão da totalidade que o cerca, pois a relação fetichizada carrega uma desconexão com o mundo real.

Em suma, o fetiche é, pois, o resultado da vida estranhada como organização social que se intensifica com o desenvolvimento da produção mercantil. A complexificação do metabolismo capitalista dificulta enxergar para além do horizonte, que está camuflado pela reificação da consciência. O processo de produção alicerçado no trabalho estranhado

é o princípio da racionalização da produtividade e a repercussão devastadora sobre a consciência e o modo de agir dos sujeitos. É importante frisar que o que a reificação/coisificação da consciência não opera simplesmente no trabalhador como envolve, de certo modo, todos os representantes da classe burguesa. A padronização das formas de movimento do pensamento submetidos aos limites imperativos da vida mercantil representa pura realidade sem intervenção dos sujeitos, isto é, a produção mecânica de mercadorias determina a passividade dos indivíduos e o curso dos acontecimentos que determinam a sociedade (LUKÁCS, 2003).

O processo de reificação em que os indivíduos são transformados à mera coisa e colocados em movimento como mercadorias com propriedades independentes que impõem o domínio do homem, segundo Lukács (2003), somente pode ser superado com a consciência de que a força de trabalho do trabalhador é uma mercadoria, o mesmo pode desvendar o caráter de fetiche nas relações do capital.

Sobre a elevação da consciência, no que se refere às relações cotidianas envolvidas pelo fetichismo e pela reificação, Marx (2013, p. 154) enfatiza:

O reflexo religioso do mundo real só pode desaparecer quando as relações cotidianas da vida prática se apresentam diariamente para os próprios homens como relações transparentes e racionais que eles estabelecem entre si e com a natureza. A figura do processo social de vida, isto é, do processo material de produção, só se livra de seu místico véu de névoa quando, como produto de homens livremente socializados, encontra-se sob seu controle consciente e planejado. Para isso, requer-se uma base material da sociedade ou uma série de condições materiais de existência que, por sua vez, são elas próprias o produto natural-espontâneo de uma longa e excruciante história de desenvolvimento.

Encontramos em Lukács (2003, p. 219) outra passagem indicando a superação da realidade reificada.

A reificação é, pois, a realidade imediata necessária para todo e qualquer homem que viva na sociedade capitalista e só pode ser superada por um esforço



constante e constantemente renovado para provocar a ruptura prática da estrutura reificada da consciência, por uma relação concreta com as contradições que se manifestam concretamente na evolução do conjunto, por uma tomada de consciência do sentido imanente de tais contradições para essa mesma evolução do conjunto.

Assim, somente a consciência de classe do proletariado é capaz de transformar a realidade, com a ruptura da essência forma mercadoria que se encontra na sociedade vigente. A superação da estrutura reificada é possível mediante o método dialético, que rasga o véu da ilusão, abrindo vias para o conhecimento real da realidade. O conhecimento da realidade é a percepção dos sujeitos que compõem a sociedade como produto de relações criadas por homens que os dominam e oprimem.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com intenção de compreendermos a possível relação entre esporte como espetáculo e o processo de fetiche, tornou-se necessário analisar alguns aspectos da dinâmica do sistema capitalista em que o esporte se encontra inserido. Para isso, realizamos algumas apreciações com autores que analisam as categorias alienação, estranhamento, ideologia, mercadoria e fetiche, a fim de entender como o espetáculo esportivo se constitui e está submetido à forma mercadoria. Nesse sentido, desenvolvemos uma pesquisa que, no seu processo, permitiu-nos as conclusões que relacionamos a seguir.

Compreendemos que o esporte espetacularizado conduz à degradação da vida cotidiana pelo empobrecimento, pela fragmentação e pela separação dos indivíduos ao falsificar a realidade por meio do acesso imediato a imagens personificadas. Nessas circunstâncias, o espetáculo esportivo apresenta insuficiente possibilidade de contribuir para a formação omnilateral dos sujeitos.

Verificamos que os autores compreendem o esporte como um grande negócio de investimento submetido aos ditames capitalistas. Nas obras estudadas, a característica que mais se apresenta é a sua mercadorização, transformação em espetáculo, isto é, objeto de consumo. Nessas condições, a mercadoria peculiar se manifesta em forma de alegria que fascina e seduz as multidões de torcedores com finalidades determinadas pelo modelo de sociedade em que nos encontramos. O espetáculo esportivo, no formato de produção e consumo atual, não contribui para uma sociedade equânime, visto que suas finalidades são a obtenção de lucro mediante a esfera econômica, a intensificação do trabalho estranhado, os desvios ideológicos, a compensação psíquica dos trabalhadores que garantem a conservação da sociedade.

Partimos da compreensão que o trabalho é um processo entre homem e natureza que cria valores de uso, os quais constituem a riqueza social. Sendo assim, o trabalho realiza uma dupla transformação: por um lado, do próprio ser que trabalha, e, por outro, da natureza transformada em valores de uso e em meios de trabalho. O homem, de forma consciente, atua sobre as coisas de acordo com seu propósito. Essa transformação ocorre por intermédio da objetivação de um processo teleológico para suprir necessidades. Nesse particular, diferenciamos o ser social do ser natural na relação entre dois componentes centrais: causalidade e teleologia.

Nessa dinâmica, também compreendemos que, para o processo de produção do espetáculo esportivo, são necessárias duas esferas: trabalho vivo, que corresponde à força de trabalho, e trabalho morto, que são trabalhos acumulados nos meios de produção. Percebemos a presença das características do trabalho empregado para a produção do espetáculo esportivo; este *trabalho morto* é caracterizado pela existência de instalações físicas na forma de estádios, piscinas, laboratórios, etc., e em equipamentos esportivos como bolas, arcos, bicicletas, luvas de boxe, entre outros objetos que carregam em si um quantum de trabalho corporificado.

Por outro lado, para o funcionamento da venda de eventos esportivos, é imprescindível a aquisição de um conjunto de força de trabalho a fim de suscitar valor à mercadoria espetáculo esportivo. Atualmente encontramos os mais variados profissionais que fazem do espetáculo esportivo sua fonte de trabalho, entre os quais estão os técnicos esportivos, os fisioterapeutas, o preparador físico, os atletas, os faxineiros, os comentaristas, o empresário, que são caracterizados como *trabalho vivo*.

Ao discorrermos sobre a força de trabalho do atleta, percebemos o conflito histórico entre os donos dos meios de produção e os donos da força de trabalho. Diante disso, o atleta vende ao empresário sua força de trabalho que, portanto, o torna um trabalhador assalariado. Para se manter empregado, o atleta necessariamente precisa atingir sua capacidade de trabalho, mantendo seu valor de mercadoria. Ou seja, o que interessa em primeira instância não é a força de trabalho do atleta, mas a qualidade da mercadoria e seu consequente valor de troca. Muitas empresas, para manter a qualidade da mercadoria produzida, exigem que os atletas permaneçam em regime de concentração, o que os coloca em uma condição de subordinação segundo a qual não comandam sua vida e, ao contrário, são comandados pela condição mercadoria.

Isso significa que o atleta é controlado pelo capitalista, sua força de trabalho não lhe pertence mais e, em segundo lugar, o produto do trabalho é de propriedade do capitalista. Essas questões tornam o esportista submisso ao processo de trabalho no processo de comportamento social.

Com isso, evidencia-se que a mercadoria espetáculo esportivo, no seio das relações de produção capitalista, que articula trabalho vivo e trabalho morto cuja finalidade está na produção de uma determinada mercadoria, constitui-se como uma ação no contexto da atividade de trabalho. O esporte, subsumido à lógica do valor, conduz os produtores do espetáculo esportivo ao movimento de estranhamento e fetiche.

Esse processo objetivado na mercadoria espetáculo esportivo corresponde, por um lado, ao ato de alienação dos sujeitos sob a objetivação do objeto. Em outras palavras, é o externar, pôr para fora, que constitui o desenvolvimento do processo de humanização pela criação de riqueza por meio da relação conhecimentos, hábitos e habilidades para efetuar a transformação dirigida da natureza e enquanto possibilidade positiva de desenvolvimento histórico.

Com a sociedade de classes, por outro lado e concomitantemente, o trabalhador é separado dos meios de produção e não tem possibilidade de se apropriar dos produtos de sua própria atividade e se reconhecer como produtor da vida. Nesse caso, percebemos a alienação em sua forma negativa, pois nessa sociabilidade o produto torna-se estranhado. Nessa unidade ontológica entre alienação e estranhamento a alienação tem prioridade ontológica, isto é, sem alienação não há estranhamentos.

Outra evidência constatada, conforme exposto por Marx (2010), foi o estranhamento enquanto negação da essência humana abordado sob quatro pontos de vista. Primeiro, como forma de estranhamento do produto do próprio trabalho, da coisa. Segundo, em relação à própria atividade produtiva estranhada, apenas como meio de sobrevivência. O terceiro enfoque trata do estranhamento de si mesmo, de sua própria essência humana, que se vincula à quarta expressão, o estranhamento do gênero humano, do seu ser genérico. Nesse ponto, vinculamos o estranhamento dos produtores aos espectadores do espetáculo esportivo, que perdem a liberdade ao não compreender o movimento que os domina e controla. Os atletas, submetidos aos ditames dos capitalistas, são trabalhadores assalariados que vendem sua força de trabalho, a qual não lhes pertence mais. Logo, empregam força de trabalho para produzir um produto que não é um valor de uso imediato, é um valor de troca e, por isso, uma mercadoria. Nessas condições, os sujeitos não se compreendem como produtores desta mercadoria porque não têm acesso a ela, são controlados e não atuam conforme sua vontade. Eles estranham a própria atividade, suas ações articulam-se ao sistema de relações estranhadas.

Já o espectador, nessa condição, não vende sua força de trabalho, porém participa do processo de produção, uma vez que a produção espetáculo esportivo pressupõe a imediata articulação com seu consumidor que é o espectador, ou seja, sem espectador não há espetáculo. Isso explica a peculiaridade da mercadoria espetáculo esportivo. Uma camisa pode ser produzida e seu consumidor não estar diretamente relacionado com a sua produção, mesmo que posteriormente ela venha a ser consumida. Dessa forma, a mercadoria espetáculo

esportivo se difere das outras mercadorias como, por exemplo, camisetas, livros, carros. Ela é uma mercadoria peculiar, um espetáculo, razão pela qual o seu consumidor é participe do seu processo de produção. Este processo acentua o caráter de estranhamento e fetiche por parte dos espectadores por não se compreendem como parte do processo de produção do espetáculo esportivo, isto é, estranham o produto, a sua atividade, a si mesmo, e ao gênero humano.

A relação de estranhamento entre gênero e indivíduo, divididos por classe social e interesses antagônicos, fortalece o individualismo e o próprio estranhamento. Isso leva os interesses distintos dos grupos sociais a estabelecerem conflitos que precisam ser solucionados. O conjunto propositivo de respostas para a solução dos conflitos representa um campo de alternativas constituídas pela sociedade mediante os atos de consciência dos homens ancorados pelas formas ideológicas, ou seja, a ideologia é o complexo que visa solucionar os conflitos que se apresentam para os indivíduos. A ideologia é eficaz quando consegue convencer aos indivíduos que os interesses de um grupo são vitais para todos e, nesse sentido, os faz agir pelo conjunto de representações, valores e teorias científicas que determinam e sustentam a estrutura social atual.

O espetáculo esportivo efetiva-se como arma ideológica burguesa ao ocultar a realidade e produzir valores que intervêm diretamente para a harmonização ou apaziguamento dos conflitos sociais de classe, e não para a sua superação, uma vez que esta exigiria a transformação do conjunto de relações de produção social. Um exemplo disso é a reprodução da naturalização das classes sociais postas pelos elementos de competição, rendimento, concorrência, disciplinamento, constituintes da sociedade sob a propriedade privada dos meios de produção.

Aqui chegamos ao ponto da exposição da relação entre a mercadorização do espetáculo esportivo e o processo de fetiche da mercadoria. Chegamos à seguinte afirmação, ainda que possa ser provisória, nesta trajetória: compreendemos o esporte como fruto das transformações das ações de dança, jogos, com a finalidade de satisfazer as necessidades religiosas e militares. Com o desenvolvimento da grande indústria, modifica-se o motivo da prática constituindo-se uma atividade, esporte. Sob os ditames da sociedade capitalista o esporte torna-se mercadoria, atuando como ação da atividade de trabalho produtivo. No modo de produção atual, as mercadorias, tendencialmente, ocultam as propriedades do trabalho humano ao abstrair o próprio valor de uso que, por sua vez, coisifica e controla o próprio produtor.

A forma mercadoria do espetáculo esportivo secundariza o seu valor de uso que, semelhante a qualquer mercadoria no capital, tem por objetivo gerar mais valor ao incorporar a esfera da circulação. Para sobreviver na lógica do capital, o espetáculo esportivo necessita do desenvolvimento da ciência e da tecnologia para permitir o acesso e o consumo em escala global e garantir o processo de aumento da produtividade e rendimento visando valor de troca.

Nesse tocante, outro elemento é a propaganda de inúmeras mercadorias relacionadas, consumidas mediante a oferta do espetáculo esportivo. Este arcabouço de mercadorias envolvidas no setor esportivo engloba a vida social dos indivíduos de forma mascarada, transformando-as em objetos personificados que banalizam a vida dos que a produzem.

O espetáculo esportivo é a inversão das imagens reais que condiciona o comportamento humano frente o consumo exacerbado. O espetáculo esportivo, em sua forma imediata, apaga a captura verossímil do real pela redução de suas imagens à aparência da mercadoria. Trava relações sociais apenas pelo acesso aos produtos do trabalho de outros homens. O relacionamento com as mercadorias pela ênfase em seu valor de troca reifica a consciência dos indivíduos e dá vida aos objetos, tornando os indivíduos escravos do que criaram. Dito de outro modo, é a mercadoria que ganha poderes especiais de determinar o comportamento dos homens e suas relações sociais, que leva o produtor a ser representado como nada, e a mercadoria como tudo.

Acreditamos que essa reflexão é relevante para compreensão da realidade do sistema capitalista e suas mazelas. Visto que o esporte é um espectro que ronda as aulas de Educação Física cotidianamente, este debate pode colaborar para que sua apropriação não se efetive de forma acrítica, isto é, não se realize uma absorção mediada pelo espontaneísmo, pela naturalização, pela apropriação em si, mas uma compreensão do seu verossímil significado com intuito de contribuir para uma sociedade superior ao capitalismo, o que exige estudos específicos de sua viabilidade e efetividade.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999.

ASSIS, S. **Reinventando o esporte**. Campinas: Autores Associados, 2001.

BEDESCHI, Giuseppe. **Alienación y fetichismo en el pensamiento de Marx**. Corazon, 1972.

BÖHME; V. **Sport Im Spätkapitalismus**. Frankfurt, 1971.

BRACHT, V. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista. **Revista Brasileira de Ciências do esporte**, v. 7, n. 2, p. 62-68, 1986.

\_\_\_\_\_. Esporte, história e cultura. In: PRONI, M.; LUCENA, R. (Org.). **Esporte: História e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002.

\_\_\_\_\_. **Sociologia Crítica do Esporte**. Ijuí: UNIJUÍ, 2005.

BREILH, J. A negação do esporte como lógica da vida e da saúde megaspectáculos: cara visível e contraditória do caráter predatório e malsão do esporte-negócio. In: CAPELA, P.; TAVARES, E. (Org.). **Megaeventos esportivos: suas consequências, impactos e legados para a América Latina**. Florianópolis: Insular, 2014.

BROHM, J. M. **Deporte, cultura y represión**. Barcelona: Gustavo Gili, 1978.

\_\_\_\_\_. **Sociologia política del deporte**. México: Fondo de cultura econômica, 1982.

BETTI, M. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Papyrus Editora, 1998.

\_\_\_\_\_. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

CHEPTULIN, Alexandre. **A dialética materialista**. São Paulo: Alfa-Omega, 2004.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

COLOMBO, B. D. **O esporte e a expansão do capital: as críticas, contradições e implicações para a educação física**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação)-Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

DAVÍDOV, Vasili. **La enseñanza escolar y el desarrollo psíquico**: investigación psicológica teórica y experimental. Tradução de Marta Shuare. Moscú: Progreso, 1988.

DAVÍDOV, Vasili. **Tipos de generalización en la enseñanza**. 3. ed. Habana: Pueblay Educación, 1982.

DAVIDOV, V.V. Uma nova abordagem para a investigação da estrutura e do conteúdo da atividade. In: HEDEGARD, Mariane e JENSEN, Uffe Jull. **Activity theory and social practice: cultural-historical approaches**. Aarhus (Dinamarca), Aarhus University Press, 1999. Tradução de José Carlos Libâneo.

DAVÍDOV, V. V.; SLOBÓDCHIKOV, V. I. La enseñanza que desarrolla em la escuela del desarrollo. In: **La educación y La enseñanza: una mirada al futuro**. Moscú, Progreso, 1991.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUARTE, Newton. Formação do Indivíduo, Consciência e Alienação: o ser humano na psicologia de A. N. Leontiev. **Caderno Cedes**, Campinas, vol. 24, n. 62, p. 44-63, abril 2011.

ENGELS, F. **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. São Paulo, Global editora, 1986.



FORTES, Ronaldo Vielmi. **Trabalho e gênese do ser social na Ontologia de G. Lukács**. Dissertação de Mestrado em Filosofia – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao Sol e à Sombra**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

GONZÁLEZ, Jaime Fernando. Sistema de classificação dos esportes In: REZER, R.(Org.). **O fenômeno esportivo: ensaios crítico-reflexivos**. Chapecó: Argos, 2006.

HOBSBAWM, E. J. **A era dos impérios: 1875 à 1914**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

INFRANCA, Antonio. **Trabalho, indivíduo, história: o conceito de trabalho em Lukács**. São Paulo: Boitempo, 2014.

JAPPE, Anselm. **Guy Debord**. Lisboa: Antígona, 2008.

JAPPE, Anselm. **Uma conspiração permanente contra o mundo: reflexões sobre Guy Debord e os situacionistas**. Lisboa: Antígona, 2014.

JUNIOR, W. M. **Sacando o Voleibol**. Ijuí: Unijuí, 2004.

KUENZER, A. **Trabalho e escola: a aprendizagem flexibilizada**. Reunião Científica Regional da Anped – ANPED SUL, 2016.

KOSIK, K. **Dialética do Concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

KOPNIN, Pável Vassílyevitch. **A dialética como lógica e teoria do conhecimento**. Civilização Brasileira, 1978.

LAGUILLAUMIE, P. Para una crítica fundamental del deporte. In BROHM, J. **Deporte, cultura y represión**. Barcelona: Gustavo Gili, 1978.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. 2 ed. São Paulo: Editora Moraes, 1978.

LEONTIEV, Alexis N. Uma contribuição à Teoria do Desenvolvimento da Psique Infantil. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 10ª ed. São Paulo: Ícone, 2006. p. 59-102.

LESSA, S.; TONET, I. **Introdução à filosofia de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

LONGAREZI, Andréa Maturano; PUENTES, Roberto Valdés (Org.). **Ensino desenvolvimental**: vida, pensamento e obra dos principais representantes russos. Uberlândia: EDUFU, 2013. (Coleção biblioteca psicopedagógica e didática. Série ensino desenvolvimental; v. 1).

LUKÁCS, G. **História e consciência de classe**: estudos sobre a dialética marxista [tradução Rodney Nascimento]. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LUKÁCS, G. **O jovem Marx e outros escritos de filosofia**. Rio de Janeiro, editora UFRJ, 2009.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo, Brasil: Boitempo, 2012.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo, Brasil: Boitempo, 2013.

MANACORDA, M. **Marx e a pedagogia moderna**. São Paulo: Autores associados, 1991.

MARTINS, L. M. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar**. Campinas: Autores Associados, 2013.

MALINA, A.; CESARIO, S. **Esporte**: fator de integração e inclusão social? Campo Grande: UFMS, 2009.

MARINHO, V. **O Esporte pode tudo**. São Paulo: Cortez, 2009.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

\_\_\_\_\_. **Contribuição à crítica da economia política.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Grundrisse:** manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. 1. ed. 1. reimpr. Boitempo: 2011.

\_\_\_\_\_. **O capital:** crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital [tradução de Rubens Enderle]. São Paulo: Boitempo, 2013.

\_\_\_\_\_. **O Capital,** livro 1, capítulo VI (inédito). São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã:** crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). São Paulo: Boitempo, 2007.

MÈSZÁROS, István. A reconstrução Necessária da Dialética Histórica. In: JINKINGS, Ivana; NOBILE, Rodrigo (Orgs.). **István Mészáros e os Desafios do Tempo Histórico.** São Paulo: Boitempo, 2011a, p. 235-265.

MÈSZÁROS, I. **Para além do capital:** rumo a uma teoria da transição. Tradução de Paulo Cezar Castanheira e Sérgio Lessa. Campinas, São Paulo: Boitempo, 2011b.

\_\_\_\_\_. **A educação para além do capital.** Tradução de Isa Tavares. 2ªed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MORAES, M. **Iluminismo às avessas:** produção de conhecimento e políticas de Formação docente. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NASCIMENTO, Carolina Picchetti. **A atividade pedagógica da Educação Física: a proposição dos objetos de ensino e o desenvolvimento das atividades da cultura corporal.** 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

ORTIGARA, Vidalcir. **A ausência sentida nos estudos em Educação Física**: a determinação ontológica do ser social. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, 2002.

OURIQUES, N. Megaeventos no Brasil, o desenvolvimento do subdesenvolvimento e o assalto ao Estado. In: CAPELA, P.; TAVARES, E. (Org.). **Megaeventos esportivos**: suas consequências, impactos e legados para a América Latina. Florianópolis: Insular, 2014.

PIRES, G. **Mídia, esporte e ilusão**. Fórum Internacional de Esporte e Lazer – SESC. Rio de Janeiro, 2006.

PRONI, M.; LUCENA, R. **Esporte**: História e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002.

PRONI, M. Brohm e a organização capitalista do esporte. In: PRONI, M.; LUCENA, R. (Org.). **Esporte**: História e sociedade. Campinas: Autores Associados, 2002.

RANIERI, Jesus. **A câmara escura**: Alienação e estranhamento em Marx. São Paulo: Boitempo, 2001.

RIGAUER, B. **Sport and arbeit**. Münster: Lit Verlag, 1981(1ª edição, Suhrkamp, 1969).

\_\_\_\_\_. **Warenstrukturelle Bedingungen leistungssportlichen Handelns**. Achenbah: Lollar, 1978.

ROSENTAL, M. STRAKS, G. **Categorias Del Materialismo Dialectico**. Grijaldo, México, 1958.

SHEPTULIN, Alexandre. La teoría y el método. In: SHEPTULIN, Alexandre. **El método dialéctico de conocimiento**. Buenos Aires: Editorial Cartago, 1983.

SILVA, A. M. **Esporte espetáculo**: a mercadorização do movimento corporal humano. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis. 1991.

SOARES, C. L. **Educação física: raízes européias e Brasil.** Campinas: Autores Associados, 2001.

SOUZA, João Francisco de. **Uma pedagogia da revolução.** São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1987.

TORRIGLIA, Patricia Laura. Produção de conhecimento e educação: considerações para pensar o ser social na sociedade contemporânea. In: LEITE, Denise, SANTOS LIMA, Elizeth. **Conhecimento, avaliação e redes de colaboração: produção e produtividade na universidade.** Porto Alegre: Editora Sulina, 2012.

TUBINO, M, J, G. **Dimensões sociais do esporte.** 2º ed. São Paulo: Cortez, 2001.

TUMOLO, P. S. **O trabalho na forma social do capital e o trabalho como princípio educativo: uma articulação possível?** Educação e Sociedade, Campinas, v. 26, n. 90, 2005.

VINNAI, G. **Fussball als Ideologie.** Frankfurt, 1970.